

EXPOSIÇÃO
BIOBIBLIOGRÁFICA

ESCREVIVENDO URBANO

TAVARES RODRIGUES

Ficha técnica

Museu do Neo-Realismo

Coordenador
David Santos

Conservação e investigação
David Santos
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja

Inventariação e catalogação
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
Graça Silva
Luísa Cordeiro
Lurdes Pina

Serviço Educativo
Marta Borges
Ana Anacleto

Comunicação e Relações públicas
Rogério Silva

Comunicação e edição
David Santos
Rogério Silva
Lurdes Aleixo

Registo
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
Graça Silva

Biblioteca
Luísa Cordeiro

Secretariado
Maria Trindade Veiga
Gabriela Candeias
Eugénia Viana

Recepcionistas-vigilantes
Alice Cardoso
Maria Guiomar Alves
Rute Oliveira
Vanda Isabel Arsénio

Organização
Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
Divisão de Património e Museus
Museu do Neo-Realismo

Curadoria
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja

Assistência de curadoria
Lurdes Aleixo

**Investigação, selecção
e org. documental**
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja

Apoio à pesquisa
Graça Silva
Luísa Cordeiro
Lurdes Pina

Concepção e museografia
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja

Apoio à concepção
Dulce Antunes

Coordenação de Produção
Luísa Duarte Santos

Produção
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
Lurdes Aleixo

Secretariado
Maria Trindade Veiga
Gabriela Candeias
Eugénia Viana

Conservação e restauro
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja

Montagem
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
Ana Anacleto
Eugénia Viana
David Santos
Graça Silva
Luísa Cordeiro
Lurdes Aleixo
Lurdes Pina
Marta Borges
Rogério Silva
Miguel Oliveira/GGIRP
DOVSM/ DEFG:
carpintaria, pintura e electricidade
Grafimeios
António Castanheira (realizador)

Planeamento e logística
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
David Santos
Lurdes Aleixo

Seguros
Allianz Seguros

Comunicação
Rogério Silva
GGIRP
Filomena Serrazina
Prazeres Tavares

Serviço Educativo
Marta Borges
Ana Anacleto

Edição
Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
e Museu do Neo-Realismo,
Junho de 2009

Organização e coordenação editorial
Luísa Duarte Santos

Textos
Maria da Luz Rosinha
David Santos
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
Nuno Júdice
Urbano Tavares Rodrigues

Produção
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja

Apoio à produção
Lurdes Aleixo

Pesquisa e organização documental
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja

Apoio à pesquisa
Graça Silva
Luísa Cordeiro
Lurdes Pina

Catalogação
Sílvia de Araújo Igreja

Design gráfico
Dulce Antunes
GGIRP

Fotografia e digitalização
Luísa Duarte Santos
Eugénia Viana

Produção gráfica:
Pré-impressão, Impressão e Acabamento
Palmigráfica

Revisão
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
Rogério Silva

ISBN
978-989-8254-01-6

Coordenadas
Latitude: 38° 57' 16,15" N
Longitude: 8° 59' 22,79" W

Depósito Legal
295409/09

Tiragem
600 exemplares

Museu do Neo-Realismo
Rua Alves Redol, 45
2600-099 Vila Franca de Xira
neorealismo@cm-vfxira
www.museudoneorealismo.pt

© Museu do Neo-Realismo
© Dos textos e das fotografias,
os autores

Agradecimentos
Urbano Tavares Rodrigues
Ana Maria Salvado
Nuno Júdice
António Castanheira
Francisco Simões
Possidónio Cachapa
Rui Breda / Publicações
Dom Quixote
Museu Nacional de Arqueologia
Torre do Tombo

neorealismo
MUSEU DO NEO-REALISMO

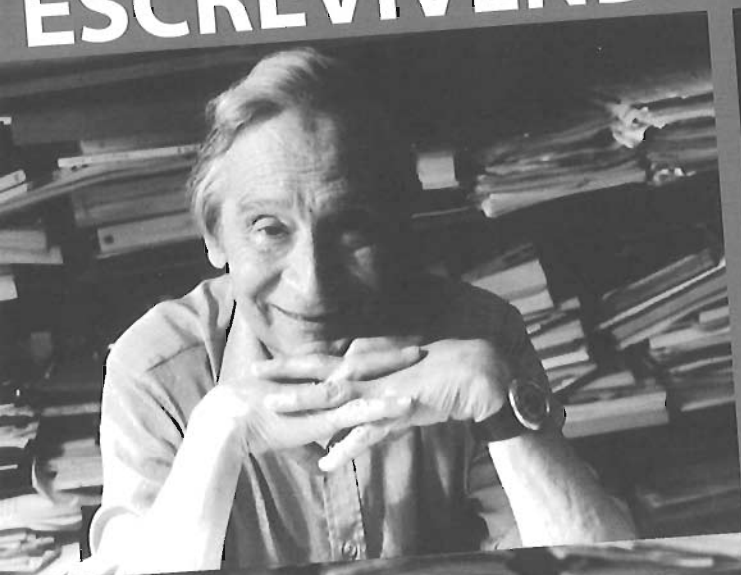
Apoio

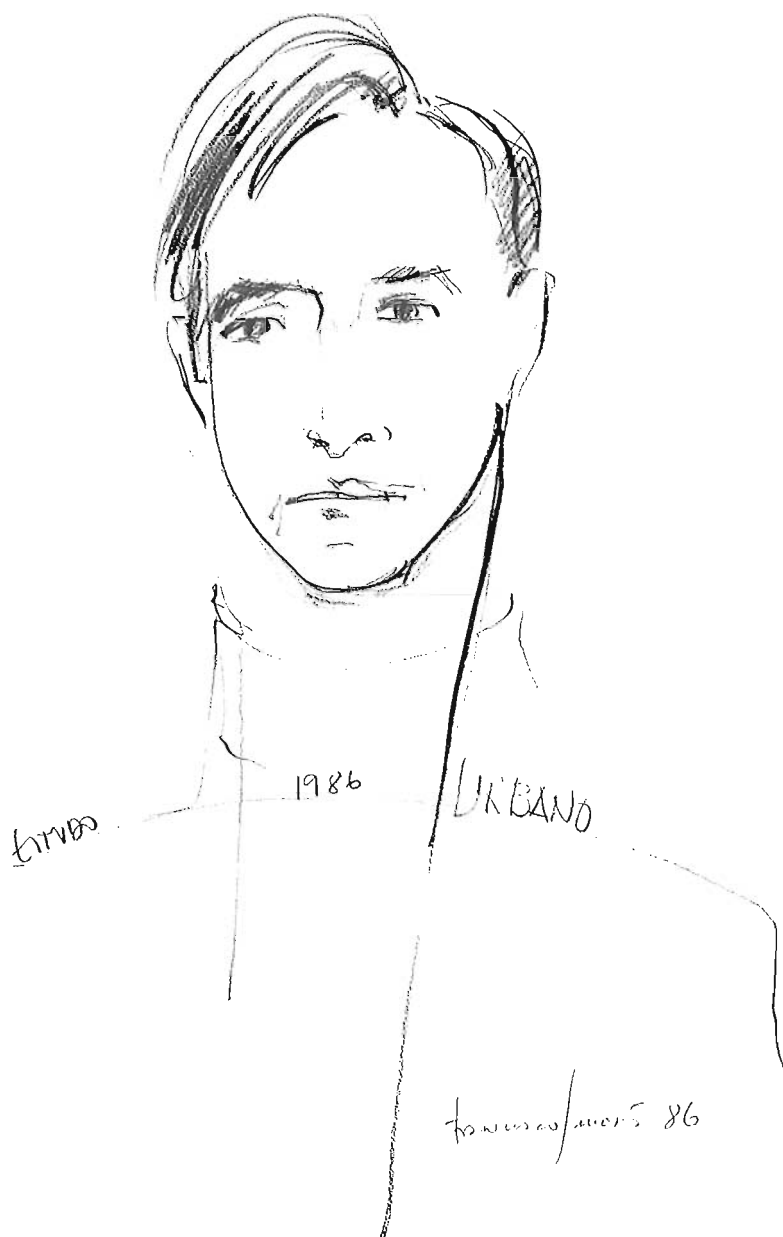
ANTENA 2

EXPOSIÇÃO
BIOBIBLIOGRÁFICA

ESCREVIVENDO URBANO

TAVARES RODRIGUES





Estudo Urbano, 1986
Francisco Simões
Grafite s/papel

Urbano Tavares Rodrigues: o escritor incansável

Maria da Luz Rosinha

Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Urbano Tavares Rodrigues (Lisboa, 1923) é hoje reconhecido como um dos mais importantes e profícuos escritores de língua portuguesa, tendo dado à estampa inúmeros títulos ao longo de quase seis décadas. Ficcionalista na área do romance, do conto e da novela, é também poeta, ensaísta e cronista, apresentando uma diversidade de temas e de interesses que o definem como um escritor de grande dimensão humanista. Do existencialismo ao neo-realismo, da análise psicológica das personagens à profundidade de leitura e análise sobre a literatura portuguesa, Urbano Tavares Rodrigues revela sempre um apurado sentido das palavras, entre a metáfora e a observação do real, transformando o nosso olhar através de uma consciencialização social que não esquece o valor próprio da imaginação, como se a utopia social e política fosse o espelho de um sonho ou de um desejo de raiz literária.

Tendo pertencido ao MUD (Movimento de Unidade Democrática), participou em inúmeras actividades da oposição ao Estado Novo, nas Juntas de Acção Patriótica, no assalto ao Quartel de Beja. Na sequência do apoio à candidatura do General Humberto Delgado (1958), foi expulso da Universidade, sendo ainda impedido de dar aulas nas escolas portuguesas. Em 1963, foi preso no Aljube, voltando a sê-lo em várias outras ocasiões. Desde esses tempos, o escritor tem tido uma constante intervenção cívica e política. Antes e depois do 25 de Abril, participou em incontáveis sessões e colóquios sobre literatura, teatro e outros temas culturais, por todo o país, numa actividade de divulgação sem par. Tendo vivido a infância no Alentejo, dedicou a esta região e aos seus problemas grande parte da sua obra, ainda que o cosmopolitismo das grandes cidades tenha estado também presente em muitos dos seus títulos.

Conhecedor do mundo, tendo viajado por quase todos os continentes, Urbano Tavares Rodrigues soube, como poucos, expressar por palavras a diversidade cultural das sociedades, contribuindo assim para uma visão mais justa e esperançosa sobre a humanidade, pensando-a de um modo global sem nunca olvidar o respeito pelas diferenças. Por isso, sempre preservou valores maiores como a liberdade, a solidariedade e a coragem de transformar a vida, abrindo caminhos de reflexão e paixão sobre a acção dos homens, no compromisso essencial de uma defesa inabalável da dignidade do Homem. Deste modo, é para nós uma grande honra poder homenagear um homem e um escritor da dimensão de Urbano Tavares Rodrigues, produzindo com dedicação e empenho a exposição biobibliográfica que agora lhe dedicamos. O nosso maior agradecimento vai necessariamente para o escritor e a sua família, que nos abriram as portas da sua casa, permitindo conhecer e dar a ver importante documentação que nos revela uma vida e uma obra ímpares. O Museu do Neo-Realismo prossegue, assim, com a exposição *Escrevendo Urbano*, a sua tarefa de valorização e conhecimento sobre a cultura portuguesa, afirmando-se cada vez mais no panorama museológico do nosso país.



Urbano Tavares Rodrigues, Alves Redol, Armando Bacelar, Ferreira de Castro, Jorge Amado, Álvaro Salema, Alexandre Cabral, Manuel Alpedrinha, Corregedor da Fonseca, na festa em honra do escritor brasileiro, nas Publicações Europa-América, a 26 de Fevereiro de 1966.

cat. 146



1960-1969
1970-1979
1980-1989
1990-1999
2000-2009
2010-2019
2020-2029



Num jardim de Frankfurt, no final dos anos 60.

cat. 40

Apresentação

David Santos

Coordenador do Museu do Neo-Realismo

O Museu do Neo-Realismo tem desenvolvido uma actividade programática assente na investigação e divulgação da cultura portuguesa, em particular, a que nos aproxima do movimento neo-realista, isto é, de uma leitura mais ampla e plural sobre o seu significado. *Escrevivendo Urbano*, exposição biobibliográfica dedicada ao escritor Urbano Tavares Rodrigues, insere-se, assim, como momento maior de um percurso museológico que insiste em promover novas linhas de investigação e leitura em torno de alguns dos maiores valores da literatura portuguesa do último século.

Ainda que o percurso literário do escritor, iniciado ao nível da ficção com *A Porta dos Limites* (1952), não se reduza, evidentemente, ao desejo de intervenção social que caracteriza o neo-realismo, tendo no existencialismo e no "nouveau roman" outras influências estilísticas decisivas, o seu labor não deixa estar sempre ligado, nas suas diversas fases, a uma profunda utopia sobre a transformação da sociedade. Esse designio é, aliás, uma das suas mais coerentes características, confirmando Urbano Tavares Rodrigues como um dos escritores que, numa segunda fase do movimento neo-realista, mais contribuiu para um lirismo empenhado na simultânea descoberta do ser humano e do seu significado político e social. Desse período ficaram-nos obras como *Uma pedrada no charco* (1957), *Bastardos do Sol* (1959), *As aves da madrugada* (1959), *Nus e Suplicantes* (1960) e *Os Insubmissos* (1961), narrativas marcadas pela atmosfera opressora do regime salazarista e pela necessidade de uma libertação social, individual e colectiva.

O incansável labor literário de Urbano Tavares Rodrigues traduziu-se, no entanto, ao longo de quase seis décadas, numa vasta produção que em muito supera a sua dimensão realista, incluindo romances que investem mais no sentido poético do amor ou na apreciação dos pequenos rumores da vida, ou ainda inúmeros ensaios (alguns deles de reflexão sobre os destinos do neo-realismo português) que nos ajudam a compreender, por dentro, a idiossincrasia da literatura portuguesa das últimas décadas. O número de títulos publicados pelo escritor nos mais diversos géneros literários dá conta de uma extraordinária actividade, como se viver e escrever formassem de facto um novo verbo: escrever. Verbo inventado por Urbano em 1970 a propósito de uma primeira edição dos seus "ensaios literários"¹. Por isso, a inevitabilidade do título escolhido para esta exposição: *Escrevivendo Urbano*, que remete, no entender das curadoras Luísa Duarte Santos e Sílvia de Araújo Igreja, para uma plena consciência da indissociabilidade destas duas dimensões em Urbano Tavares Rodrigues e matriz de uma ambição partilhada connosco, a busca de um mundo melhor. Isso mesmo nos é confirmado na mensagem dirigida pelo escritor ao Museu do Neo-Realismo e que é uma súplica do seu caminho, espécie de transversal desejo: "Acumular livros, romances, novelas, muitos contos, ensaios, prefácios, artigos, pode significar uma procura incessante de perfeição e

sobretudo de desejo de comunicar, de lutar por uma sociedade melhor, por uma nova fraternidade. São despojos de uma vida intensa, sempre ligada à escrita, mas também de resistência, risco e sofrimento. Neste fim de jornada ainda não deponho as armas, isto é, a pena, o que me resta"². Nós desejamos apenas que assim se mantenha por muito tempo, fazendo da escrita a sua arma, o seu inestimável contributo para a sociedade que nos rodeia e da qual todos fazemos parte.

Esta exposição não teria sido possível sem o contributo de várias pessoas, pelo que gostaria aqui de agradecer, em nome do comissariado desta exposição, ao escritor Urbano Tavares Rodrigues pela amizade e generosidade sempre demonstradas ao longo de todo o processo de preparação e produção da presente mostra. À Ana Maria Salvado, sua companheira, a disponibilidade e a simpatia com que sempre nos acolheu e a preciosa ajuda na recolha de documentação. Ao poeta e professor Nuno Júdice pela imediata disponibilidade e pelo incontornável estudo cujo texto aqui publicamos. A Rui Breda, das Publicações Dom Quixote, aos realizadores António Castanheira e Possidónio Cachapa, ao mestre Francisco Simões, a Paulo Tremoceiro da Torre do Tombo e ao Museu Nacional de Arqueologia, pelos seus contributos para esta exposição.

Um agradecimento especial, naturalmente, às obreiras desta exposição documental, Luísa Duarte Santos e Sílvia de Araújo Igreja, curadoras incansáveis que não só desenharam o guião como coordenaram todo o processo da sua execução, bem como do catálogo que agora se publica. Agradecimentos extensíveis ainda à equipa do Museu do Neo-Realismo pelo apoio e colaboração prestados, assim como ao GGIRP e, em particular, a Dulce Antunes, bem como aos restantes serviços da Câmara Municipal pela cooperação na produção desta exposição e respectivo catálogo.

¹ Cf. Urbano Tavares Rodrigues, *Ensaios de Escrever*, Porto, Inova, 1970.

² Cf. neste catálogo, p. 59.



Bastardos do Sol
1959. 1ª ed. Ed. Arcádia
Capa de Vitor Palla

cat. 10



Age 50.

Alvor de um poeta de generosidade militante

Luísa Duarte Santos

Fim de tarde de Inverno. Tarde chuvosa. A uma mesa repleta de papéis, livros e outros objectos necessários, o escritor. Escrevendo, ainda e sempre, escrevendo. Entramos na sala, no mundo de Urbano. Numa sala de estantes cheias de vida, nas paredes quadros cheios de histórias. Histórias de afectos, amizades e cumplicidades. Na mesinha ao centro um desenho infantil de António; atrás da cadeira, um retrato do pai Urbano, feito com traços esboçados do pequeno artista de pouco mais de 2 anos: "é a minha alegria", confia-nos abertamente, por entre recordações e incursões ao passado. No seu olhar de 85 anos, trespassa a gentileza, a perspicácia, a vivacidade intelectual, mas também uma certa melancolia que coabita com a esperança. Lá fora, a chuva e o frio; lá dentro, a tranquilidade acolhedora e delicada; algures no centro de Lisboa.

Cidade onde nasce a 6 de Dezembro de 1923, na freguesia de Santa Catarina, filho do escritor e republicano Urbano da Palma Rodrigues e de Maria da Conceição Tavares. O pai tinha sido, depois da implantação da República, chefe de gabinete de Afonso Costa, e deputado à Assembleia Constituinte. Dois anos mais tarde, nasce seu irmão Miguel Urbano, escritor e jornalista.

Com três anos, Urbano vai viver com a família para Moura, terra dos seus antepassados paternos. O "monte da Esperança", lugar que marca decisivamente a sua infância, em descobertas de espaços de liberdade e de gentes, em aprendizagem do 'amor pelos seres e pelas coisas' e colorindo de tons solares toda a sua vida de escritor. *"...errando por aquele vasto Alentejo (...) cavalgávamos sempre pela luz dos campos e das nossas alegrias, eles iam vagueando à sombra de uma desgraça sem nome nem razão"*¹.

Durante a "revolução de Fevereiro de 1927, o jornal *O Mundo*, do qual o meu pai era director, apoiou os revolucionários. O meu pai foi preso e o jornal desapareceu, encerrado pela ditadura militar. Depois vendeu a casa de Lisboa e foi viver connosco para Moura até que a vida o forçou novamente a voltar para Lisboa"². Nesse ano nasce o segundo irmão, Jorge Eduardo.

Mesmo depois dos quatro anos da escola primária, quando volta a Lisboa para frequentar o Liceu Camões em 1934, as terras alentejanas continuam a fazer parte da sua adolescência, em regressos sazonais: *"Os cavalos cheiravam a pêlo suado, a ervas mortas e a coirame. Era um aroma campestre de força e de aventura!..."*³.

As primeiras leituras, nos livros retirados dos caixotes e da estante do escritório do pai, que lhe faziam brilhar os olhos, como a de Cervantes, aos 10 ou 11 anos quando ele e o "irmão Miguel lemos o Quixote em espanhol sem perceber muito e riamos à gargalhada com o sonhador do impossível percorrendo os campos da Mancha"⁴ – uma das suas primeiras literaturas de viagens, mas igualmente prolongando este conceito para um sentido mais lato, como "a procura do outro mas, simultaneamente, sendo a procura

do outro, acaba por ser muitas vezes a nossa própria descoberta, porque é na viagem que, comparando o outro mundo com o nosso, descobrimos as diferenças, as similitudes profundas e os traços mais marcantes – isso aconteceu comigo”⁵.

Desde jovem, anuncia um carácter sensível, delicado, atento ao mundo, e questionador do seu lugar nele, como escreveu na sua primeira publicação monográfica: “*adolescente, tive uma sensibilidade excessiva, de que me envergonhava...*”⁶; ou como partilha muitos anos mais tarde: “*nascido na burguesia rural alentejana, com parentela rica, de tradições antifascistas e saudosista da legalidade democrática, mas conservadora em matéria social, hesitei radicalmente, aos 13 anos – primeira crise – entre Deus e o Socialismo, sem outra alternativa. Como tantos na minha geração*”⁷.

Na adolescência, “*em Lisboa, repudiando embora uma farda [da mocidade portuguesa] que me quisessem impor e que significava o contrário dos valores em que eu fora criado e que até por mim próprio erigira, vivi a existência quotidiana dos estudantes da classe média, com suas primeiras reinvenções eróticas, seus ócios e leituras, suas amizades viris, zaragatas marialvescas, com o deslumbramento e o asco do prostíbulo e do clube, com a violência, a exaltação e a repulsa de quem não se adaptava, apesar de tudo, à própria vida*”⁸.

Após os estudos liceais, Urbano concorre à Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, na qual frequenta apenas o primeiro ano.

Aos 20 anos é incorporado no Serviço de Administração Militar, como “soldado-cadete no Quartel do Lumiar, tendo logo em seguida baixado ao Hospital Militar da Estrela, em Lisboa, onde foi dado como incapaz, por sofrer de lesão pulmonar”⁹. Vai convalescer para Cardigos, em Mação, onde permanece uns meses.

Em 1944, opta pelo curso de Filologia Românica na Faculdade de Letras, em Lisboa, tendo como mestres Jacinto do Prado Coelho, Vitorino Nemésio, Hernâni Cidade, e como colegas David Mourão-Ferreira, Luís Lindley Cintra, Augusto Abelaira, António Coimbra Martins, Mário Soares, entre outros. É com alguns deles que se envolve solidariamente na Greve Académica desencadeada pelos estudantes da Faculdade de Medicina, por altura do Dia do Estudante. Na sequência destas lutas estudantis são detidos vários dirigentes do MUD juvenil, em particular da Comissão Académica de Lisboa, e umas semanas depois, o MUD é ilegalizado pelo Ministro do Interior. Esta foi a sua primeira participação política numa altura em que ainda não estava suficientemente desperto para as questões políticas, embora já fosse sensível às sociais, mormente pelas suas vivências alentejanas. Enquanto aluno de Letras, faz as primeiras incursões na escrita: uma primeira narrativa, ou ‘tentativa’ de romance em ensaios de escrevinhar, em *horas perdidas* ou ganhas, e que só será publicado, *a desoras*, nos finais dos anos 60; e como repórter, na redacção do *Diário de Notícias*.

No ano de 1949, conclui a licenciatura em Românicas, tendo a sua dissertação sido orientada pelo Prof. Jacinto do Prado Coelho e aprovada com dezoito valores. O tema *Manuel Teixeira Gomes: Introdução ao Estudo da sua Obra* tem sido recorrente na sua longa vida de ensaísta e académico, nomeadamente na sua tese de doutoramento, *M. Teixeira Gomes: O Discurso do Desejo*, publicadas respectivamente em 1950 e 1984¹⁰. Como refere, aquele autor foi um “escritor de viagens que eu descobri na estante do meu pai,¹¹ que mais tarde havia de ter uma enorme importância quer na minha obra ensaística quer nos meus livros de ficção” marcando-o “no sentido da viagem, mas também numa espécie de esteticismo, de crítica social”¹² e sensualismo.

No ano anterior, em 1948, tinha feito uma viagem à Galiza onde frequentou os Cursos

de Verano para Nacionales y Extranjeros na Universidade de Santiago de Compostela, e da qual resulta um conjunto de crónicas que é publicado com o nome daquela cidade galega. Apontamentos, reflexões e expressões emotivas do seu olhar sobre os peregrinos, a 'alma espanhola', as fiestas na rua, retratos em movimento das diversas formas de estar de outras gentes. Surgem logo neste primeiro volume, abordagens aos temas da morte e do amor, 'forças naturais' que acompanham toda a sua obra.

É na Faculdade, no antigo edifício da Academia de Ciências de Lisboa, que conhece, em 1944, a sua colega do curso de Germânicas, Maria Judite de Carvalho, futura escritora. Casam a 3 de Outubro de 1949, e partem para o sul de França, para a Provença, onde Urbano assume o cargo de leitor de Língua e Literatura Portuguesas, na Universidade de Montpellier; logo depois acumula-o com o de responsável do curso de Língua e Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras de Aix-en-Provence, até 1951-52.

Durante o primeiro verão dessa estadia em terras provençais, nasce a filha do casal: Maria Isabel, que permanecerá em Portugal sob os cuidados da avó paterna no Alentejo; mais tarde também envereda por uma carreira nas letras¹³.

É também em chão gálico que Maria Judite e Urbano encontram a escrita de contos: ela com o que viria a ser *Tanta gente, Mariana*¹⁴; ele com *A porta dos limites* (1952)¹⁵, a sua primeira obra ficcional, publicada.

Influenciado pelo existencialismo, pelo embrião de uma escrita que marcaria o 'nouveau roman', este livro inicial constitui uma porta aberta para um limiar ficcional que progressivamente se foi abrindo e alargando num espaço literário de liberdade, de resistência e de coerência, de experimentação estilística e experiência humana. Escritos em França e convocando locais aparentemente tão díspares como Itália, Paris, Barcelona, Berlim, Alexandria, ou Alentejo e Lisboa, estes contos e novelas reflectem um cosmopolitismo nas personagens e nos ambientes, representando histórias universais, sem lugares, onde habitam a solidão no meio das gentes, os sentimentos, as paixões, a necessidade de intimidade ou a sua ausência, os actos criadores e destrutivos intrínsecos ao ser humano. Logo desde os primórdios, Urbano revela-se um "contista-poeta do Amor, do Sexo, da Inteligência e da Aventura"¹⁶.

Idêntico lugar de acção no seu segundo livro de ficção, *Vida perigosa* (1955)¹⁷, onde personagens lusas vivem em locais românicos (Toulon, Paris, Marselha) numa representação dos processos de adaptação e ajustamento das duas mentalidades culturais (auto-biográfico?); como no primeiro livro, um conto final, de regresso ao Alentejo, reduto último ou 'porto seguro' em lugar de acalento de Urbano Tavares Rodrigues, como culminar do dramatismo que percorre aqueles textos.

Depois do Sul de França, Urbano é convidado em 1952 para a Faculdade de Letras, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros, na Sorbonne em Paris, trabalhando com os professores Robert Ricard e Léon Bourdon. Publica em 1954, como separata do *Bulletin des Études Portugais*, a conferência que pronunciou nesse Instituto em Maio de 1953, e intitulada *Présentation de Castro Alves* (1954), acerca do poeta brasileiro, de uma estética lírica e solidária, "poeta puro da liberdade", e dos seus cruzamentos com a literatura europeia.

"Eu era professor na Sorbonne, muito jovem, e encarregado de curso, e o Vinícius [de Moraes] era secretário da embaixada. Comecei a falar com ele numa festa de Carnaval em que ele esteve a tocar violão. Lembro-me de amigos que tive e evoluíram diferentemente na vida e foram figuras marcantes na minha obra. Estão no princípio e, quem souber ler, vê que continuam lá. Albert Camus, Jean-Paul Sartre, André Malraux.



Em férias, perto da Casa da Barca junto ao rio Ardila, em Moura, em 1953.



Em 1951, com Maria Judite de Carvalho,
em Montpellier

Fui amigo do Camus, conheci um pouco Sartre, dei-me com ele, estivemos juntos num congresso para a liberdade da cultura em Florença. Com o Malraux dei-me pouco mas é como se me tivesse dado sempre. Livros como *A Esperança* ou *A Condição Humana* marcaram para sempre a minha personalidade e a minha obra"¹⁸. Autores e pensadores onde vai beber questões que marcam a sua literatura, as personagens que cria, os ambientes que delinea: a consciência do abandono e da solidão (elegida ou condicionada), o silêncio, a impotência e a inexplicabilidade das acções, o absurdo do mundo e da barbárie injustificada, as relações quotidianas, em suma, o questionamento da existência humana, são as temáticas que aproximam o autor do existencialismo, em reflexões de índole humanista, sobretudo individual, mas que como seres sociais e culturais se expande para um colectivo, com maior ou menor amplitude. Destes anos em França, abundantes em cultura, vivências pessoais e profissionais, numa liberdade que em Portugal não existia, Urbano reitera que 'foram os melhores anos da nossa vida'.

Em *A noite roxa* (1956) as suas narrativas são ainda de atmosfera cosmopolita, transmitindo uma sensibilidade da geração pós-guerra, em particular modos de vida de portugueses transplantados para terras europeias. Contudo, coexiste em outras novelas, como *Jornada sem regresso* ou *Poema do «Monte» agorardo* (dedicado à mulher, Maria Judite), uma recriação lírica ou mesmo social, em particular naquelas em que evoca a ruralidade alentejana, tela da sua infância. Duas novelas deste livro, são elevadas por João Gaspar Simões a obras-primas; tal como Baptista-Bastos que também assim qualifica a novela *Escombros*, no prefácio à 2ª edição: "a mais autêntica, mais livre, mais *interveniente* peça literária"¹⁹. Com a acção situada em Berlim, encruzilhada europeia da guerra fria, dramaticamente entrelaça existências em solidão, onde a morte é a via última de *vidas perigosas*, mesmo que a voz da vida clame a consciência nessa, e dessa, circunstância.

"Eu regressei a Portugal e comecei a trabalhar como jornalista no *Diário de Lisboa*. Isso deu-me uma imagem da vida e do poder. O fascismo português repugnava-me. Eu tinha uma ânsia de luta enorme que faz com que escreva livros de resistência que se confundem com o Neo-realismo, um período onde escrevi *Uma Pedrada no Charco*, *Os insubmissos*. (...) Fui, sobretudo, um escritor de resistência que, por vezes, se pode confundir com o escritor neo-realista"²⁰.

Neste seu retorno, em 1955, e ao ingressar na redacção daquele periódico (onde trabalha até 1961), viaja amiúde como seu correspondente. De quase dois meses de uma viagem ao Oriente, e Médio Oriente, resulta o livro de crónicas *Jornadas no Oriente* (1956) e "a consciência de novos valores, a revelação de mais latas dimensões da vida. Para além da elegância e da estesia, do erotismo e da piedade, do subjectivismo e da complacência (...) senti crescer em mim, ao contacto com o Oriente, invadindo-me, alagando-me, uma avassaladora, ingente, solidariedade humana"²¹.

Género literário a que volta recorrentemente: notas e crónicas de viagens que assumem forma em *Jornadas na Europa* (1958) que recebe o Prémio Afonso de Bragança²². Textos escritos entre 1949 em Veneza, e 1957 na Grécia e no Magreb, algumas das quais enquanto correspondente, revelando a sua relação com um continente: a "*Europa tem para mim (...) um profundo valor moral, cultural e afectivo. É a família cultural a que pertença, família complexa e ramificada pelo mundo*"²³.

Em 1963 publica *De Florença a Nova Iorque*, grande parte dos textos produzidos como repórter daquele diário, outros na sequência de viagens como conferencista e académico –

desta bela cidade italiana à eterna Paris, à natal Lisboa, à ilha da Madeira, ao Brasil, às costas lusitanas, até à viagem além-atlântico – nas suas "*andanças pelo mundo*", *em torno de si "próprio e ao encontro dos outros ou de miragens"*²⁴. Três anos mais tarde, dá à estampa *Roteiro de Emergência* (1966), prosas soltas, entrevistas que apontam vias do pensamento, do gosto e da sensibilidade de um tempo vivo, através da sensação e do diálogo. Textos sobre socio-política, arte, arquitectura, literatura, registos diversos das passagens de Urbano por um mundo com gente. Em *Tempo de cinzas* (1968), para além de recuperar textos mais antigos, ensaísticos e novelísticos, lêem-se testemunhos de passagens coevas por Itália, França, Argentina e Brasil, abrindo o volume com crónicas sobre o 'Congresso Internacional sobre as Vanguardas Europeias de Ontem e de Hoje', no qual participou em Roma em 1965.

Crónicas e viagens que vai imprimindo soltas, mas que também vão impregnando as atmosferas das suas ficções num estilo que alguns denominaram como socio-existencialista. Impressões que assumem na sua escrita ficcional um pendor realista e humanista de que é exemplo *Uma pedrada no charco*, editado em 1957, com o qual Urbano Tavares Rodrigues recebeu o seu primeiro prémio literário, o Prémio Ricardo Malheiros da Academia de Ciências de Lisboa²⁵, num reconhecimento público do seu mérito literário. No posfácio à 3ª edição, Jacinto do Prado Coelho redige lucidamente acerca da obra de Urbano: "Escritor, não há dúvida, realista (...) tem praticado um realismo cada vez mais consciente e deliberado, analisando sem complacências aspectos sintomáticos da actualidade portuguesa, (...) nunca se atraçou, perfilha, portanto, uma ampla concepção de realismo"²⁶.

Constituído por três novelas e um conto, este quarto volume de ficção fecha com *O Monte das Rosas*, reminiscência constante e quase nostálgica de Urbano "à paisagem mítica da infância, ao Alentejo"²⁷, mas desta feita introduzindo explicitamente, e debatendo num contexto ficcional e na boca de uma das personagens femininas, um dos temas centrais daquele que virá a ser, anos mais tarde, um dos seus ensaios mais marcantes *Realismo, Arte de Vanguarda e Nova Cultura* (1966), estudo fundamental sobre a sua concepção de neo-realismo e o seu posicionamento numa literatura de vanguarda, colocando questões entre a arte 'útil' e a arte 'livre', a intenção artística e a qualidade da arte.

Entre a experiência própria como escritor e os contributos de reflexões que foi fazendo como ensaísta e crítico de literatura, Urbano afirma em meados da década de sessenta, mas com uma intencionalidade, ou com uma lucidez que começou a germinar anos antes, a necessidade de uma "*nova cultura como síntese de uma nova consciência estética e de uma concepção socialista do mundo e do futuro. (...) uma arte com historicidade, (...) um amplo neo-realismo*"²⁸, e com os valores que ele mesmo reclama no seu acto criador: "*são precisamente os valores consciência, descoberta, beleza, invenção os factores de renovação dessa cultura humanista (...). Aspecto capital desta nova cultura (ou deste realismo sem crisma) será a liberdade de criação, a negação da obra de arte de encomenda, (...) [pois] só perduram as obras que ao talento reúnam a autenticidade*"²⁹. E prossegue: "*O artista autêntico está por natureza comprometido como tal (...) mas no real e não numa ideologia, ainda que, como cidadão a propugne*"³⁰ e, no caso do escritor, *inevitavelmente a reflecta*"³¹.

Nestes ensaios, sobretudo no primeiro, é revelada expressamente a proximidade de Urbano aos princípios culturais e de criação artística que se fundam no realismo humanista, encarando-a como a verdadeira cultura de vanguarda, ou antes, que supera

"a vā polémica com a chamada vanguarda"³². É dando um novo nome ao mundo que se pode recriá-lo, e só pela sua recriação, se pode processar a almejada transformação. É também sob estes pilares que assenta este ensaio essencial – e crucial igualmente para o estudo e compreensão do(s) neo-realismo(s) –, e que Urbano Tavares Rodrigues funda a sua renomeação do mundo através da escrita.

Nos últimos anos da década de cinquenta, a par da sua actividade jornalística no referido jornal diário, começa uma activa colaboração com variadas publicações periódicas – *Colóquio*, *Almanaque*, *Vértice*, *Gazeta Musical e de todas as Artes*, entre outros – e, em 1957 é co-director do efémero *Europa – Jornal de Cultura*.

Nesse período, Urbano lecciona no Liceu Camões, e é convidado para professor de ensino da Literatura Portuguesa a estudantes estrangeiros na Faculdade de Letras de Lisboa. No ano seguinte é admitido como segundo assistente nesta Faculdade, tendo a regência da disciplina Literatura Francesa, primeiro sob a orientação do Professor Vitorino Nemésio como seu assistente e, depois regendo ele mesmo, as aulas de Literatura Portuguesa.

O empenhamento político na candidatura de Humberto Delgado à presidência da República é o primeiro passo de um caminho de resistência e de semi-clandestinas acções oposicionistas, que o levará a ser preso, por três vezes, nos anos sessenta, pelas mãos da PIDE. Em Outubro de 1959 é afastado da Faculdade por motivos políticos, e em 1961 ocorre a sua primeira prisão, num processo colectivo, com os intelectuais subscritores do 'Programa para a Democratização da República'³³.

Da ligação primordial a terras alentejanas, surge o natural convite, pelo responsável da colecção, Luís Forjaz Trigueiros, para que organizasse para a 'Antologia da Terra Portuguesa', uma selecção de "prosas e versos que ao leitor oferecessem a «alma alentejana»"³⁴. Dez anos mais tarde virá a elaborar um outro volume, desta vez sobre a *Estremadura*³⁵.

A sua vida literária é, aliás, pontuada por diversas antologias, em diferentes temáticas que lhe são caras; lembremos apenas duas: *O mundo do toureio na literatura de língua portuguesa* (1966) e *A saudade na poesia portuguesa* (1967). É de salientar neste aspecto, a convivência e a íntima relação que sempre teve com outros companheiros de ofício, se pensarmos nos múltiplos prefácios e antologias para os quais generosamente contribuía, e nos diversos congressos e conferências em que participou em Portugal, no Brasil, e em diversos países europeus. Em 1959 que é eleito para a Direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, e três anos mais foi proclamado presidente da secção portuguesa da Comunidade Europeia de Escritores, durante um triénio. *Bastardos do Sol* (1959), o primeiro romance de Urbano Tavares Rodrigues, é talvez o título que mais comumente lhe está associado como escritor. Objecto de múltiplas edições e traduções em várias línguas estrangeiras (francês, búlgaro, castelhano, grego), este livro é de uma "maturidade extrema", de uma "poesia dificilmente traduzível", "de um rigor estilístico dificilmente igualável nas nossas letras contemporâneas"³⁶, assim o define o seu prefaciador Claude Michel Cluny, sintetizando: "da realidade amarga [alentejana] (...) eleva-se um cântico despojado que é o de uma universalidade"³⁷. Para Luiz Francisco Rebello, no estudo que acompanha a 2ª edição e seguintes, "o que está em causa, em *Bastardos do Sol*, é a própria dignidade do homem, e o sentido do seu devir", "aqui, (...) a realidade move-se, evolui. Passado e presente são como a tese e antítese que dialecticamente preparam a síntese do futuro. (...) Uma concepção humanista do mundo como é a do materialismo dialéctico e uma prospecção de novos rumos estéticos não só não são incompatíveis como reciprocamente se exigem uma à outra"³⁸.

Há, em Urbano, uma "fidelidade a uma temática profundamente empenhada na dignificação e libertação do homem (...) uma consciência estética (...) que se exprime pela recusa deliberada dos esquemas prefixos da narrativa tradicional"³⁹.

Da sequência de narrativas que se inicia com *Uma pedrada no charco* (1957) até a *Os Insubmissos* (1961), passando pelos *Bastardos do Sol* (1959), *As aves da madrugada* (1959), *Nus e Suplicantes* (1960), podemos dizer que são talvez estas que no conjunto da obra mais se aproximaram de um neo-realismo, pelo impulso denunciador das condições confrangedoras de pobreza, de opressão e de angústia, pelo sentido utópico e quantas vezes idealista, pelo motor transformador de estados de consciência, pessoal e colectiva. Embora haja quem considere o 'neo-realismo de Urbano' como não 'ortodoxo' ou que revele apenas contornos de uma 'segunda fase' neo-realista porque sempre evidencia nitidamente as características literárias que lhe são idiossincráticas: "é uma experiência existencial, social e individualmente construída que Urbano Tavares Rodrigues trabalha ficcionalmente (...): a representação de uma situação de asfixia das suas esperanças, ideais ou possibilidades"⁴⁰. De facto, as suas personagens são construídas num contexto de bloqueio; bloqueio experienciado no repressivo ambiente sócio-político do país e que Urbano transporta na criação das suas atmosferas romanescas – cerco que pode ser sentido de um modo íntimo ou de uma forma mais expressivo-comunicante, ou de um modo mais individual ou de uma forma mais social, mas que é sempre patente na sua tensão própria. Mas não terão estas múltiplas expressões literárias uma intenção de mudança, de transformação para um mundo, interior e exterior, de justiça, de paz, de (procura da) felicidade?!

"Na maioria dos exemplos, a personagem que mais nitidamente faz a experiência concreta, existencial e reflexiva, do bloqueio, é uma personagem feminina"⁴¹, não apenas porque no autor o feminino sempre foi uma temática constante, velada entre o amor, o desejo e a morte, mas porque socialmente ocupa, à época, um lugar de subalternidade social e de supressão e obliteração como pessoa.

Desde o início da sua escrita, o universo feminino tem sido revisitado com múltiplos olhares por Urbano, através das inúmeras personagens que imagina, sonha e constrói, sempre sob diferentes nomes, como se cada mulher fosse única: Lúcia, Lina, Mari-Sol, Elisabeth, Madeleine, Ana Maria, Maria, Maria do Amparo, Mariana, Juliette, Mari-Paz, Françoise, Cécile, Luzia, Soledad, Pilar, Ester, Paola, Rosário, Teresa, Beatriz... Como se procurasse o entendimento, a descoberta de uma outra 'metade' que, ao mesmo tempo, é sua e forasteira; o corpo como segredo, não num desvelar gratuito, mas modo de alcançar o mistério último: a (re-)criação estética de si mesmo e da sua obra.

"É o cântico do corpo, que começa pela raiz e ressoa surdamente no segredo dos seios; é o desvelar do corpo que encerra a luz e o sangue, a descoberta do ventre felino, liso e polido, das ancas, do monte de Vénus, das pernas gráceis... É Deméter, é Diana, é Astarté. É o cântico à beleza da vida, da sua origem, da sua foz: é a Mulher"⁴².

Do conjunto das 5 narrativas que formam *As aves da madrugada* (1959), Óscar Lopes considera-as "claramente exemplares (...) ao nível da concepção da intriga, (...) da composição, (...) circulam certos curiosos temas líricos (...) [e os] das obsessões ou tensões centrais da sua mundividência pessoal"⁴³. A "ética da dignidade pessoal gratuita vem aqui entroncar num dos temas dominantes de Urbano Tavares Rodrigues (...): o tema de uma ânsia de ir ao «encontro da brasa» no sofrimento, no sacrifício, na coragem. Na ânsia de, perante os outros ou perante si próprio (...), pôr à prova uma integridade moral totalmente indiferente às consequências, ao êxito ou inêxito prático (...):



1952-55. Com os seus alunos da Sorbonne, Paris.

cat. 30



A porta dos limites
1960. 2ª ed. Ed. Arcádia
Capa de Vitor Palla

cat. 254

o imperativo incondicionado da lei que a consciência se dá formalmente a si mesma"⁴⁴. É por uma consciência ética em cada ser humano (com existência real ou ficcionada) e em todos os seres em sociedade, pela resistência à angústia e à desesperança, pela liberdade imperativa, que intervém Urbano nestes seus escritos, contudo sem nunca esquecer que um romance, uma novela, um conto é uma obra estética. Contornos dialécticos também se observam em *Nus* e *Suplicantes* (1960), galardoado com o Prémio dos Leitores, em "um equilíbrio entre o sociológico e o psicológico (...) entre o social e o individual, um aprofundamento de consciências que se situam e problematizam"⁴⁵.

Em *Os insubmissos* (1961), seu segundo romance, para além da problemática social, é colocada uma assunção ética, manifesta num idealismo centrado no conceito de honra, tomado de um modo lato. Honra como dignidade, de um homem (na personagem Ernesto) e de um povo, magistralmente expressa nas palavras esperançosas daquela figura: "*Quando este povo humilde e refilão, este nosso povo adormecido, quando ele acordar de novo e crescer!*..."⁴⁶

Por um lado, a infância e o contacto com uma realidade que lhe estava próxima mas que não era a sua: "*Da infância no campo me ficou para sempre a memória de um paraíso perdido e a nostalgia da charneca, das terras secas, da atmosfera transparente do Alentejo. Do meu convívio com os camponeses, do conhecimento directo das suas dificuldades, da sua dignidade no sofrimento, vem a solidariedade espontânea, a fraternidade para com eles*"⁴⁷; por outro, a liberdade e a democracia, mas também as questões de solidão e de existência que presenciou nos países mais desenvolvidos, foram erigindo as bases estruturais de uma inquietude, de uma interrogação vital, em que não lhe basta captar e interpretar a realidade superficial do mundo.

No decorrer da década de sessenta, Urbano Tavares Rodrigues publica alguns livros do domínio da ensaística: *Teixeira Gomes e a Reacção Antinaturalista* (1960), *O Mito de Don Juan e o Donjuanismo em Portugal* (1960), *O Algarve na Obra de Teixeira Gomes* (1962), *O Romance Francês contemporâneo* (1964), *O Tema da morte* (1966) e finalmente *Escritos temporais* (1969), frutos do seu papel académico, mas sobretudo do seu papel enquanto intelectual interventivo na promoção da cultura e na reflexão de algumas questões existenciais capitais: "numa sociedade não-livre, o escritor ou encarna a luta pela cultura ou dela se alheia, ou se torna cúmplice. (...) [porque n'] as relações do escritor com a cultura, que é sempre condição de liberdade e condição de progresso social (...) a cultura é condição de liberdade, e a liberdade condição de cultura"⁴⁸.

Em 1961, Urbano deixa o *Diário de Lisboa* e vai participar no nascimento de um novo projecto, o *Jornal de Letras e Artes* (até 1966, data da sua extinção); como chefe de redacção e como crítico de teatro, uma das suas paixões antigas. Nesse ano é editado o 1º volume de *Noites de Teatro*⁴⁹, série de artigos e críticas relativas a questões teatrais, de um ponto de vista teórico, da criação, da encenação, do espectáculo, percorrendo plateias em Paris, com Molière ou José Régio, ou em Lisboa, com peças de Luiz Francisco Rebello. Nas breves palavras que se seguem, podemos entender o porquê desta arte dramática ser tão cara a Urbano, quer produzindo crítica em diversas publicações periódicas, ou depois lançando o 2º tomo daquele título, ou ainda como escritor da peça *As Torres Milenárias* que são publicadas em 1971⁵⁰, [o teatro] "*uma arte, social por natureza, uma arte de comunicação e de participação (...) e de tribuna da inteligência vigilante (...) discussão dos valores morais, políticos e estéticos da sociedade*"⁵¹.

Realiza clandestinamente uma viagem a dois países proibidos por serem estados socialistas em 1962: Checoslováquia e Cuba; esta última jornada feita a partir de Praga, já com um visto emitido pela embaixada checa em Paris, passa pela Terra Nova, até chegar à ilha onde estava Che Guevara, que chegou a conhecer e, onde assiste a um ambiente entusiástico, só comparável ao 25 de Abril, confessa-nos Urbano, com um brilho no olhar.

Acumula a chefia de redacção do *Jornal de Letras e Artes*, com o ingresso para o quadro de *O Século* em 1963, e continua a colaborar com várias revistas, nacionais e estrangeiras, também num propósito de sustento financeiro. Já tinha sido preso em 1961, e é detido pela segunda vez a 4 de Dezembro de 1963 pela polícia política do Estado Novo, acusado de pertencer às Juntas de Acção Patriótica (JAP), tendo sido libertado a 23 do mesmo mês. Nessa passagem pela cadeia do Aljube, Urbano cruza-se com Manoel de Oliveira; este encontro episódico, mas marcante, será incluído por Oliveira no seu filme *Visita – ou memórias e confissões* (1982), sendo ambos protagonistas⁵². A partir de 1964 já estava referenciado nos ficheiros da PIDE como "professando ideias comunistas"⁵³, após ser signatário de vários abaixo-assinados e petições, nomeadamente para a realização de um congresso de democratas, de amnistia para os presos políticos, contra a censura, ser testemunha de defesa em julgamentos de presos políticos, e por umas quantas actividades e acções mais ou menos 'suspeitas' e clandestinas nas JAP. Em 1965 é proibido de dar aulas no ensino particular, porque "não oferece garantias de cooperar na realização dos fins superiores do Estado"⁵⁴.

Em 1968, mais uma vez preso, está quase seis meses encarcerado em Caxias, sem sequer ter tido direito a julgamento, por fictícia que fosse a 'Justiça' em vigor. Ao sair da cadeia escreve de um fôlego a sua peça de teatro *As Torres Milenárias*, em duas semanas de 'recuperação médica', a qual tinha sido pensada e concebida durante o isolamento prisional.

Foram anos críticos para Urbano e Maria Judite, com o cerco que a polícia política lhes movia, sob a forma de escutas telefónicas, apreensão de correspondência, impedimentos para leccionar, mesmo no ensino particular, interdição de saída do país na sua profissão de jornalista ou para algum congresso na área da literatura⁵⁵. Foi proibido de leccionar no Colégio Moderno, depois de dois anos a ensinar 'Literatura Portuguesa'. "Muitas vezes tinha que ter dois empregos ao mesmo tempo para, caso perdesse um deles por perseguição política, poder sustentar-nos através do outro"⁵⁶. Contudo, consegue continuar a leccionar no Liceu Charles Lepierre, pela autonomia que a secção francesa deste liceu tinha relativamente ao Ministério da Educação e à alçada da PIDE.

Maria Judite "sofreu muito com isso, mas aguentou-se sempre nas situações difíceis. Foi-me sempre ver à prisão. Por exemplo, em Caxias, em 1968, comunicávamos através de um vidro com pequenos buraquinhos. Não nos podíamos tocar um no outro. Ela parecia que estava muito longe"⁵⁷.

Um pouco antes, em 1965, morre a mãe de Urbano, um golpe que o abala profundamente, como confidencia a Mário Sacramento⁵⁸ num dos inúmeros cartões que enviava aos amigos.

Após o romance *Os insubmissos*, escreve um terceiro, *Exílio perturbado* (1962) onde "se concentra, de modo involuntário, a própria trajectória de U.T.R., desde o hedonismo inquieto dos primeiros livros à humanística veemência que os últimos documentam"⁵⁹, em suma, "um livro consubstanciando um escritor"⁶⁰. Quase no final, numa frase Urbano sintetiza e elucida toda uma problemática de intencionalidade artística que encerra no seu

âmbito uma intenção/acção transformadora através do uso da própria palavra: "porque sem crítica, sem polémica, sem liberdade como iluminada meta, não haveria renovação e correcção do presente, nem progresso no próprio campo dos mais justos"⁶¹, porque o escritor não se pode deixar levar pelo amor das palavras ao ponto de esquecer o que tem para dizer⁶². Ou seja, uma ética e uma estética que se entrelaçam, na própria vida e na vida das palavras.

Sete novelas, inclusive *Uma noite e nunca*⁶³, integram *As Máscaras Finais* (1963); segundo Jacinto do Prado Coelho⁶⁴, observa-se um novo ponto de equilíbrio, resultado de um ciclo recente de experiências humanas e estéticas, em especial uma maturação da visão do homem, uma diferenciação de caracteres, na harmonização da teia do social com o individual.

Terra ocupada (1964) é "um livro profundamente característico do que considero a segunda fase da obra de UTR, (...) de transposição do tema do erotismo para as alegorias sociais dominadas pela imagem da morte, (...) o tom dominante (...) o de uma esperança no futuro, quer dizer, o de uma crença na acção colectiva"⁶⁵. A narrativa desenvolve-se como uma luta desesperada pela efectiva construção de um mundo novo que vá substituir um desterrado mundo que apenas vive como utopia de alguns.

Numa linha análoga, os contos e novelas de *Dias Lamacentos* (1965) são também "obras de combate (...) numa atitude de identificação com o sofrimento, de ligação ao povo e à terra. (...) Um combate que fundamentalmente assenta na exigência moral, na revolta da consciência, na subjectividade"⁶⁶.

Sobre *Imitação da Felicidade* (1966) escreve Mário Sacramento no prefácio à 2ª edição: "no plano estético, faz confluír o existencialismo literário português e o neo-realismo histórico português para uma encruzilhada de alternante e mútua separação realista"⁶⁷. Reunindo sete contos e novelas, uma das quais dá nome ao título do volume, compreende uma outra novela que já tinha sido publicada isoladamente em 1964 e considerada, "no seu género, uma pequena obra-prima", por João Gaspar Simões⁶⁸, *A Samarra*.

Esta obra, depois de editada, foi mandada apreender pela PIDE⁶⁹, tendo sido reeditada apenas após o 25 de Abril. À época, este acto de censura não impediu contudo que fosse galardoada com o Prémio da Imprensa Cultural.

O último livro de novelas desta década de sessenta é *Casa de Correcção* (1968), "uma viagem no interior do horrível quotidiano português, inundado de luz exterior e sepultado em doçuras piores que todos os suplícios", ficções de uma realidade tão vivida por Urbano, uma escrita à "flor do tempo"⁷⁰. Compreende a novela *Carnaval Negro*, "uma das melhores e mais acabadas novelas de Urbano"⁷¹ que já tinha sido publicada num pequeno opúsculo pela Editora Movimento, no ano anterior, cuja narrativa de atmosfera nocturna evoca universos boschianos. Outra das novelas, *A Morte da Cegonha*, de apenas cinco páginas, transporta-nos nostalgicamente pelos "tempos dos medos e maravilhas", de rememorações da infância e da fraternidade, de "mágica vibração afectiva", quando "era tudo de azul e de lágrimas congeladas"⁷². Ave branca e bela cuja vida foi ceifada, pelos "excessos de sensibilidade, de timidez e de violência" adolescente, "da ternura que me sufocava e não podia, não sabia expandir-se". Das raras narrativas não declaradamente dedicadas, mas que se pressente ser a seu irmão Miguel, na altura já no exílio no Brasil, durante o qual participa no assalto ao paquete 'Santa Maria'. É um perfeito canto de ave, ou poema autêntico, esta prosa em incessante procura de "margens de névoa, de luta e de amor", porquanto "faltou-me o beijo de perdão da ave morta"⁷³. O beijo do perdão em inconformada vida, ou morte.



1960 ou 1959. Na redação do Diário de Notícias.

Para finalizar esta breve resenha pelos títulos publicados nos primeiros vinte anos de vida literária, mencione-se dois, de características algo distintas: o argumento cinematográfico *Despedidas de Verão* (1967), a partir de uma ideia de Jorge Brum do Canto, e a narrativa *Horas Perdidas* (1969). Este constituiu de facto, o primeiro 'romance' (ou narrativa, como prefere designá-lo) de Urbano Tavares Rodrigues, iniciado nos bancos da Faculdade de Letras em 1944, testemunho de "*uma verdade subjectiva e uma verdade de geração – a inquietação e a dúvida – de certos jovens dos anos 40*"⁷⁴, mas com poucos traços autobiográficos. Mais de vinte anos esquecidos, os cadernos onde permaneciam as *Horas Perdidas* reencontraram-se com o próprio autor, tal como a imagem das palavras escritas – num reflexo reconhecido de um 'eu', mas simultaneamente a estranheza das distâncias percorridas por ambos – homem e escritor. Resistindo à tentação de modificar a estética ou o conteúdo, *a posteriori*, Urbano publica-o na íntegra, apenas com leves retoques linguísticos, não num retorno, mas como registo dos seus primeiros passos na literatura⁷⁵. "*Os anos 60 foram os de maior intensidade para mim. Escrevi romances e contos em que simultaneamente procurei (aliás procurei sempre) processos narrativos diferentes e a recuperação, a transformação do vivido. Do observado, do sonhado. Fiz traduções, desde o Boccaccio a Robbe-Grillet, e tive um ritmo febril de produção*"⁷⁶.

Além de traduções das suas obras, totais ou parciais, em checo, castelhano, russo, francês, alemão, sueco, búlgaro, muitas das reedições das suas obras, para além de revistas, incorporaram estudos críticos e prefácios de alguns dos maiores teóricos da literatura portuguesa e de companheiros das letras: Óscar Lopes, Eduardo Lourenço, David Mourão-Ferreira, Álvaro Manuel Machado, José Manuel Mendes, Fernando Luso Soares, Jacinto do Prado Coelho, Baptista-Bastos, Fernando Namora, Mário de Sacramento, João de Melo, José Palla e Carmo, Luiz Francisco Rebello, José Saramago, Armando Ventura Ferreira. De muitas destas reflexões, há uma que talvez substancie de forma notável a sua obra e a sua intenção criadora:

"Toda a sua obra é uma profunda e lúcida reflexão sobre o homem, a sua natureza e a sua condição". (Luiz Francisco Rebello)

Após a 3ª prisão pela PIDE, Urbano prossegue corajosamente a sua actividade cívica e militante, em Portugal e no estrangeiro, pugnando pela paz e pelos direitos humanos. Candidata-se às eleições legislativas de Outubro de 1969, pelo Círculo de Beja, nas listas da Comissão Democrática Eleitoral (CDE), as primeiras realizadas após a saída de Oliveira Salazar da Presidência do Conselho de Ministros. A censura, as limitações à difusão de propaganda e mesmo as agressões físicas a candidatos realizadas por elementos da PIDE e da Legião Portuguesa, como a de que foi alvo Urbano, no fim de uma sessão de propaganda eleitoral no Teatro Vasco Santana, em Lisboa⁷⁷, marcam a campanha da CDE que não elege qualquer deputado no escrutínio viciado. Aquelas acções contribuem, no entanto, para a consciencialização da população e a iniciação de muitos jovens na oposição ao Estado Novo. Esse é também o ano em que adere oficialmente, embora de modo clandestino, ao Partido Comunista Português. Corroborando nesta acção, a sua prática de vida, de generosa militância pela cultura, pelo humanismo e pela liberdade, social, individual, existencial.

Para finalizar, gostaria de deixar uma derradeira nota acerca do título e limites temporais deste texto. Por um propósito metodológico, decidimos repartir estas viagens pela vida e obra de Urbano Tavares Rodrigues traçando um meridiano aproximadamente a meio da vida: fins da década de sessenta – inícios da de setenta. O alvor⁷⁸ de um poeta: os primórdios e o caminho para a maturidade de um escritor com uma prosa lírica, sensual, deveras plástica, quantas vezes dramática, em ecos de solidão ou em gritos de comunhão.



Anos 40, encostado ao barco S. João.

- 1 Rodrigues, U. T., *A Porta dos Limites* (Conto: *Tornada da Primavera*), 1952, 1ª ed., Empresa Nacional de Publicidade, p. 305.
- 2 In *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano XXVII, nº 955, (Suplemento, nº 112), 9 de Maio de 2007; <http://www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte112e.htm>
- 3 Rodrigues, U. T., *A Porta dos Limites*. (Conto: *Tornada da Primavera*), 1952, 1ª ed., Empresa Nacional de Publicidade, p. 299.
- 4 In *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano XXVII, nº 955, (Suplemento do JL, nº 112), 9 de Maio de 2007; <http://www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte112e.htm>.
- 5 In *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano XXVII, nº 955, (Suplemento do JL, nº 112), 9 de Maio de 2007; <http://www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte112e.htm>.
- 6 Rodrigues, U.T., *Santiago de Compostela*, 1949, 1ª ed., Emp. Nac. Publicidade, Introdução.
- 7 Rodrigues, U.T., *Tempo de cinzas*, 1968, 1ª ed., Ed. Ulisseia, p. 8.
- 8 Rodrigues, U.T., *Tempo de cinzas*, 1968, 1ª ed., Ed. Ulisseia.
- 9 Arquivos da Torre do Tombo, Processo 324/GT SC NT 1404, p. 51, 52. Auto de perguntas da PIDE em 19/1/1968, acerca da sua situação militar.
- 10 Retorna a este tema com os ensaios *Teixeira Gomes e a Reacção Anti-naturalista* (1959) e *O Algarve na Obra de Teixeira Gomes* (1962; 2001).
- 11 Que também se tinha debruçado sobre este autor: *A vida romanesca de Teixeira Gomes: notas para o estudo da sua personalidade e da sua obra* (1946)
- 12 In *JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano XXVII, nº 955, (Suplemento do JL, nº 112), 9 de Maio de 2007; <http://www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte112e.htm>.
- 13 Isabel Fraga, escritora e tradutora.
- 14 Embora só tenha sido publicado em 1959.
- 15 Outras edições em 1960, 1970 (revista e com prefácio de Armando Ventura Ferreira), 1979 e 1990 (ambas com prefácio de Fernando Namora).
- 16 Coelho, J. P. – Posfácio (e a propósito deste livro). In Rodrigues, U. T., *Uma Pedrada no Charco*, 1967, 3ª ed., Liv. Bertrand.
- 17 Outras edições em 1970 (com prefácio de David Mourão-Ferreira) e 1974.
- 18 Entrevista a Isabel Lucas, *Diário de Notícias*, 26 de Agosto de 2007.
- 19 Baptista-Bastos – Escombros ou a literatura considerada como pirataria. In Rodrigues, U. T., *A noite roxa*, 1967, 2ª ed. revista, Liv. Bertrand, prefácio. Outras edições em 1956, 1972 e 1976.
- 20 In *Revista A.23 online*, nº 4, Entrevista por Ricardo Paulouro e António Melo, 19-10-2008, <http://www.a23online.com/porta/?p=149>.
- 21 Rodrigues, U. T., *Jornadas no Oriente: (Lisboa – Goa e volta)*, 1956, 1ª ed., Portugália Ed., p. 9 (Apresentação).
- 22 Prémio atribuído pelo Secretariado Nacional de Informação.
- 23 Rodrigues, U. T., *Jornadas na Europa: crónicas*, 1958, 1ª ed., Pub. Europa-América.
- 24 Rodrigues, U. T., *De Florença a Nova Iorque: viagens*, 1963, 1ª ed., Liv. Bertrand, p. 12.
- 25 Urbano Tavares Rodrigues é actualmente um dos cinco membros efectivos da Classe de Letras, Secção de Literatura e Estudos Literários desta prestigiada instituição que promove a cultura portuguesa.
- 26 Coelho, J. do P. – Posfácio. Rodrigues, U. T., *Uma pedrada no charco*, 1967, 3ª ed. revista, Liv. Bertrand, p. 252.
- 27 *Idem*, p. 244.
- 28 Rodrigues, U. T., *Realismo, Arte de Vanguarda e Nova Cultura*, 1966, 1ª ed., Ed. Ulisseia, p. 43. Foi reeditado em 1978 pela Ed. Nova Crítica, com revisão do texto e incluindo mais seis ensaios
- 29 Rodrigues, U. T., *Realismo, Arte de Vanguarda e Nova Cultura*, 1966, 1ª ed., Ed. Ulisseia, p. 44.
- 30 Rodrigues, U. T., *Realismo, Arte de Vanguarda e Nova Cultura*, 1966, 1ª ed., Ed. Ulisseia, p. 49.
- 31 Acrescenta na 2ª edição revista. p. 52.
- 32 Rodrigues, U. T., *Realismo, Arte de Vanguarda e Nova Cultura*, 1966, 1ª ed., Ed. Ulisseia, p. 43.
- 33 *Jornal Avante* (clandestino), de 3 de Janeiro de 1962. Artigo sobre as prisões de Salgado Zenha, Orlando de Carvalho, Joaquim Namorado, Alberto Vilaça, Mário Vilaça e Urbano Tavares Rodrigues entre outros. O mesmo exemplar noticia o assassinio de José Dias Coelho.
- 34 Rodrigues, U. T. (Introd., selec. e notas), *O Alentejo: Antologia da terra portuguesa*, [1958], 1ª ed., Liv. Bertrand.
- 35 Rodrigues, U. T. (Introd., selec. e notas), *Estremadura: Antologia da terra portuguesa*, [1968], 1ª ed., Liv. Bertrand.
- 36 Cluny, C. M. – Prefácio da Edição francesa. In Rodrigues, U. T., *Bastardos do Sol*, 1966, 2ª ed. revista, Liv. Bertrand, prefácio. Edição com estudo de Luís Francisco Rebello.
- 37 *Idem*.
- 38 Rebello, L. F. – Uma nova consciência romanesca. In Rodrigues, U. T., *Bastardos do Sol*, 1966, 2ª ed. revista, Liv. Bertrand, estudo.
- 39 *Idem*.



Praia dos três irmãos, Algarve, 1965.

- 40 Gusmão, M. – Prefácio. In Rodrigues, U.T., *Obras Completas*, Volume II, 2009, 1ª ed., Pub. Dom Quixote, p. 12.
- 41 *Idem*, p. 13.
- 42 De um manuscrito de Urbano Tavares Rodrigues. Reprodução-ampliação patente nesta Exposição.
- 43 Lopes, O. – Um Pequeno Ensaio de Compreensão Estrutural. In Rodrigues, U. T., *As aves da madrugada*, 1966, 2ª ed. revista, Liv. Bertrand, p. xiii.
- 44 *Idem*, p. xiv.
- 45 Vasconcelos, J.C. – Prefácio. In Rodrigues, U. T., *Nus e suplicantes*, 1978, 5ª ed. revista e mod., Liv. Bertrand, p. 21. Este prefácio foi publicado na 3ª edição.
- 46 Rodrigues, U. T., *Os insubmissos*, 1961, 1ª ed., Liv. Bertrand, p. 127.
- 47 Rodrigues, U.T., *O Tema da Morte*, 1966, 1ª ed. Cronos, p. 141 (Apontamentos e Confissões).
- 48 *Idem*, p. 88, 90.
- 49 O segundo volume deste título sai em 1962.
- 50 Encontrou-se uma referência a uma peça em dois quadros, inspirada num poema de Eugénio de Castro, para a RTP, em 1957, nos Arquivos da PIDE. Essa peça intitula-se *Constança*.
- 51 Rodrigues, U.T., *Noites de Teatro*, 1961, 1ª ed. Ed. Ática, prefácio.
- 52 Trata-se de um documentário autobiográfico, mas por desejo expresso do realizador, a ser projectado unicamente após a sua morte.
- 53 Arquivos da Torre do Tombo. Processo SC Bol 115.377.
- 54 Arquivos da Torre do Tombo. Processo SC Bol 115.377. Documento datado de 2 de Junho de 1965.
- 55 Arquivos da Torre do Tombo, Processo 330 Cl, NT 6989.
- 56 Palavras de UTR em *Reportagem*, *Diário de Notícias*, 11 Maio 2002, p. 21.
- 57 *Idem*, p. 21-22.
- 58 Museu do Neo-Realismo, Espólio de Mário Sacramento, Correspondência (MNR/A23/6).
- 59 Carmo, J. P. – Crítica à Guisa de Prefácio. In Rodrigues, U. T., *Exílio Perturbado*, 1969, 2ª ed., Liv. Bertrand, p. 13.
- 60 *Idem*, p. 19.
- 61 Rodrigues, U. T., *Exílio Perturbado*, 1969, 2ª ed., Liv. Bertrand, p. 279.
- 62 Adaptação livre de uma frase do referido livro (p. 277-278).
- 63 *Novela dedicada a Cardoso Pires*, editada nas Edições Tempo, em 1962, cuja série de ficção estava a cargo de Alexandre Pinheiro Torres. O volume inclui o conto *Os supliciados*, dedicada a Raul Rego.
- 64 Rodrigues, U. T., *As máscaras finais*, 1963, 1ª ed. Liv. Bertrand, badana do volume.
- 65 Machado, A. M., – Urbano Tavares Rodrigues ou o «exílio» e o «reino». In Rodrigues, U. T., *Terra ocupada*, [1972], 2ª ed., Liv. Bertrand, p. 15-16.
- 66 Cardia, M. S. – O segredo de uma resistência. In Rodrigues, U. T., *Dias Lamacentos*, 1972, 2ª ed. revista, Liv. Bertrand, p. [10-11].
- 67 Sacramento, M. – [Prefácio]. In Rodrigues, U. T., *Imitação da Felicidade*, 1974, 2ª ed., Liv. Bertrand, p. [12].
- 68 Simões, J. G. In Rodrigues, U. T., *Imitação da Felicidade*, 1966, 1ª ed., Liv. Bertrand, badana.
- 69 Arquivos da Torre do Tombo, Processo PIDE/DGS Porto nº 22500, NT 3808, p.62. Faz referência à circular nº 4.500 – S.R. de 4 de Novembro de 1966 que ordena a apreensão da obra.
- 70 Lourenço, E. – O último expressionista. In Rodrigues, U. T., *Casa de Correção : novelas*, 3ª ed., 1987, Pub. Europa-América, p. 18, 15.
- 71 Saramago, J. – Leitura incómoda. In Rodrigues, U. T., *Casa de Correção : novelas*, 2ª ed. revista, [1972], Liv. Bertrand, p. 11.
- 72 Rodrigues, U. T., *Casa de Correção : novelas*, 1ª ed., 1968, Liv. Bertrand, p. 144.
- 73 *Idem*, p.144, 145, 147.
- 74 Rodrigues, U. T., *Horas Perdidas : Narrativa*, 1969, 1ª ed., Liv. Bertrand, p. 12 (Nota introdutória de UTR)
- 75 Já que os seus escritos mais adolescentes, a partir dos 12, 13 anos, se perderam.
- 76 Autobiografia Urbano Tavares Rodrigues: O tempo revivido, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XXIV, nº 898, 2-15 Março 2005, p. 44.
- 77 Arquivos da Torre do Tombo, Processo PIDE/DGS Porto nº 22500, NT 3808.
- 78 Permitam-me uma nota pessoal. A palavra Alvor, pela qual se inicia o título deste texto, não foi escolhida por acaso. Foi perto desta terra algarvia, tão grata ao escritor, onde há muitos anos, ainda eu era criança e não vivíamos em liberdade, que conheci o Prof. Urbano. A essas memórias infantis, acrescentam-se outras... acrescentam-se ou complementam-se, porque a delicadeza e a generosidade que tinham ficado inscritas nas minhas recordações de menina, foram vivificadas, com a oportunidade de comissariar esta exposição.



Em 1956, com 35 anos.



Urbano Tavares Rodrigues a escrever à máquina.

cat. 89

Estórias de um escritor: “[...] é aquilo que sou de vocação e ofício [...]”

Sílvia de Araújo Igreja

“Sou uma pessoa maior porque leio”.

Urbano Tavares Rodrigues (por Hugo Torres, *Rascunho.net* [Em linha], 5 Nov. 2008)

Escritor já consagrado de larga audiência, investigador, professor universitário e crítico literário, Urbano Augusto Tavares Rodrigues (Lisboa, 6 Dezembro 1923), “homem comunista”¹, de fortes sentimentos, autor prolífico e prestigiado, constitui uma das referências mais intensas da Literatura Portuguesa Contemporânea dos séculos XX/ XXI, também “[...] devido à sua postura marcada por uma generosidade e uma solidariedade raríssimas entre nós”², evocando a atenção dos demais.

“[...] um alentejano na cidade e um cidadão no Alentejo”.

Manuel Alegre (*Urbano Tavares Rodrigues - 50 Anos de Vida Literária*, 2003)³

Teve uma infância favorecida, ainda que se debatesse com a procura do seu eu interior e com a aprovação dos seus semelhantes, mais concretamente do seu irmão Miguel⁴. Indubitavelmente, desta região brotou a consciencialização do autor para a reverência e respeito pelos seres vivos em geral, e pelas coisas circundantes. Esta vivência, com a flora e a fauna alentejanas, mas também com as perseguições a que a sua família estava sujeita, constituíram o cerne dessa grandeza de alma, uma estrutura que influenciou a sua vida futura e conseqüentemente a sua obra literária, sobre as quais nos debruçaremos a partir da década de 70:

“Por um lado, recebi a oralidade e a magia das conversas dos camponeses, por outro lado, tive uma relação muito próxima com a natureza, com o rio onde aprendi a nadar, com os cavalos [...] tudo, a lua, as estrelas, as árvores, os animais eram-me muito familiares. [...] ao longo dos livros [...] quando volto ao Alentejo, creio que é quando eu encontro uma certa qualidade lírica e mágica da linguagem”⁵. Na adolescência constatou que “Era o fim da minha infância [...] comecei a tactear a vida, a dar pelas injustiças sociais mesmo ao meu lado, a crescer entre cheiros e sons, visões, bem diferentes, mas misturados, do paraíso e do inferno. Sentimentos em guerra nasciam dentro de mim e aos meus momentos contemplativos do fim do dia, após as horas de estudo ou os passeios pela beira do Ardila, a pé ou a cavalo, sucediam-se interrogações sem resposta”⁶. “[...] o que é bem certo é que o prazer da escrita tenho-o conhecido sobretudo ao evocar, ao reinventar, ao escrever o Alentejo, o que pode parecer paradoxal, já que algumas destas estórias [sic] são negras, dramáticas como o destino do

povo junto ao qual cresci e com quem abri os olhos para a vida"⁷.

Com uma vida dividida entre Portugal e França, entre as actividades de leitor, escritor, jornalista, tradutor, activista, na companhia da sua mulher Maria Judite de Carvalho e da filha de ambos, a sua primogénita Maria Isabel de Carvalho Tavares Rodrigues⁸, depois da Revolução, em Outubro de 1974, ao aceitar o convite do Dr. Luis F. Lindley Cintra⁹, é integrado na FLL como Professor Extraordinário do Grupo de Filologia Românica e, em Janeiro de 1984, obtém o doutoramento em Letras com a tese *M. Teixeira-Gomes: o discurso do desejo*. Sobre esta personalidade marcante havia publicado, em 1960, *Teixeira-Gomes e a reacção antinaturalista*, seguindo-se em 1962, *O Algarve na obra de Teixeira-Gomes*. Urbano Tavares Rodrigues chega a ser considerado "O mais reputado especialista em Portugal de M. Teixeira-Gomes"¹⁰. Jubilado, em 1993, como Professor Catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa e homenageado pela mesma Faculdade, em 9 de Março de 1994, por ocasião do seu 70º aniversário¹¹, continuou a dar aulas na Universidade Autónoma de Lisboa.

Não sendo surrealista, sofreu influências do surrealismo francês de 50 que leu desde muito cedo. Esta terá sido a sua primeira influência. A filosofia humanista está presente na obra e no seu modo de estar perante a vida feito de convicções, camaradagem, afectividade e bondade, e extremamente fiel à ética que lhe sustenta a vida e a literatura. Albert Camus, Jean-Paul Sartre (principalmente) e André Malraux foram figuras marcantes para o autor na adolescência, tanto que livros como *A Esperança* ou *A Condição Humana* (deste último) marcaram para sempre a sua personalidade e obra. No que concerne ao estilo da escrita, vertido por uma *Bic*¹², explica que "[...] é a mistura do estilo de Teixeira-Gomes, um estilo que tem a ver com o decadentismo e o simbolismo, o Camilo Pessanha cujo onirismo me marcou profundamente"¹³. O começo de um longo e, por vezes, sofrido percurso, mas consagrado pela crítica como escritor e por várias vezes galardoado. Ainda que outros o façam, durante o regime ditatorial a que fez oposição, Urbano Tavares Rodrigues não se vê como um escritor verdadeiramente neo-realista, mas sim, um escritor de resistência:

"[...] mesmo nesse período, nunca abandonei características que não são neo-realistas, como a convicção de que não se pode separar o conteúdo da forma, quer dizer, tenho preocupações estéticas ao nível da linguagem que o Neo-realismo nunca teve, ou teve muito pouco. Por outro lado, não tenho um herói colectivo e os meus livros desaguam muitas vezes em zonas muito sombrias. Em relação ao povo tenho quase sempre uma visão subjectiva que não é própria do Neo-Realismo e aparece apenas, em certa medida, em Carlos de Oliveira, que é um Neo-Realista muito *sui generis*"¹⁴.

O seu percurso literário, não sendo um homem de hábitos, isto é, sem uma rotina e um sítio único para escrever, embora destaque Alentejo, Lisboa e Paris como locais de escrita¹⁵, pauta-se pela grande diversidade de géneros (poesia, contos - um dos seus géneros favoritos - novelas, ensaios, romances, escrita para cinema e televisão e letras de canções, críticas literárias, de teatro), temática (amor, morte - não raro ligada ao amor - tempo, liberdade, revolução) e uma fonte de inspiração recorrente, a mulher:

"[...] eu olho e olhei sempre com encantamento para a mulher. A mulher como amiga, como namorada, como amante. A mulher foi sempre, para mim, uma forma

de compreender melhor o mundo, de ir às raízes da vida. A experiência da mulher é, para mim, uma experiência erótica ou foi muito uma experiência erótica, mas algumas vezes pensei que estava a usar mulheres um pouco como instrumentos [...] sugar tudo o que elas me podiam trazer de compreensão mais ampla do mundo"¹⁶.

Enquanto vigilante de consciências, de entre outras obras que representam o fulgor da sua arte no nosso país e no mundo são, naturalmente com a devida subjectividade inerente a qualquer escolha por entre tantas obras de mérito, *Desta água beberei* (1979), *Fuga imóvel* (1982) (Prémio Aquilino Ribeiro da Academia das Ciências de Lisboa, 1982), *Violeta e a noite* (1991) (Prémio Fernando Namora), considerado um *ex-libris*, *A horas e desoras* (1993) (Prémio Jacinto do Prado Coelho, 1993), *O adeus à brisa* (1998), que Possidónio Cachapa escolheu para título do seu filme, *Os cadernos secretos do Prior do Crato* (2007), o romance que mais gostou, talvez por ter ele próprio "[...] qualquer coisa de cavaleiro andante, desde a adolescência"¹⁷,

A estação dourada (Prémio Camilo Castelo Branco). E entre as obras que foram traduzidas para alemão, búlgaro, castelhano, checo, francês, grego, romeno, podemos destacar *As máscaras finais* (1967), *Bastardos do Sol* (1983), *Os insubmissos* (1987), *A vaga de calor* (1997) (Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários, 1986), *Deriva* (1997) (Prémio Literatura e Ecologia do Lyons Club de Aveiro, 1994), *Imitação da felicidade* (1999) (Prémio Imprensa Cultural, 1966), *O supremo interdito* (2001). Para além da sua actividade criativa, prefaciou e traduziu vários livros. *A última colina* (2008), foi o livro de contos que mais gostou.

Segundo Sottomayor Cardia (1973) "[...] é talvez por se alimentar de uma bateria revolucionária própria, e por isso subjectiva, emocional, que um escritor como Urbano Tavares Rodrigues, que legitimamente adoptou como seu o termo 'escrever', pode nesta terra de singularidades dar o exemplo vivo do que é a coragem e a determinação na luta [...] e a permanente generosidade de todas as horas"¹⁸.

Urbano Tavares Rodrigues inspirou-se em três acontecimentos marcantes da História Mundial, para uma narrativa, *A flor da utopia* (2002), com muito de poético e imaginativo, sobre as barricadas que surgiram nas ruas de Paris durante a Revolução de 1848, a Comuna de Paris, em 1871, e a insurreição estudantil de Maio de 1968.

"O livro tem ilustrações belíssimas de Rogério Ribeiro, que expressam o entusiasmo revolucionário e a dor humana, em sintonia com o espírito do meu texto"¹⁹.

Foram várias as acções que complementaram uma carreira já de si multifacetada, como presidente da Associação Portuguesa de Escritores (1980/82), membro da secção portuguesa do Pen Club, da Associação Internacional dos Críticos Literários, da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, da Academia das Ciências de Lisboa (membro correspondente e posteriormente membro efectivo), da Academia Brasileira de Letras e da Académie Européenne des Sciences, des Arts et des Lettres, integrou o júri do Prémio Círculo de Leitores e proferiu inúmeras conferências, sobretudo nos anos 80, em consequência da sua actividade docente. Em 1992, juntamente com José Saramago, Armindo Magalhães, Manuel da Fonseca, foi um dos fundadores da Frente Nacional para a Defesa da Cultura (FNDC).

A "pequena caixa mágica" não passou despercebida ao escritor. Redigiu para a televisão o texto de um filme sobre Aquilino Ribeiro, viu a sua novela *Impossível evasão* passada para o cinema por Eduardo Gueda e participou no guião da série televisiva *Retalhos da vida de um médico*. Sobre Urbano Tavares Rodrigues, Possidónio Cachapa realizou um documentário, *O adeus à brisa*, e António Castanheira realizou *Memória das*

URBANO TAVARES RODRIGUES

22/7-1966

Poeta e Compositor

Apresento, muito agradavelmente e exultante
esta edição de Romulo Julliano, editor valioso
e dedicado, que lhe dá um deleite, assim como
• um prazer permanente e interessante.

Devido à sua posição, deve dizer-lhe, desoladamente,
que também eu sofro com a mesma dificuldade, na
visão da perspectiva política por um futuro político
neste país. No Brasil, não temos
nem sequer um insignificante número de conselhos de
Estado, sem a influência do partido, pois não é possível
que o futuro não dependa.

Com os seus melhores cumprimentos,
Urbano T. Rodrigues

RUA LATINO COELHO, 22, 4.º • LISBOA I

Cartão dirigido a José Ferreira Monte.

cat. 119

URBANO TAVARES RODRIGUES

imitação da felicidade



Livraria Bertrand

Imitação da Felicidade
1966. 1ª ed. Liv. Bertrand
Obra apreendida pela PIDE
cat. 224

palavras - Urbano Tavares Rodrigues, cuja versão final estreou no dia 12 de Maio de 2009 na Biblioteca-Museu República e Resistência, em Lisboa. Quando foi preso em 1963 (4 de Dezembro), por actividades subversivas, numa cela do Aljube, onde foi torturado, acusado de pertencer às Juntas de Acção Patriótica (pertenceu ao MUD - Movimento de Unidade Democrática, também moderados não-comunistas), chegou a cruzar-se com Manoel de Oliveira. O cineasta reparou que o escritor ainda tinha os atacadores nos sapatos, e isso aparece no filme *Visita - Ou Memórias e Confissões* realizado por Manoel de Oliveira em 1982, no qual Urbano participou, como actor - fazendo o papel de si próprio - até hoje não comercializado²⁰.

Foi também um profícuo jornalista. Como breve referência do seu longo percurso, mencionamos a sua colaboração com inúmeras editoras empenhadas numa ampla difusão de textos de alcance sociológico, cívico e informativo, entre as quais o *Bulletin des Études Portugaises*, *Colóquio-Letras*, *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias*, *Vértice*, *Nouvel Observateur*, *Seara Nova*, *Prelo e Inova*, tendo sido director do jornal *Europa: Jornal de Cultura*, redactor principal do *Jornal de Letras e Artes* e jornalista de *O Século* e de *O Diário de Lisboa*. Os seus artigos captaram e descreveram os acontecimentos de Portugal e do mundo por várias décadas, estes documentos sociais são autênticos relatos para as gerações futuras.

As suas origens levam-no a palmilhar a história, o povo, a sua herança cultural e natural, a sua *imago mundi*, e a transpô-los para a sua obra, numa dimensão universalista. E, desta forma, a biografia do escritor confunde-se com a do país, na luta incessante pela liberdade no Estado Novo, o espectro da censura, os encarceramentos, a revolução de 25 de Abril de 1975: "[...] quer no meu comportamento político, quer nos meus livros, que fazem parte de mim e da minha visão do mundo [...]"²¹.

"Se o texto literário reflecte a vida, também se propõe, nalguns casos, pelo menos, nela interferir, transformando-a".

Urbano Tavares Rodrigues (*Ensaios de Escrever*, 1978, p. 188)

Fernando Dacosta refere que "Na vanguarda da oposição à ditadura, à censura, à clausura, à usura do salazarismo, [Urbano Tavares Rodrigues] serviu-se, como ninguém, da escrita, da palavra, da coragem para defender as suas utopias, possuindo um domínio criativo e imaginativo sem paralelo. Ele não escreve (é dos raros a fazê-lo) com imagens mas com palavras, recuperando-lhes, restituindo-lhes a ressonante grandiosidade que elas têm na nossa cultura. É dos poucos que sabe que a escrita representa a última trincheira da liberdade porque não é, como a imagem, manipulada pelos poderes instituídos – daí a subalternidade a que foi votada"²². Por vezes, a História assemelha-se a um *loop*²³ de acontecimentos, onde o passado se confunde com o presente e vice-versa. Um *loop* revestido, naturalmente, de outras nuances, mas as analogias são inegáveis, ou não fossem as mentalidades o último reduto, a resistência derradeira.

Podemos constatar pelos inúmeros estudos concernentes às décadas de 30 a 70, que as acções que mais marcaram a memória do povo português foram a censura e uma Polícia Internacional de Defesa do Estado (comumente designada PIDE), porque omnipresente e com grande poder, semeou o terror, o medo e o silêncio,

reprimiu qualquer oposição política expressa, ou somente suspeita, ao regime, sem critérios verosímeis. E, aqueles que apoiavam ou pertenciam a organizações que defendiam a luta armada contra o Regime ou que tinham ligações às potências inimigas de Portugal eram por vezes torturados e detidos em prisões, nomeadamente na Prisão de Peniche e na Prisão de Caxias, e em campos de concentração, como no caso do Tarrafal. Experiência que Urbano Tavares Rodrigues vivenciou por três vezes, nunca indo a julgamento: "E tenho pago por isso. Paga-se sempre quando se luta contra a corrente"²⁴. "Tenho na retina as imagens da perseguição"²⁵.

Urbano Tavares Rodrigues foi politicamente activo. São várias as referências ao autor nos autos da PIDE (que remontam aos finais da década de 40) quer sejam relatos das suas actividades, quer sejam escutas telefónicas ou apreensão de correspondência.

O seu envolvimento activo resultou, em 1959, no afastamento da docência da Faculdade de Letras de Lisboa²⁶, à qual viria a regressar primeiro em 1974, como Professor Extraordinário; depois em 1984, por concurso, quando é integrado no quadro da FLL como professor associado; e em 1993, como Professor Catedrático. Nem o cárcere afastou a palavra escrita, ou talvez inspirada por ele, porque foi em tais circunstâncias que o autor escreveu *Contos da solidão* (1970) em papel higiénico. Guedes de Amorim escreveu no *Século Ilustrado*: "Sempre original, sempre perfeito, sempre completo, Urbano Tavares Rodrigues dá-nos, em *Contos da solidão*, alguns dos melhores contos da solidão do homem de hoje". As rádios *Portugal Livre*, *Voz da Liberdade*, *Rádio Moscovo*, chegaram a anunciar, em diversas emissões, a sua detenção e soltura²⁷. Mas também o *Le Monde* e o *Jornal do Brasil* mostraram-se atentos às vicissitudes desumanas por que passava o escritor²⁸.

"O amor e o erotismo, a par do Alentejo, do ideal revolucionário, da resistência e do comprometimento social e político, são um legado fundamental para compreender Portugal antes e depois do 25 de Abril".

Manuel Alegre (*Urbano Tavares Rodrigues - 50 Anos de Vida Literária*, 2003)

Enquanto cidadão activo, em 1970 adere ao Conselho Mundial da Paz; vê-se impedido, pela PIDE, de visitar a União Soviética (viria a conseguir em 1973, ao contrário de Alexandre Cabral, Augusto Abelaira e Alexandre Babo²⁹); em 1973, foi candidato suplente, por Lisboa, a deputado nas eleições legislativas, integrado nas listas da CDE; em 1974, viajou clandestinamente a Sófia, Bulgária; ainda no mesmo ano, a 9 de Abril de 1974, assumiu a defesa de Carlos Coutinho, então presente no Tribunal da Boa-Hora, em Lisboa, por professar ideias contrárias ao regime³⁰; e em 1975, candidata-se a deputado à Assembleia Constituinte por Lisboa, integrado nas listas do PCP. Se até à década de 60 era tido como um simpatizante pelas ideias anti-situacionistas, em 1964 era indicado como professando ideias comunistas³¹.

No Estado Novo - Fascismo, um serviço de censura prévia às publicações periódicas, emissões de rádio e de televisão, e de fiscalização de publicações não periódicas nacionais e estrangeiras, protegia permanentemente a doutrina e ideologia do regime ditatorial e defendia a moral e os bons costumes. A obra do escritor não escapou ilesa à censura apertada³². Exemplo disso mesmo sucedeu



Discursando num comício do MDP/CDE, após o 25 de Abril.

cat. 131

[illegible]

Declaração enquanto candidato
às eleições pela CDU.

cat. 129

com o seu romance *Imitação da felicidade* (1966), apreendido pela PIDE em cumprimento da "Circular-Confidencial N.º 500-S.R." de 4 de Dezembro de 1966³³, e que só viria a ser publicado após o 25 de Abril de 1974 (recebeu o Prémio da Imprensa Cultural) e com a *Redescoberta da França* (1973): "Durante muito tempo o meu nome foi afastado dos meios de comunicação, até que a idade, o prestígio, o facto de nós deixarmos de ser perigosos [...] Tudo isso fez com que me dessem atenção"³⁴. Após o 25 de Abril, segue para o prelo *Palavras de combate*, o seu primeiro ensaio político, publicado em 1975. Segundo Luís Humberto Marcos, Director do Museu Nacional de Imprensa, "A consciência democrática ainda é relativamente frágil em muitos dos que viveram o 25 de Abril. [...] o livro "O Evangelho Segundo Jesus Cristo" de Saramago, o "Caso Marcelo" [...] exemplificam situações que ameaçaram o pleno exercício da liberdade de imprensa [...] A liberdade de imprensa corre sempre riscos quanto menos cimentada estiver a consciência democrática"³⁵. Estas palavras poder-se-iam aplicar a outros sectores da sociedade.

O legado destes factos históricos prende-se com uma consciência comum, uma determinação de mudar o mundo, e enquanto cidadão, com as eleições do 25 de Abril para a Assembleia da República, Urbano Tavares Rodrigues acreditava que "[...] *não será posta em causa, nem traída, decerto, uma constituição democrática e avançada, que consagra as nacionalizações, a reforma agrária, o controle operário, as liberdades que conquistámos e pelas quais nos bateremos, todos os democratas que lutámos contra o fascismo antes e depois da gloriosa arrancada dos capitães do MFA*". Mas em nota corrige: "*É com mágoa que, na Primavera de 1977, ao rever este texto, constato que o meu optimismo de um ano antes está a ser desmentido pela realidade*"³⁶. Afinal, as liberdades não são dados adquiridos, há que lutar por elas, constantemente.

Afirma também que quando fala em democracias, não fala "[...] em falsas democracias, como acho que neste momento é a nossa, mas numa democracia, por exemplo, como a que foi praticada em Porto Alegre quando houve a união do PT e do Partido Comunista dos Trabalhadores [...]"³⁷.

Este sentimento reflecte-se particularmente n' *Os cadernos secretos do Prior do Crato* (2007), sobre o qual o autor comenta "[...] Portugal está numa decadência extrema. Perdemos o orgulho, o sentimento patriótico. O Prior do Crato levanta tudo isso [...] um herói de causas perdidas, como eu fui na luta durante a minha vida toda, durante o fascismo e, depois, lutando por uma democracia avançada, a caminho do socialismo"³⁸.

Urbano Tavares Rodrigues acreditou profundamente no grande sonho da fraternidade que levava (e talvez um dia leve) à construção do socialismo como que num sentido de existência: "[...] estive sempre ao lado dos que levam pancada. E estarei até ao fim da vida, do lado dos fracos contra os fortes"³⁹.

Depois do 25 de Abril, onde reinou na sua escrita um período mais optimista, os seus últimos livros acusam um *flash back* à literatura de combate e de percepção da realidade, manifestada em termos da interrogação angustiada sobre a crise de valores do ambiente de fim de século, e presente nos romances *O supremo interdito* (2000) e *Nunca diremos quem sois* (2002) e no conto *God Bless America!* (2003, por ter estado no Iraque):

"Hoje, tudo é diferente, numa democracia representativa que assume teoricamente

a defesa das liberdades e assegura de facto algumas na prática, mas segue o modelo económico do capitalismo neo-liberal, que gera desigualdade, miséria, corrupção, crime e adormece as consciências. O oportunismo, por um lado, e, por outro, o egoísmo da competição frenética e a ânsia de dinheiro estão a degradar o próprio estilo de vida português, à semelhança do que se passa em quase toda a Europa, com a agravante do abismo que há em Portugal entre os rendimentos do capital e os do trabalho"⁴⁰.

A importância da sua obra está explanada nos diversos testemunhos e sessões de homenagem que lhe são dedicados em vida porque, como bem referiu Possidónio Cachapa, "É tempo de começar a homenageá-los [aos escritores] em vida"⁴¹. Para além dos prémios à obra, em 2000 viria a receber da Mairie de Paris a medalha da Ville de Paris, ainda nesse ano, foi-lhe atribuído o Prémio Consagração de Carreira pela Sociedade Portuguesa de Autores e, em 2002, a Associação Portuguesa de Escritores distinguiu Urbano Tavares Rodrigues com o Grande Prémio Vida Literária APE/CGD "[...] por uma vida inteiramente doada à literatura, com particular relevo nos domínios da ficção e do ensaísmo, relevando, a este propósito, a extrema lucidez e generosidade com que, em mais de meio século, sempre leu os autores de sucessivas gerações"⁴². Em 2003, comemorava 50 anos de vida literária. Foi também agraciado com o Grau de Comendador de duas ordens muito importantes, nomeadamente a 20 de Janeiro de 1994 recebeu do Presidente da República Mário Soares a Ordem do Infante D. Henrique e a 10 de Junho (Dia de Portugal) de 2008, em Viana do Castelo, Urbano Tavares Rodrigues recebia do Presidente da República Cavaco Silva, a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada⁴³.

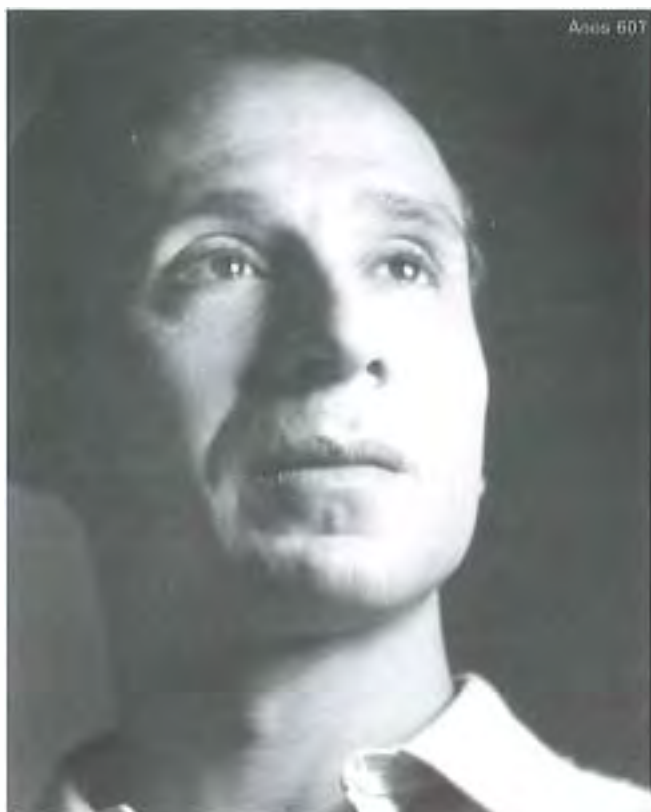
A par e passo com um dos períodos mais conflituosos da História de Portugal, como o foi o Estado Novo, Urbano Augusto Tavares Rodrigues, "um artista que sem se trair decidiu que a sua obra seguisse por novos caminhos [...] deu a muitos escritores uma lição de como é possível conciliar arte e amor pelos homens"⁴⁴, desejos de liberdade, solidariedade e esperança que mantém até hoje e que ainda sonha ver cumpridos:

"E nada mata em mim os sonhos de sempre, de que os meus livros estão cheios também. O tempo mudou-me, como a toda a gente, e deu-me alguma experiência, até da dor e do desencanto, mas continuo rigorosamente fiel aos meus valores essenciais, a liberdade e a justiça social, que desejo ainda ver harmoniosamente unidas numa sociedade bem diferente da de hoje"⁴⁵.

Urbano Augusto Tavares Rodrigues (Lisboa, 1923) continua a viver fiel aos seus princípios, imutável nos sonhos mais lindos de amor sincero pelo homem, na companhia da sua mulher, Ana Maria Salvado, médica de profissão (casados desde 19 de Setembro 2002), e do seu filho António, agora com três anos:

"Um encantamento muito grande [...]"⁴⁶, "[...] a minha melhor obra"⁴⁷.

- 1 "Entrevista a Urbano Tavares Rodrigues: o Comunismo da União Soviética nunca mais regressará" (conduzida por Isabel Lucas e Paulo Spranger), in *Diário de Notícias. DN Artes* (26 Ago. 2007)
- 2 "Urbano Tavares Rodrigues: entre a utopia e a palavra", in *Café Literário* [Em linha], (1 Ago. 2004)
- 3 Santos, José da Cruz, Coord., *Urbano Tavares Rodrigues - 50 Anos de Vida Literária*, 2003.
- 4 Urbano Tavares Rodrigues, *Casa de correcção*, 1968
- 5 "A casa da minha infância" (por Urbano Tavares Rodrigues), in *Seixo Review: Revista Semestral de Artes e Letras* [Em linha], a. 2, n.º 6
- 6 *Idem*
- 7 Urbano Tavares Rodrigues, *Estórias alentejanas*, 1977
- 8 Maria Isabel de Carvalho Tavares Rodrigues viria a ser educada pelos pais de Urbano Tavares Rodrigues em Portugal e, enquanto filha e neta de escritores, mais tarde abraçou a profissão dos progenitores, a palavra escrita.
- 9 [Carta de Luis F. Lindley Cintra a Urbano Tavares Rodrigues] [Manuscrito], Lisboa, 5 Jun. 1974
- 10 Fernando J. B. Martinho, *Romântica*, 3, p. 222
- 11 O acto simbólico de "a última aula do professor" não foi perpetrado pelo autor "(...) como reacção ao facto de o Estado não lhe ter contado para a reforma o tempo em que, por motivos políticos, esteve impedido de dar aulas, os longos anos que mediaram entre o final dos anos 50 e o 25 de Abril de 1974", in *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 338 (8 Mar. 1994)
- 12 A caneta *Bic* (criada no fim da década de 30, inícios de 40) é a ferramenta que o autor mais gosta para escrever no papel.
- 13 "Entrevista a Urbano Tavares Rodrigues" (conduzida por Ricardo Paulouro e António Melo), in *A23 Online* [Em linha], (19 Out. 2008)
- 14 *Idem*
- 15 "Urbano Tavares Rodrigues: entre a utopia e a palavra", in *Café Literário* [Em linha], (1 Ago. 2004)
- 16 "Entrevista a Urbano Tavares Rodrigues: o Comunismo da União Soviética nunca mais regressará" (conduzida por Isabel Lucas e Paulo Spranger), in *Diário de Notícias. DN Artes* (26 Ago. 2007)
- 17 *Idem*
- 18 "Urbano Tavares Rodrigues: entre a utopia e a palavra", in *Café Literário* [Em linha], (1 Ago. 2004)
- 19 "Nos 50 anos de vida literária" (conduzida por Leonel Gonçalves), in *Avante* [Em linha], n.º 1511 (14 Nov. 2002)
- 20 "Urbano Tavares Rodrigues: biografia", in *Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas* [Em linha], (Jun. 2004)
- 21 "Nos 50 anos de vida literária" (conduzida por Leonel Gonçalves), in *Avante* [Em linha], n.º 1511 (14 Nov. 2002)
- 22 "Urbano Tavares Rodrigues: entre a utopia e a palavra", in *Café Literário* [Em linha], (1 Ago. 2004)
- 23 Palavra inglesa que originalmente significa "aro", "anel" ou "sequência", e que no contexto da língua portuguesa é usada com este último significado.
- 24 "Nos 50 anos de vida literária" (conduzida por Leonel Gonçalves), in *Avante* [Em linha], n.º 1511 (14 Nov. 2002)
- 25 "Tenho na retina as imagens da perseguição" (por Urbano Tavares Rodrigues), in *Diário de Notícias*, (4 Abr. 1998), p. 6
- 26 Processo de Urbano Tavares Rodrigues acessível no ANTT. Cód. Ref.ª PT-TT-PIDE/ E/ 10/ 133/ 26457 (PIDE/DGS, SC, BOL 115377)
- 27 Processo de Urbano Tavares Rodrigues acessível no ANTT. Cód. Ref.ª PT-TT-PIDE/ E/ 10/ 133/ 26457 (PIDE/DGS, SC, GT 324, NT 1404)
- 28 Processo de Urbano Tavares Rodrigues acessível no ANTT. Cód. Ref.ª PT-TT-PIDE/ E/ 10/ 133/ 26457 (PIDE/DGS, SC 320, CI (2), 1º volume)
- 29 In *Expresso*, (12 Maio 1973)
- 30 Alegação no Tribunal da Boa-Hora [Manuscrito]. [9 Abr. 1974]. Acessível no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira, Portugal. Cota: MNR A9/ 10.1/ Cx. 5-N.º 1
- 31 Processo de Urbano Tavares Rodrigues acessível no ANTT. Cód. Ref.ª PT-TT-PIDE/ E/ 10/ 133/ 26457 (PIDE/DGS, SC, BOL 115377)
- 32 Urbano Tavares Rodrigues refere as perseguições políticas de que é alvo num cartão escrito dirigido a José Ferreira Monte em 9 de Janeiro de 1960
- 33 Processo de Urbano Tavares Rodrigues acessível no ANTT. Cód. Ref.ª PT-TT-PIDE/ E/ 10/ 133/ 26457 (PIDE/DGS, SC 320, CI (2) 1º volume)
- 34 "Entrevista a Urbano Tavares Rodrigues" (conduzida por Isabel Lucas e Paulo Spranger), in *Diário de Notícias. DN Artes*, (26 Ago. 2007)
- 35 "25 de Abril: Fraca consciência democrática pode pôr em causa a liberdade de imprensa" (conduzida por Patrícia Posse), in *Jornalismo Porto Net* [Em linha], (25 Abril de 2007)
- 36 Urbano Tavares Rodrigues, *Elegia à esperança*, 1970, p. 83
- 37 "Entrevista a Urbano Tavares Rodrigues" (conduzida por Isabel Lucas e Paulo Spranger), in *Diário de Notícias. DN Artes*, (26 Ago. 2007)
- 38 *Idem*
- 39 "Urbano Tavares Rodrigues: entre a utopia e a palavra", in *Café Literário* [Em linha], (1 Ago. 2004)
- 40 "Nos 50 anos de vida literária" (conduzida por Leonel Gonçalves), in *Avante* [Em linha], n.º 1511 (14 Nov. 2002)
- 41 "Especial visões do Sul" (entrevista a Possidónio Cachapa conduzida por Hugo Torres), in *Rascunho.net* [Em linha], (05 Nov. 2008).



Contos da solidao
1970. 1ª ed. Liv. Bertrand
cat. 191

⁴² "Urbano Tavares Rodrigues: entre a utopia e a palavra", in *Café Literário* [Em linha], (1 Ago. 2004)

⁴³ "Urbano Tavares Rodrigues recebe Santiago e Espada" (conduzida por Francisco Almeida Leite), in *Diário de Notícias* [Em linha], (5 Jun. 2008)

⁴⁴ Augusto Abelaira (1958), apud "Urbano Tavares Rodrigues: entre a utopia e a palavra", in *Café Literário* [Em linha], (1 Ago. 2004)

⁴⁵ "Nos 50 anos de vida literária" (conduzida por Leonel Gonçalves), in *Avante* [Em linha], n.º 1511 (14 Nov. 2002)

⁴⁶ "Urbano Tavares Rodrigues: a voz do escritor", in *Lusografias: retalhos de língua portuguesa* [Em linha], (21 Jun. 2008)

⁴⁷ Comentário proferido por Urbano Tavares Rodrigues na homenagem feita ao autor pela Biblioteca Nacional de Portugal, a 13 de Maio de 2009



A Flor da Utopia
2003. 1ª ed. Ed. ASA
Ilustrações de Rogério Ribeiro

Urbano Tavares Rodrigues

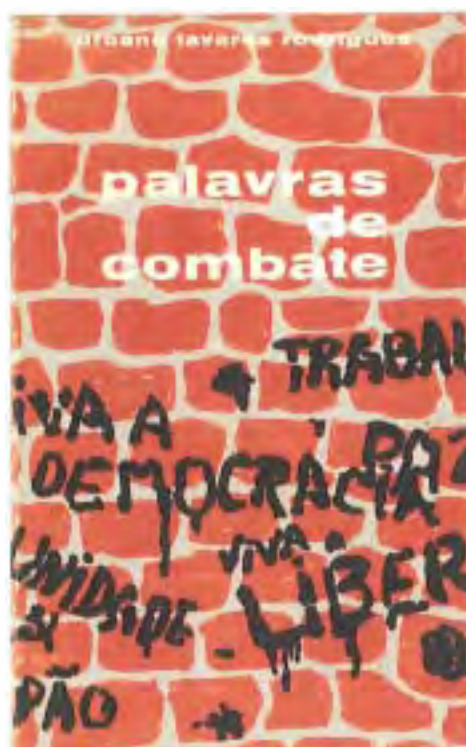
La fleur d'utopie A flor da utopia

Nouvelles traduites du portugais
par João Carlos Vitorino Pereira



La fleur d'utopie
Tradução francesa. 2007
cat. 281

Escritores



Palavras de combate
1975. 1ª ed. Seara Nova
cat. 123

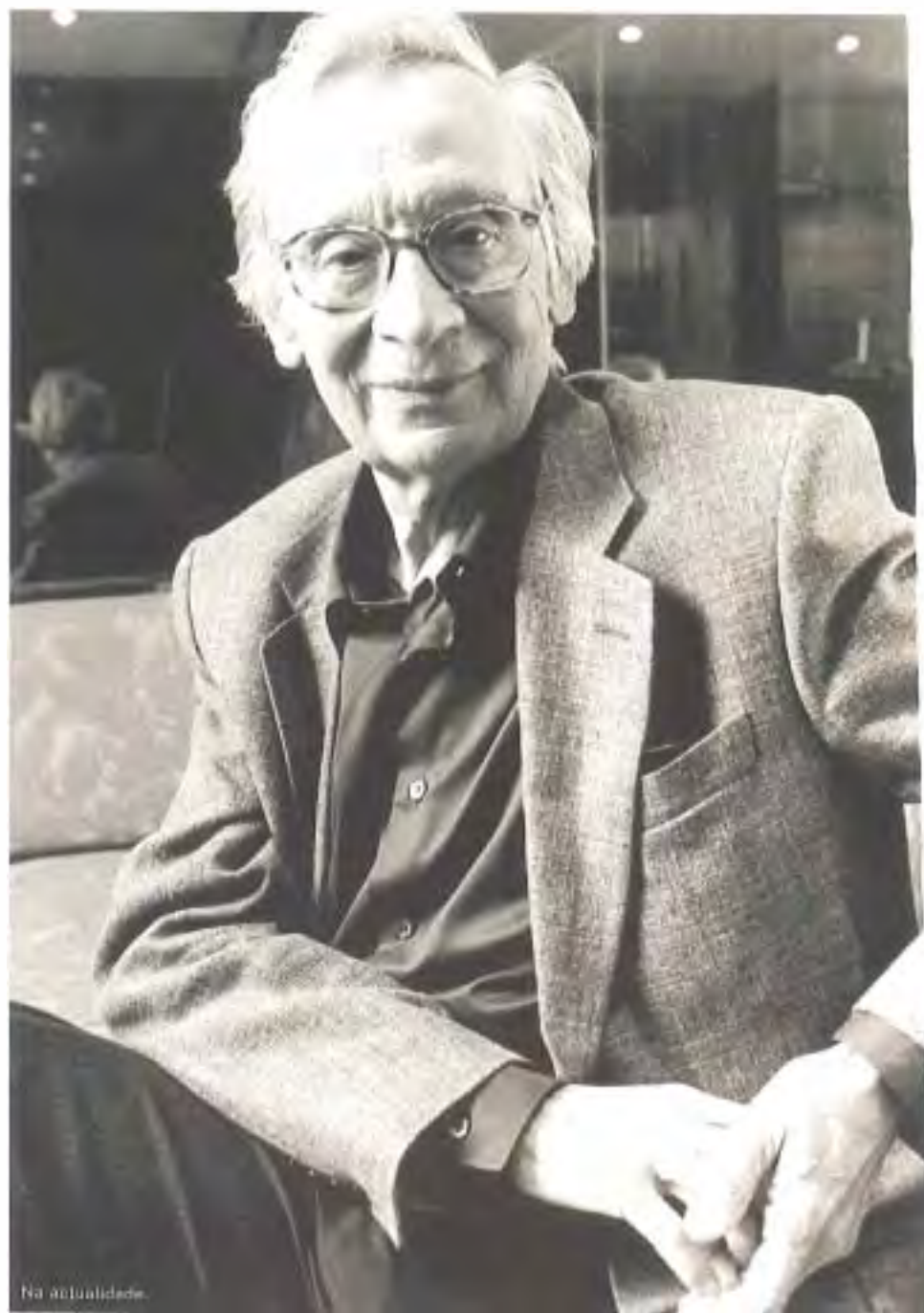
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- *Alegação no Tribunal da Boa-Hora* [Manuscrito]. [9 Abr. 1974]. Acessível no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira, Portugal. Cota: MNR A9/ 10.1/ Cx. 5-N.º 1
- BESSE, Maria Graciete - *Discursos de amor e morte: a ficção de Urbano Tavares Rodrigues*. Porto: Campo das Letras, 2000
- [Cartão de Urbano Tavares Rodrigues para José Ferreira Monte] [Manuscrito]. [9 Jan. 1960]. Acessível no Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira, Portugal. Cota: MNR A6/ 6.2055/ Cx. 43 – N.º 20
- *Expresso*. (12 Maio 1973)
- GONÇALVES, Leonel – “50 anos de vida literária”. *Avante*. [Em linha]. N.º 1511 (14 Nov. 2002). [Consult.: 15 Jan. 2009]. Disponível em www.pcp.pt/avante/20021114/511t3.html
- “Da insubmissão solidária em Urbano Tavares Rodrigues”. *Não apaguem a memória*. [Em linha]. (15 Jul. 2007). [Consult.: 15 Jan. 2009]. Disponível em [www: http://naoapaguemamemoria2.blogspot.com/2007/07/da-insubmissao-solidaria-em-urbano.html](http://naoapaguemamemoria2.blogspot.com/2007/07/da-insubmissao-solidaria-em-urbano.html)
- *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias*. N.º 338 (8 Mar. 1994)
- LEITE, Francisco Almeida – “Urbano Tavares Rodrigues recebe Santiago e Espada.” *Diário de Notícias* [Em linha]. (5 Jun. 2008). [Consult.: 20 Dez. 2008]. Disponível em [www: http://dn.sapo.pt/2008/06/05/nacional/cavaco_condecora_mendes_pela_carreir.html](http://dn.sapo.pt/2008/06/05/nacional/cavaco_condecora_mendes_pela_carreir.html)
- LUCAS, Isabel; SPRANGER, Paulo – “Entrevista a Urbano Tavares Rodrigues: o Comunismo da União Soviética nunca mais regressará”. *Diário de Notícias. DN Artes*. (26 Ago. 2007)
- PAULOIRO, Ricardo; MELO, António – “Entrevista a Urbano Tavares Rodrigues”. *A23 Online*. [Em linha]. (19 Out. 2008). [Consult.: 15 Jan. 2009]. Disponível em [www: http://www.a23online.com/portal/?p=149](http://www.a23online.com/portal/?p=149)
- POSSE, Patrícia – “25 de Abril: Fraca consciência democrática pode pôr em causa a liberdade de imprensa”. *Jornalismo Porto Net*. [Em linha]. (25 Abril de 2007). [Consult.: 3 Fev. 2009]. Disponível em [www: http://jpn.icicom.up.pt/tag/25%20de%20Abril](http://jpn.icicom.up.pt/tag/25%20de%20Abril)
- *Processo de Urbano Tavares Rodrigues* [Manuscrito]. [S. d.]. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo em Lisboa, Portugal. Cód. Ref.ª PT-TT-PIDE/ E/ 10/ 133/ 26457, PIDE/DGS, SC, BOL 115377
- *Processo de Urbano Tavares Rodrigues* [Manuscrito]. [S. d.]. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo em Lisboa, Portugal. Cód. Ref.ª PT-TT-PIDE/ E/ 10/ 133/ 26457, PIDE/DGS, SC, GT 324, NT 1404
- *Processo de Urbano Tavares Rodrigues* [Manuscrito]. [S. d.]. Acessível no Arquivo Nacional Torre do Tombo em Lisboa, Portugal. Cód. Ref.ª PT-TT-PIDE/ E/ 10/ 133/ 26457, PIDE/DGS, SC 320, CI (2) 1º volume
- RODRIGUES, Urbano Tavares – “A casa da minha infância”. *Seixo Review: Revista Semestral de Artes e Letras*. [Em linha]. A. 2, n.º 6 [S. d.]. [Consult.: 15 Jan. 2009]. Disponível em [www: http://www3.telus.net/eduardo-b-pinto/urbanotrodrigues_casa.htm](http://www3.telus.net/eduardo-b-pinto/urbanotrodrigues_casa.htm)
- RODRIGUES, Urbano Tavares - *Elegia à esperança*. Lisboa: Diabril, 1970, p. 83
- RODRIGUES, Urbano Tavares – *Ensaios de escrever*. Porto: Inova, 1970. 274 p. (As palavras e as coisas. Cultura literária)
- RODRIGUES, Urbano Tavares – *Estórias alentejanas*. Lisboa: Caminho, cop. 1977. 219 p. (Letras; 18)
- RODRIGUES, Urbano Tavares – “Europa e consciência”. *Europa: Jornal de Cultura*. N.º 1 (Jan. 1957), p. 1.
- RODRIGUES, Urbano Tavares – “Tenho na retina as imagens da perseguição”. *Diário de Notícias*. (4 Abr. 1998)
- SANTOS, José da Cruz, coord. – *Urbano Tavares Rodrigues: 50 Anos de Vida Literária*. Porto: Asa, 2003. (O prazer de ler. O prazer de olhar). ISBN 9789724135427
- TORRES, Hugo – “Especial visões do Sul: entrevista a Possidónio Cachapa”. *Rascunho.net* [Em linha]. (05 Nov. 2008). [Consult.: 30 Dez. 2008]. Disponível em [www: http://www.rascunho.net/artigo.php?id=2210](http://www.rascunho.net/artigo.php?id=2210)
- “Urbano Tavares Rodrigues: biografia”. *Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas*. [Em linha]. (Jun. 2004). [Consult.: 15 Jan. 2009]. Disponível em: <http://www.dglb.pt/sites/DGLB/Portugu%C3%AAs/autores/Paginas/PesquisaAutores5.aspx?AutorId=9532>
- “Urbano Tavares Rodrigues: entre a utopia e a palavra”. *Café Literário*. [Em linha]. (1 Ago. 2004). [Consult.: 15 Jan. 2009]. Disponível em [www: http://cafeliterario.blogspot.com/2004/08/urbano-tavares-rodrigues-entre-utopia_01.html](http://cafeliterario.blogspot.com/2004/08/urbano-tavares-rodrigues-entre-utopia_01.html)
- “Urbano Tavares Rodrigues: a voz do escritor”. *Lusografias: retalhos de língua portuguesa*. [Em linha]. (21 Jun. 2008). [Consult.: 16 Fev. 2009]. Disponível em [www: http://lusografias.wordpress.com/2008/06/21/urbano-tavares-rodrigues-a-voz-do-escritor-4/](http://lusografias.wordpress.com/2008/06/21/urbano-tavares-rodrigues-a-voz-do-escritor-4/)



Em sua casa, anos 80.

cat. 172



Na actualidade.

Cinza e rosa no eixo do real

Nuno Júdice

Quando falamos em neo-realismo, estamos a cobrir com esta designação um conjunto de autores e de obras que, a partir da década de quarenta do século XX até à década de sessenta, inscrevem um projecto de relacionar literatura e história de uma forma empenhada, em função de um desejo de transformação revolucionária da sociedade cujas injustiças são denunciadas. As condições da época, em que uma censura dupla se exercia, exterior mas também interior, dado que o escritor sabia que tinha de circunscrever a sua escrita a certos moldes que não excedessem a tolerância do regime, embora muitas vezes isso não impedisse apreensões de livros e mesmo represálias que poderiam ir até à prisão, obrigam no entanto a que a denúncia surja mitigada por um "livro de estilo" *avant-la-lettre* em que é possível reconhecer os códigos de transmissão da "mensagem" subliminar que apela à revolta.

Este condicionalismo vai, sem dúvida, prejudicar aquilo que seria uma expressão livre quer do estilo próprio quer dos temas que muitas vezes não se encaminham no que seria a direcção natural de um tratamento em que o contexto temporal deveria ser dado de modo explícito e concreto. Nem o país é apresentado directamente na sua realidade histórica, nem as situações concretas dos personagens e das suas motivações profundas saem de um subentendido que nem sempre clarifica a motivação das suas acções. Isto não significa que essa literatura não seja digna do reconhecimento pela qualidade dos autores e pela coerência do movimento que se afirma como um dos mais estruturados dentro esse período da Ditadura correspondente aos anos europeus do pós-2ª Guerra Mundial.

A própria designação neo-realista é aplicada de modo nem sempre preciso, alargando-se a todo um conjunto de obras apenas porque, nelas, se verifica essa intervenção crítica sobre a situação política da altura. É sem dúvida muito mais complexo o quadro da literatura que se inclui dentro do projecto, e cada autor tem o seu modo pessoal de viver esse compromisso, entre um modo mais realista (caso de Fernando Namora), outro mais lírico (caso de Manuel da Fonseca), outro mais alegórico (caso de Carlos de Oliveira), para dar apenas alguns exemplos de entre os grandes representantes dessa estética.

É por tudo isto que se torna necessário re-fazer a leitura dos autores que se associam a esse período ainda objecto de polémicas e visões excessivamente marcadas por preconceitos ideológicos, que prejudicam uma visão objectiva e séria da sua qualidade e originalidade. Será o caso de Urbano Tavares Rodrigues, sobretudo no que aos primeiros livros diz respeito. Se a coincidência de atitude, implicando a crítica do regime e o espírito de resistência, o liga ao movimento neo-realista, não podemos por outro lado deixar de verificar a sua diferença

e singularidade, designadamente na atenção a um espaço político e cultural muito mais amplo do que aquele a que se resumia Portugal, abrindo para um largo horizonte o seu universo narrativo.

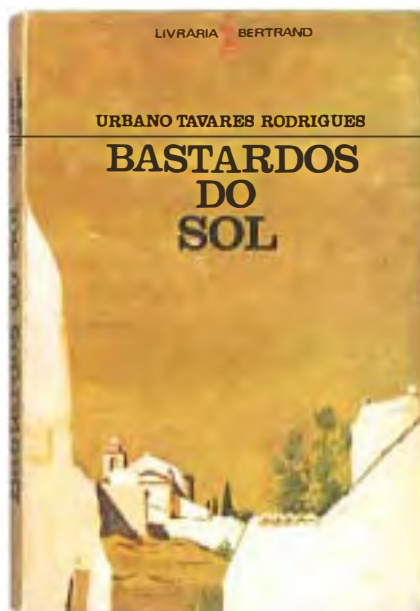
Desde logo, a ficção de Urbano contemporânea da fase heróica do neo-realismo distingue-se por uma visão interclassista e cosmopolita do mundo social. Não temos personagens-tipo, construídos a partir de moldes ilustrativos de uma visão predeterminada da sociedade, mas seres cuja complexidade, muitas vezes, emerge de atitudes que, à primeira leitura, decorreriam da sua origem de classe. Vemos também como essa complexidade decorre de um pôr em situação o indivíduo, forçando-o a assumir as suas contradições e a resolvê-las, ou não, de acordo com o progresso do esquema narrativo. O que distingue estes textos de outros da mesma linha estética do neo-realismo, em que o lado programático condiciona muitas vezes o comportamento dos personagens, é essa utilização de um fundo existencial que desenha o perfil da sua evolução, afastando-os da caricatura ou do ícone para os apresentar numa emergência dramática de atitudes que impõe a sua compreensão, mais do que a rejeição ou a adesão acríticas do leitor.

Não é esta, sem dúvida, uma base fácil para a aceitação da ficção de Urbano dentro do horizonte de recepção da literatura comprometida; mas não deverá surpreender, por outro lado, que tenha atingido um largo público, desde sempre, devido ao modo envolvente como este universo é apresentado, designadamente recorrendo a elementos próprios da linguagem poética que, no entanto, são naturalmente integrados na sua escrita, sem o desígnio de embelezar artificialmente a prosa. Temos também um conhecimento profundo das técnicas romanescas que surgem nas grandes literaturas do pós-guerra, em particular a francesa; e se Urbano não adere ao existencialismo, como o fará Vergílio Ferreira, sente-se sem dúvida a mesma preocupação de integrar uma dimensão psicológica dos personagens que, mais do que isolá-los como representações de espaços mentais construídos para exemplo de conceitos abstractos, visa colocar uma hipótese de abertura, através da liberdade de decidir que lhes é concedida, para cada situação.

O livro que melhor concentra este momento de fixação do cânone neo-realista e de abertura para um outro tipo de realismo, em que o mundo é transmitido de forma expansiva com vista a uma compreensão englobante dos seus determinismos e condicionantes, é *Bastardos do Sol* (1959). Urbano tem já, nessa data quase uma década de actividade literária, onde o conto adquire um papel central; e podemos verificar, neste romance, um processo construtivo que decorre da prática desse género, em que a atenção se fixa num ponto nuclear (situação ou personagem) do real que se pretende que sobressaia do painel de fundo da vida social. Esse ponto é a relação amorosa, e a dinâmica subversiva decorre do seu assumir como afirmação de liberdade e de revolta da figura feminina, Irisalva, que se entrega a Delfino para escapar ao ascendente do irmão, Arménio, tanto do ponto de vista económico como sobretudo pela repressão psicológica que visa fechá-la no espaço familiar, eliminando a sua vontade própria.

A casa como espaço isomorfo do país é sem dúvida uma leitura situada; mas isso não esgota as linhas de significação que decorrem desta relação familiar onde um clima de tragédia grega domina o quadro narrativo, acentuado pelo desfecho em que a punição bárbara de Delfino pelo irmão de Irisalva, através da sua

Bastardos do Sol
1966. 2ª ed. Liv. Bertrand
cat. 180



Realismo, Arte de Vanguarda e Nova Cultura
1966 - 1ª ed. Ed. Ulisseia
cat. 44

castração, se transforma num ritual que tem na sua última motivação o fantasma do incesto. É esta capacidade de regressar ao cânone clássico que permite ao leitor colocar, sobre os episódios de superfície dos conflitos sociais e políticos, esse fundo imemorial onde se situa, entre a grandeza e a abjecção, o motor que faz mover o homem. E também não é por acaso que o romance se inicia com a presença do fogo no cinzeiro onde arde uma carta de que só se vê, *"na extremidade do papel carbonizado"*, a assinatura de Delfino. É neste contraste entre o Sol, no título, remetendo para Apolo de quem o mundo dos personagens descende numa linhagem bastarda, que desvaloriza o seu estatuto heróico, ou o reconverte de forma negativa no inverso do esplendor apolíneo, e a cinza que evoca o preceito barroco da oposição entre o lume e o pó, que o excesso dos comportamentos encontra a sua motivação.

E chegamos ao ponto de equilíbrio que sustenta os instantes de ruptura – indicados pelas agressões de que Arménio é objecto por parte dos pobres, ou pelos sonhos de Irisalva. Num como noutro caso temos a dimensão nocturna de um espaço fantasmático onde as sombras – as dos agressores da propriedade de Arménio, as das obsessões de Irisalva, que se polarizam nas imagens expressionista do *"homem que ria"*, com *"um grande riso cómico e medonho"*, e do *"homem pássaro"* que surgia *"sempre rápido, fugidivo, evanescente"*, e na imagem mortuária da *"mulher informe, mais do que nunca encoberta, naquela noite, em seus véus de rosa-pálido"* – vão fazer das suas vidas uma *"falsa vida póstuma"*, transformando Irisalva num *"cadáver insepulto de ilusões"* e de Arménio *"seu carrasco sagrado"*.

Sentimos, neste registo nocturno, uma linha que terá a sua fonte no mundo de Raul Brandão, mas igualmente associada a um expressionismo que não recua perante a hipérbole, embora circunscrita ao plano do sonho. O texto, porém, reconduz-nos a uma narrativa que encontra a sua lógica no fio sequencial do percurso que leva Irisalva da prisão familiar à fuga libertadora. E é como se esse percurso tivesse a sua origem numa linha melódica subconsciente, que não deixa de estar presente em cada momento da acção, instaurando um ritmo poético que dá o contraponto solar ao clima asfíxiante da casa. São as vozes do canto popular, do coro alentejano que é personificado na *"voz daquele trovador sem rosto, emergindo agora de um coro pastoso e dolente de ébrios mansos em véspera de feira"*. Mas a imagem que ganha ascendente simbólico, e se vai impondo até final, é a rosa que se tornara *"coisa sagrada"* entre Irisalva e Delfino, que a canção descreve como *"a rosa de sangue / Qu'inda não foi desfolhada"*. *"Coisa sagrada"* ou *"flor sagrada"*, esta insistência no lado sacral que prolonga a qualificação de Arménio como *"carrasco sagrado"* vem assim instituir uma trindade de pólos negativos, em que os homens se repelem, e a mulher se divide entre o ódio a Arménio e o amor a Delfino, embora sejam sentimentos tão excessivos, na *"veemência de brasa, no delírio das sensações extremas"*, que conduzem ao medo, e no limite à loucura. Esta presença do sagrado na sua epifania rosal associa-se ao sacrifício, que tem no momento da castração o Calvário simbólico de Delfino, e vai diluir a sensualidade de Irisalva através da associação da flor à água, quando *"ali onde o oiteiro confina com o regato, um inesperado lilás cai na água estagnada. Ao lado, uma roseira brava"*. E reaparece a *"flor de sangue"*, o que é sintomático da morte dupla do desejo, em Delfino pelo

sacrifício, e nela pela renúncia. A impotência e o alheamento conjugam-se na imagem dessa rosa:

"Irisalva não a colhe. Somente se lhe acerca, cheira-a. Quatro pétalas. Rosa singela, desacompanhada, quase sem perfume. Já as rosas não cheiram. A água podre, o sol. A imagem dela, trémula e esgrouviada, no veio de água, entre os espinheiros".

E é também uma flor que vai surgir, já no fim, através da figura regeneradora da criança que Irisalva conhece, no comboio que a leva para Lisboa, e que brinca com essa flor que enfeita o seu vestido domingueiro. Apresentada inicialmente como *"adorno barroco"* que ela arranca da cintura para a oferecer à criança, transforma-se por fim numa *"rosa quase vermelha. Não é bem salmão: é cor de sangue desmaiado, de sangue esquecido"*. Encontramos assim um desfecho que podemos considerar salvífico no final de um processo que conduz à libertação dessa mulher, pondo o acento positivo no feminino em contraponto com o desfecho negativo para Arménio – abandonado pela irmã e condenado a sofrer, na solidão, a hostilidade dos que o rodeiam – e para Delfino – cuja castração põs fim à vocação donjuanesca de sedutor.

Se o romance se inscreve no contexto dessa literatura de combate, não recuando perante a colocação de todas as questões que envolvem o tratamento da realidade portuguesa da época, o modo como o faz evita precisamente os riscos de se submeter às imposições de um realismo estreito que fecharia o universo romanesco num excessivo circunstancialismo. O fecho de *Bastardos do sol*, por outro lado, representa de facto uma abertura para outro horizonte – o que se irá passar em Lisboa, na sequência da fuga de Irisalva. Há um passo em frente relativamente ao que é retratado em *A impossível evasão* (novela incluída em *Uma pedrada no charco*, 1958) cujo ambiente da boémia artística lisboeta, associada à prostituição, evoca Zola, e em que a mulher não tem outra saída possível do meio de miséria para que é arrastada. Também aqui podemos verificar a dimensão desse arco que se abre, desde o puro realismo urbano dessa novela até ao meio de província rural de *bastardos do sol*, desde a denúncia pontual de situações da pequena burguesia sem esperança, condenada ao suicídio ou à escravidão do bordel, até ao desenho de uma esperança que, no fim em aberto, permite uma solução que vai de encontro ao gesto de revolta que a fuga representa.

Podemos verificar, nesta década que vai de *A porta dos limites* (1952) a *Bastardos do Sol*, uma real transformação da linguagem romanesca de Urbano Tavares Rodrigues que faz o nosso romance acertar o passo pela Europa. Não é um pequeno gesto, esse de nos fazer saltar de um realismo ainda contaminado pelo molde de oitocentos, mesmo que nesse molde se encontrem os Flaubert, Zola, Dostoiévsky, Gorky, etc. para uma escrita que denota a leitura atenta do que se passa no neo-realismo italiano, que pressente as mudanças do novo romance, que adere às rupturas temáticas dos franceses, de Malraux a Camus, Sartre, Simone de Beauvoir. Não será o questionamento filosófico, a interrogação, a angústia, um primado da escrita de Urbano; mas sem dúvida que ele problematiza os seus personagens, e o que do seu retrato emerge é, muitas vezes, esse claro-escuro que nos obriga a ir além das simpatias ou antipatias imediatas que suscitam adesões ou repúdios fáceis. Na sua bruteza e boçalidade, Arménio é um

desses casos que questiona a nossa atitude, e o que dele sobrevive é esse halo trágico de solidão que o coloca a par de um outro caso análogo na sua dimensão trágica: O *Barão de Branquinho da Fonseca*, bem longe do neo-realismo onde Urbano se situa, mas ao mesmo tempo próximo dele no que liga todos os grandes escritores, que é a sua capacidade de desenharem com a nitidez e a precisão da sua palavra a grandeza e a miséria do homem.



Uma pedrada no charco
1957. 1ª ed. Liv. Bertrand
Prémio Ricardo Malheiros

cat. 91



Na redacção do *Diário de Lisboa*, em Julho de 1958.



Em 1955, ao lado do seu retrato pintado por Maria Judite de Carvalho

cat. 95

Mensagem

Urbano Tavares Rodrigues

Acumular livros, romances, novelas, muitos contos, ensaios, prefácios, artigos, pode significar uma procura incessante de perfeição e sobretudo de desejo de comunicar, de lutar por uma sociedade melhor, por uma nova fraternidade.

São despojos de uma vida intensa, sempre ligada à escrita, mas também de resistência, risco e sofrimento.

Neste fim de jornada ainda não deponho as armas, isto é a pena, o que me resta.

O futuro é escuro e incerto, mas há uma mudança de civilização à vista, a barbárie neo-liberal, ao extinguir-se (ou reformar-se?) deixa antever campos de esperança.

Amigos, obrigado por esta comemoração do meu percurso. Estou convosco, mesmo que o meu estado de saúde não me permita a presença efectiva. Mais uma vez, obrigado!



enl. 1

Catálogo

1) [Um moinho de Moura, junto do rio Ardila, no Alentejo] [Registo visual]. – [S. d.]. – 1 fotografia: p&b ; 6 x 9cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[Paisagem de Moura, no Alentejo] [Registo visual]. – [S. d.]. – 1 fotografia: p&b ; 6 x 9cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[O rio Ardila, Moura, no Alentejo] [Registo visual]. – [S. d.]. – 1 fotografia: p&b ; 6 x 9cm
Ao fundo vê-se uma casa junto ao rio.
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[O rio Ardila visto de cima, Moura, no Alentejo] [Registo visual]. – [S. d.]. – 1 fotografia: p&b ; 6 x 9cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[Urbano Tavares Rodrigues a cavalo no Alentejo] [Registo visual]. – [S. d.]. – 1 fotografia: p&b ; 12 x 9cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[Urbano Tavares Rodrigues no campo] [Registo visual]. – [S. d.]. – 1 fotografia: p&b ; 6 x 9cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[O rio Ardila, Moura, no Alentejo] [Registo visual]. – [S. d.]. – 1 fotografia: p&b ; 6 x 9cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

2) [Safões] [Objecto]. – [S. l.: s. n., 19--]. – 1 safões: couro ; 99,5 x 84cm
Traje que Urbano Tavares Rodrigues usava para andar a cavalo
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

3) O Alentejo: Alto e Baixo Alentejo / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Bertrand, [1958]. – 204 p.: il. ; 18 cm. – (Antologia da Terra Portuguesa ; 3)
MNR Biblioteca Particular Alves Redol

4) [Urbano Rodrigues: pai de Urbano Tavares Rodrigues] [Registo visual]. – [S. d.]. – 1 fotografia: p&b ; 12 x 9cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

5) [Urbano Tavares Rodrigues com a sua mãe] [Registo visual]. – [195-]. – 1 fotografia: p&b ; 9 x 5cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

6) [Urbano Tavares Rodrigues com seu irmão Miguel e vários primos e amigos em Moura...] [Registo visual]. – [194-?]. – 1 fotografia: p&b ; 6 x 9cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

7) [Urbano Tavares Rodrigues] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia: p&b ; 14 x 9cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

8) Alentejo imutável, Alentejo trágico [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [S. d.]. – 5 f. ; 28cm
Ms.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

9) Alentejo imutável, Alentejo trágico
[Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. –
[S. d.]. – 6 f. ; 30cm
Dactiloscrito
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

10) Bastardos do Sol / Urbano Tavares
Rodrigues. – Lisboa: Arcádia, 1959. –
143, [5] p. ; 18 cm. – (Colecção Autores
Portugueses ; 8)
Obra autografada pelo autor dirigida ao Alves
Redol
MNR Biblioteca Particular Alves Redol

11) Para um perfil social da mulher do Baixo
Alentejo / Urbano Tavares Rodrigues
In: Diário de Lisboa. – [Lisboa]. –
(7 Fev. 1971)
MNR H2/ 48/ Cx. 11

12) Uma simples nota sobre a ironia em
Manuel da Fonseca [Manuscrito] / Urbano
Tavares Rodrigues. – [S. d.]. – 2 f. ; 28cm
Ms.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

13) [Urbano Tavares Rodrigues com Manuel
da Fonseca, Natália Correia e outros, com o
Rancho Coral das Vindimas da Vidigueira, na
Casa do Alentejo] [Registo visual]. –
[1970]. – 1 fotografia: p&b ; 12 x 18cm
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

14) [Casa do Alentejo: 80 anos: homenagem
ao escritor Urbano Tavares Rodrigues]
[Objecto]. – [S. l.: s. n.], 10 Jun. 2003. –
1 placa: prata ; 9 x 5cm + 1 caixa azul ;
9 x 14cm
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

15) [Saberes e sabores do distrito de Beja:
Confrade de Honra III Capítulo] [Objecto] /
[Confraria dos Gastrónomos do Distrito de
Beja]. – Moura: CGDB, 20 Out. 1998. –
1 medalha pendente ; 9cm de diâmetro +
banda bicolor: amarela e negra ; 121cm
Atribuída a Urbano Tavares Rodrigues em
20 Out. 1998
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

16) Um grande escritor do Alentejo:
homenagem
In: Avante. – [S. l.]. – (24 Out. 1996)
MNR H1/ 15/ Cx. 30

17) Os meus vários alentejos / Urbano
Tavares Rodrigues
In: Expresso. – [S. l.]. – (19 Ago. 2000),
p. 24-31
MNR H2/ 48/ Cx. 11

18) [Caderneta Militar de Urbano Augusto
Tavares Rodrigues] [Material gráfico] /
República Portuguesa. – Portugal: RP, 1944. –
1 caderneta: 64 p. ; 15 x 11cm
Caderneta Militar n.º 45, com o n.º de
matrícula 1944/ A/ 535, do Serviço de
Administração Militar
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

19) [Urbano Tavares Rodrigues com Maria
Judite de Carvalho no pátio da Faculdade de
Letras de Lisboa] [Registo visual]. –
[1945]. – 1 fotografia: p&b ; 9 x 6cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

20) Manuel Teixeira Gomes: introdução ao
estudo da sua obra / Urbano Tavares
Rodrigues. – [Lisboa]: Portugal, 1950. –
129, [10] p. ; 20 cm
Obra autografada pelo autor dirigida ao
Rogério Fernandes
MNR RDR/Ens/3969

21) [Diploma de licenciatura em Filologia
Românica] [Material gráfico] / Faculdade de
Letras de Lisboa. – Lisboa: UL, FLL, 18 Jul.
1949. – 1 diploma: 1 f. em papel ; 55 x 41cm
+ fita: seda azul ; 65cm + selo: caixa em
metal prateado com lacre azul no interior ;
5 x 5cm + tubo: ferro ; 43 x 8cm de diâmetro
Ms.
Licenciatura em Filologia Românica, concluída
em 1949, pela FLL
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

22) A metáfora em Teixeira-Gomes: a face
diurna e a face nocturna [Manuscrito] /
Urbano Tavares Rodrigues. – [Depois de
1966?]. – 4, [1] f. ; 28cm
Ms.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues



cat. 8



cat. 3

23) [Urbano Tavares Rodrigues com Maria Judite de Carvalho e amigos na praia de Carcavelos] [Registo visual]. – 1948. – 1 fotografia: p&b ; 9 x 14cm
Esta fotografia foi retocada a cores
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

24) Águas de verão: diário de um escritor: 1 / Urbano Tavares Rodrigues
In: Diário de Lisboa. – [Lisboa]. – (12 Jul. 1968), p. 12 e 23
MNR H2/ 48/ Cx. 11

25) [Certificado da Universidade de Santiago de Compostela] [Material gráfico] / Universidad de Santiago de Compostela. – Santiago de Compostela: USC, 2 Ago. 1948. – 1 certificado: 1 f. em papel ; 25 x 33cm Ms.
Atribuído a Urbano Tavares Rodrigues pelo Secretário dos Cursos de Verão para Nacionais e Estrangeiros leccionados pela Universidade de Santiago de Compostela
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

26) [Cartão de identificação de Urbano Tavares Rodrigues da Universidade de Santiago de Compostela] [Material gráfico] / Universidad de Santiago de Compostela. – Santiago de Compostela: USC, 1948. – 1 cartão ; 11 x 17cm
Cartão de identificação aquando inscrito nos cursos de Verão para nacionais e estrangeiros pela Universidade de Santiago de Compostela, 2 Jul. 1948.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

27) Santiago de Compostela: quadros e sugestões de Galiza / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa : Empresa Nacional de Publicidade, 1949. – 50 p. ; 19 cm
MNR RDR/Ens/6777

28) [Urbano Tavares Rodrigues com Maria Judite de Carvalho no dia do casamento] [Registo visual]. – [1949]
(Lisboa: João Melo). – 1 fotografia: p&b ; 17 x 23cm
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

29) [Fachada da casa de Urbano Tavares Rodrigues em Montpellier] [Registo visual]. – [195-?]. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15cm
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

30) [Urbano Tavares Rodrigues com os seus alunos da Sorbonne] [Registo visual]. – [195-?]. – 1 fotografia: p&b ; 21 x 30cm
Aquando docente de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Paris-Sorbonne
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

31) [Cartão de identificação de Urbano Tavares Rodrigues da Biblioteca da Universidade de Paris, Sorbonne] [Material gráfico] / Universidade de Paris, Sorbonne. – Paris: UP, 1954. – 1 cartão ; 9 x 12cm
Cartão de identificação da Biblioteca da Universidade de Paris, n.º 737, aquando docente de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Paris-Sorbonne
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

32) [Urbano Tavares Rodrigues com André Maurois em Paris] [Registo visual]. – [195-]. – 1 fotografia: p&b ; 20 x 29cm
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

33) [Urbano Tavares Rodrigues com Maria Judite de Carvalho e a filha de ambos Maria Isabel em Paris] [Registo visual]. – [1951 ou 1952?]. – 1 fotografia: p&b ; 13 x 18cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

34) A porta dos limites: contos e novelas / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1952. – 320, [3] p. ; 20 cm
MNR RDR/Lit/990

35) [Urbano Tavares Rodrigues em Fontainebleau] [Registo visual]. – [1954]. – 1 fotografia: p&b ; 13 x 18cm
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

36) Trois écrivains étrangers: français ou le pouvoir d'absorption de l'actuelle littérature française [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [S. d.]. – 3 f. ; 28cm Ms.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

37) Présentation de Castro Alves/ Urbano Tavares Rodrigues. – Coimbra: Coimbra Editora, 1954. – 35 p. ; 25 cm
MNR RDR/Ens/647

38) [Ville de Paris à Urbano Tavares Rodrigues] [Objecto]. – [Paris: s. n.], 2000. – 1 medalha ; 5cm de diâmetro + 1 caixa: verde ; 8 x 8 x 2cm

No verso da medalha lê-se *Fluctuat Nec Mergitur* ("Flutua Não Afunda"?)

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

39) [La médaille de la Ville de Paris... Urbano Tavares Rodrigues] [Material gráfico]. – [Paris: s. n.], 2000. – 1 certificado: 1 f. papel ; 40 x 29cm

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

40) [Urbano Tavares Rodrigues, num jardim, sentado numa "bola" de pedra] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia:

p&b ; 20 x 21cm

Reprodução do original

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

41) [Caderno pautado da Faculdade de Letras] [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [Entre 1957 e 1959]. – [100] f., encadernado ; 21 cm

Ms. com apontamentos de Urbano Tavares Rodrigues aquando docente da cadeira de Filologia e de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Contém: 1 dactiloscrito sobre "Dialectos españoles".

Algumas folhas em branco

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

42) [Urbano Tavares Rodrigues com alunos na entrada da Faculdade de Letras de Lisboa] [Registo visual]. – [1958]. – 1 fotografia: p&b ; 17 x 24cm

Urbano Tavares Rodrigues com Vitorino Nemésio, Délio Nobre dos Santos, Lindley Cintra, entre outros

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

43) Projecto de Cursos de Literatura [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [19--]. – 1 f. ; 28cm

Ms.

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

44) Realismo, arte de vanguarda e nova cultura / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Ulisseia, imp. 1966. – 120, [3] p. ; 19 cm. – (Poesia e Ensaio ; 15)

Obra autografada pelo autor dirigida ao Alves Redol

MNR Biblioteca Particular Alves Redol

45) [Carta de Luis F. Lindley Cintra a Urbano Tavares Rodrigues] [Manuscrito] / Luis F. Lindley Cintra. – Lisboa, 5 Jun. 1974. – 1 f. ; 28cm

Ms. em papel timbrado da Faculdade de Letras de Lisboa.

Convite a Urbano Tavares Rodrigues para Professor Extraordinário para o Grupo de Filologia Românica da Faculdade de Letras de Lisboa, em nome da Comissão Directiva. Colecção Urbano Tavares Rodrigues

46) O discurso do desejo [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [Depois de 1977?]. – 54 f. ; 28cm

Ms.

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

47) [Urbano Tavares Rodrigues no seu Doutoramento com Maria Lúcia Lepecki e António José Saraiva] [Registo visual]. – [1984]. – 1 fotografia: color. ; 18 x 10cm

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

48) [Cartão de identificação da FLL] [Material gráfico] / Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. – Lisboa: UL, FLL, 1988. – 1 cartão ; 7 x 10cm

Cartão de identificação n.º 1453, aquando Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

49) [Urbano Tavares Rodrigues na apresentação e defesa da dissertação de Mestrado por Teresa Moura Guedes, na reitoria da Universidade de Lisboa] [Registo visual]. – [198-]. – 1 fotografia: color. ; 13 x 18cm

Urbano Tavares Rodrigues na companhia de Helena Buescu, Manuel Gusmão, Maria Alzira Seixo, David Mourão-Ferreira, Eugénia Leal, entre outros

Colecção Urbano Tavares Rodrigues



cat. 18



cat. 20



cat. 26

50) Urbano homenageado pela sua faculdade
In: *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. –
[Lisboa]. – (8 Mar. 1994)
MNR H1/ 15/ Cx. 30

51) [Mocho] [Objecto]. – Guatemala: [s. n.,
s. d.]. – 1 escultura de um mocho : madeira,
esculpida em tronco de árvore natural ;
7 x 11cm
Este mocho, eleito como um dos preferidos,
faz parte de uma colecção constituída por
Urbano Tavares Rodrigues.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

52) [É o cântico do corpo...] [Manuscrito] /
Urbano Tavares Rodrigues. – [S. d.]. – 1 f. ;
24cm
Ms.
Escreve sobre a mulher.
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

53) [Carta de Urbano Tavares Rodrigues a
Mário Braga] [Manuscrito] / Urbano Tavares
Rodrigues – [Lisboa], 23 Out. 195-. – 1 f. ;
21cm
Ms. em papel timbrado do Diário de Lisboa.
Sobre as crónicas sobre teatro e o livro
esboçado de Urbano Tavares Rodrigues,
intitulado "Teatro do actual".
MNR A/18 6.2/ Cx. 8

54) [Carta de Urbano Tavares Rodrigues a
Mário Sacramento] [Manuscrito] / Urbano
Tavares Rodrigues – Lisboa, 15 Abr. 1960. –
1 f. ; 29cm
Ms.
Sobre críticas de teatro de Urbano Tavares
Rodrigues a serem publicadas na Bertrand,
e o colóquio sobre Teixeira-Gomes no qual o
autor participou
MNR A/23/ Cx. Correspondência

55) Noites de teatro / Urbano Tavares
Rodrigues. – Lisboa: Ática, 1961. –
260, [1] p. ; 17 cm. – (Ensaio ; 1)
Obra autografada pelo autor dirigida ao
Alfredo Marques
MNR RDR/Lit/630

56) [Urbano Tavares Rodrigues com Maria
Judite de Carvalho e Bernardo Santareno]
[Registo visual]. – [S. d.]. – 1 fotografia:
p&b ; 7 x 10cm.
Anos 50-60
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

57) O duelo / Urbano Tavares Rodrigues
In: *Seara Nova*. – Lisboa. – N.º 1507
(Maio 1971), p. 45
Crítica de teatro à peça "O duelo" de
Bernardo Santareno
MNR PP/ 2

58) As torres milenárias: peça em dois actos
/ Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora:
Bertrand, 1971. – 158, [1] p. ; 19 cm
Obra autografada pelo autor dirigida
ao Rogério Fernandes
MNR RDR/Lit/3973

59) [Urbano Tavares Rodrigues com actores
de teatro] [Registo visual]. – [19--?]. –
1 fotografia: color. ; 15 x 21cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

60) [O teatro é...] [Manuscrito] / [Urbano
Tavares Rodrigues]. – [S. d.]. – 2 f. ; 28cm
Ms.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

61) [Urbano Tavares Rodrigues com Rogério
Paulo, Luiz Francisco Rebello e Mariana Vilar
no Castelo de S. Jorge em Lisboa] [Registo
visual]. – [1961]. – 1 fotografia: p&b ;
12 x 18cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

62) Retalhos da vida de um médico [Registo
vídeo] / realizado por Artur Ramos e Jaime
Silva. – Lisboa: RTP, cop. 1979/80. –
1 cassete (VHS) : color. –
(Séries Portuguesas / RTC)
Uma série baseada na obra do escritor
Fernando Namora.
Vol. 2 – História de um parto ; Cardos,
Cardos na floresta.
Urbano Tavares Rodrigues participou na
adaptação e diálogos desta série
MNR L/ 2

63) O adeus à brisa [Registo vídeo] / realizado por Possidónio Cachapa. – Lisboa: Filmes do Tejo, 2008. – 1 DVD (55'): color. O documentário retrata a vida intervencionista do escritor Urbano Tavares Rodrigues, demorando-se na sua veia humanista, mais do que nos 60 anos de vida literária e académica ou na vida pessoal. MNR L/ 335

64) O adeus à brisa / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Europa-América, 1998. – 151, [1] p. ; 21cm. – (Contemporânea ; 6) Contém dedicatória do autor à sua mulher Ana Maria Salvado Colecção Ana Maria Salvado

65) [Carteira Profissional de Jornalista n.º 348] [Material gráfico] / Sindicato Nacional de Jornalistas. – Lisboa: SNJ, 1949. – 1 cartão ; 8 x 12cm (41cm) Carteira Profissional de Jornalista atribuída pelo Sindicato Nacional de Jornalistas, revalidada em 1948 e em 1949. Colecção Urbano Tavares Rodrigues

66) [Urbano Tavares Rodrigues na redacção do Diário de Lisboa, em Lisboa] [Registo visual]. – 1956?. – 1 fotografia: p&b ; 12 x 9cm. Colecção Urbano Tavares Rodrigues

67) [Cartão de Identidade da Renascença Gráfica – Diário de Lisboa] [Material gráfico] / Renascença Gráfica, Diário de Lisboa. – Lisboa: RG, DL, 9 Out. 1953. – 1 cartão ; 8 x 11cm Cartão de Identidade da Renascença Gráfica, proprietária do Diário de Lisboa, na qualidade de Correspondente em Paris, em 9 Out. 1953 Colecção Urbano Tavares Rodrigues

68) [Urbano Tavares Rodrigues em Cambridge] [Registo visual]. – 1955. – 1 fotografia: p&b ; 13 x 9cm. Colecção Urbano Tavares Rodrigues

69) Jornadas no Oriente: Lisboa-Goa e volta / Urbano Tavares Rodrigues. – [S. l.]: Bertrand, 1956. – 282, [1] p. ; 19cm Obra autografada pelo autor MNR RDR/Lit/992

70) Clovis Graciano: pintor da realidade brasileira / Urbano Tavares Rodrigues In: Diário de Lisboa. Magazine. – [Lisboa]. – N.º 14 (18 Out. 1958), p. 1 e 5 MNR PP/ 66

71) [Carta de Urbano Tavares Rodrigues a Mário Braga] [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa, 3 Jun. 1959?. – 1 f. ; 27cm Ms. em papel timbrado do Diário de Lisboa. Urbano Tavares Rodrigues refere que anseia por ler o livro de Mário Braga "Livro das sombras" e a crítica que este fez ao seu livro "Aves da madrugada", menciona vários periódicos para os quais enviou artigos MNR A18/ 6.2.10/ Cx. 3 – N.º 10

72) [Cartão de Urbano Tavares Rodrigues a Mário Sacramento] [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [Lisboa, s.d.]. – 1 cartão ; 6 x 10cm Ms. Urbano Tavares Rodrigues agradece a colaboração de Mário Sacramento ao jornal Europa MNR A23/ 6/ Cx.7

73) Europa: Jornal de Cultura / dir. Urbano Tavares Rodrigues. – [Lisboa]. – N.º 1 (Jan. 1957), p. 1 MNR PP/ 25

74) [Urbano Tavares Rodrigues, em Lourenço Marques, Moçambique, com Rui Knopfli] [Registo visual]. – 1963. – 1 fotografia: p&b ; 11 x 17cm. Colecção Urbano Tavares Rodrigues

75) [Urbano Tavares Rodrigues no aeroporto de Orly, Paris] [Registo visual]. – [196-]. – 1 fotografia: p&b ; 9 x 12cm. Colecção Urbano Tavares Rodrigues

76) [Cartão de Identificação de Imprensa Cultural n.º 91554] [Material gráfico] / Internationale des Arts ; Préfecture de Paris. – Paris: IA ; PP, [s. d.]. – 1 cartão ; 9 x 13cm Cartão de Identificação de Imprensa Cultural em Paris, na qualidade de Membro Titular, creditado pela Internationale des Arts e pela Prefeitura de Paris com o Cartão de Imprensa n.º 91554 Colecção Urbano Tavares Rodrigues

77) [Urbano Tavares Rodrigues com Sofia de Mello Breyner Andresen] [Registo visual]. – 1961. – 1 fotografia: p&b ; 18 x 13cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

78) Saudade e anti-saudade na poesia portuguesa / Urbano Tavares Rodrigues
In: Jornal de Letras e Artes / dir. Azevedo Martins. – Lisboa. – A. 1, n.º 10 (6 Dez. 1961), p. 1-2
Urbano Tavares Rodrigues foi Chefe de Redacção deste jornal.
Este n.º inclui o inquérito sobre "O que é a poesia", ao qual responderam vários autores, nomeadamente Joaquim Namorado.
MNR PP/ 18

79) [Carta de Urbano Tavares Rodrigues a Joaquim Namorado] [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa, 13 Nov. 1961. – 1 f. ; 27cm
Ms.
Urbano Tavares Rodrigues pede colaboração a Joaquim Namorado para o Jornal de Letras e Artes do qual é Chefe de Redacção, especificamente para o inquérito "O que é a poesia"
MNR A5/ 6.204/ Cx. 21 – N.º 12

80) [Carta de Urbano Tavares Rodrigues a José Ferreira Monte] [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – Monfortinho, 29 Set. 196-. – 1 f. ; 20cm + 1 envelope
Ms. em papel timbrado do Hotel da Fonte Santa, nas Termas de Monfortinho.
Urbano Tavares Rodrigues pede colaboração de José Ferreira Monte para o Jornal de Letras e Artes do qual faz parte
MNR A6/ 6.2216/ Cx. 45 - N.º 44

81) [Urbano Tavares Rodrigues com colegas de redacção] [Registo visual]. – [196-]. – 1 fotografia: p&b ; 13 x 18cm
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

82) [Cartão de Identidade da Renascença Gráfica – Diário de Lisboa] [Material gráfico] / Renascença Gráfica, Diário de Lisboa. – Lisboa: RG, DL, 25 Jan. 1961. – 1 cartão ; 8 x 11cm
Cartão de Identidade da Renascença Gráfica, proprietária do Diário de Lisboa, na qualidade de Redactor, em 25 Jan. 1961
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

83) Importância e significado de uma nova indústria em Vendas Novas / Urbano Tavares Rodrigues e João Corregedor da Fonseca
In: Seara Nova / dir. Augusto Casimiro. – Lisboa. – N.º 1437 (Jul. 1965), p. 196-198
Reportagem de Urbano Tavares Rodrigues e João Corregedor da Fonseca
MNR PP/ 2

84) [Urbano Tavares Rodrigues] [Registo visual]. – [196-?]. – 1 fotografia: p&b ; 18 x 10cm
A fotografia foi rasgada ao meio
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

85) [Urbano Tavares Rodrigues na redacção de O Diário com uma criança] [Registo visual]. – [1981]. – 1 fotografia: p&b ; 11 x 17cm
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

86) [Urbano Tavares Rodrigues com Maria Judite de Carvalho na redacção do Diário de Lisboa] [Registo visual]. – 1977. – 1 fotografia: p&b ; 15 x 10cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

87) Memória de Maria Judite de Carvalho / Urbano Tavares Rodrigues
In: Avante. – [Lisboa]. – (15 Mar. 2001)
Recorte de jornal
MNR H2/ 48/ Cx. 11

88) Painel com títulos/ cabeçalhos de algumas publicações periódicas com as quais Urbano Tavares Rodrigues colaborou. – 1 painel ; 90 x 63cm
Montagem com reproduções dos originais

89) [As mãos de Urbano Tavares Rodrigues a bater um texto na máquina de escrever] [Registo visual]. – [19-]. – 1 fotografia: p&b ; 18 x 25cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[Urbano Tavares Rodrigues de frente]
[Registo visual]. – [19-]. – 1 fotografia: p&b ; 7 x 7cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[Urbano Tavares Rodrigues de perfil] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia: p&b ; 7 x 7cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[Urbano Tavares Rodrigues a sorrir] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia: p&b ; 7 x 7cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[Urbano Tavares Rodrigues a ler o jornal]
[Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia:
p&b ; 7 x 7cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[Urbano Tavares Rodrigues pensativo a ler o jornal] [Registo visual]. – [19--]. –
1 fotografia: p&b ; 7 x 7cm
Reprodução do original
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

90) Olivetti Studio 44 [Objecto]. – Itália:
Olivetti, [1952]. – 1 máquina de escrever
semi-portátil : ferro fundido, metal e massa ;
34 x 42 x 18cm + maleta: couro vermelho ;
29 x 38 x 12cm
Esta máquina de escrever acompanhou
Urbano Tavares Rodrigues por todo o mundo,
na sua actividade profissional.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

91) Uma pedrada no charco: novelas /
Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora:
Bertrand, 1957. – 239, [2] p. ; 19 cm
Obra autografada pelo autor dirigida
a Alves Redol
MNR Biblioteca Particular Alves Redol

92) [Urbano Tavares Rodrigues na atribuição
do Prémio Ricardo Malheiros na Academia
das Ciências de Lisboa] [Registo visual]. –
[1959]. – 1 fotografia: p&b ; 18 x 24cm
Ao receber o Prémio Ricardo Malheiros da
Academia das Ciências de Lisboa, Secção de
Letras, de Júlio Dantas
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

93) [Certificado de atribuição do Prémio
Ricardo Malheiros] [Material gráfico] /
Academia de Ciências de Lisboa. - Lisboa:
ACL, 1958 (Lisboa: Ottosgráfica). – 1 f. ;
49 x 31cm

Prémio atribuído pela Academia de Ciências
de Lisboa a Urbano Tavares Rodrigues pelo
livro "Uma pedrada no charco", novela de
1957
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

94) [Projecto para novelas] [Manuscrito] /
[Urbano Tavares Rodrigues]. – [1949 ou
1952?]. – 34 f. ; 26cm
Ms. em folha timbrada da Université de
Montpellier.
Ms. encontrado no interior do ms. "Páscoa
em neve"
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

95) [Urbano Tavares Rodrigues com o seu
retrato pintado por Maria Judite de Carvalho]
[Registo visual]. – [1955]. – 1 fotografia:
p&b ; 15 x 20cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

96) Os insubmissos / Urbano Tavares
Rodrigues. – Amadora: Bertrand, 1961. –
306 p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
MNR Biblioteca Particular Alves Redol

97) Palavras da última hora [Manuscrito] /
Urbano Tavares Rodrigues. – [196-?]. – 2 f. ;
29cm
Ms.
Escreve sobre a reedição da sua obra "Os
insubmissos"
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

98) [Urbano Tavares Rodrigues numa palestra
na Feira do Livro] [Registo visual]. –
[197-?]. – 1 fotografia: p&b ; 24 x 16cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

99) Fuga imóvel / Urbano Tavares Rodrigues.
– Lisboa: Moraes, 1982. – 169, [2] p. ;
20 cm. – (Círculo de prosa)
Esta obra recebeu o Prémio Aquilino Ribeiro
da Academia das Ciências de Lisboa, 1982
MNR RDR/Lit/256



cat. 35

cat. 33



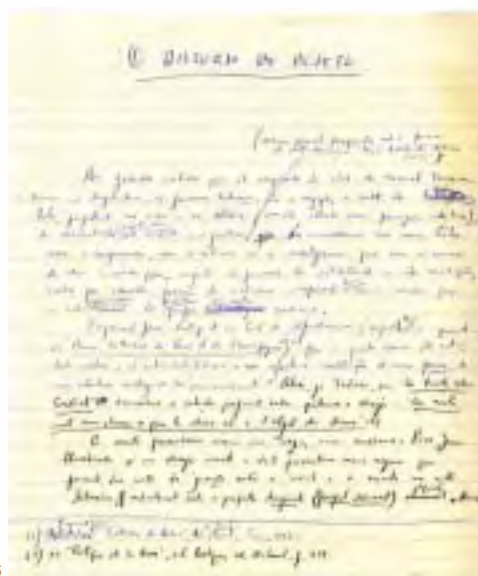
cat. 38



cat. 41



cat. 47



cat. 46

100) A vaga de calor / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. – Mem Martins: Publicações Europa-América, cop. 1986. – 117 p. ; 21 cm. – (Século 20 ; 268) MNR RDR/Lit/252

101) [Urbano Tavares Rodrigues na apresentação do livro "A vaga de calor", em Frankfurt] [Registo visual]. – [1995]. – 1 fotografia: color. ; 9 x 13cm Coleção Urbano Tavares Rodrigues

102) Violeta e a noite / Urbano Tavares Rodrigues. – Mem Martins: Publicações Europa-América, Cop. 1991. – 164, [3] p. ; 21 cm. – (Século 20 ; 328) Esta obra recebeu o Prémio Fernando Namora Obra autografada pelo autor dirigida a Fernanda Damas MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

103) [Tremem-me os lábios...] [Manuscrito] / [Urbano Tavares Rodrigues]. – [1989/90]. – 2 f. ; 30cm Dactiloscrito com emendas. Ms. do livro "Violeta e a noite" Coleção Urbano Tavares Rodrigues

104) [Urbano Tavares Rodrigues autografando o seu livro "Roteiro de emergência"] [Registo visual]. – [1966]. – 1 fotografia: p&b ; 12 x 18cm Coleção Urbano Tavares Rodrigues

105) [Urbano Tavares Rodrigues no lançamento do livro "O supremo interdito"] [Registo visual]. – [2000]. – 1 fotografia: color. ; 9 x 13cm Acompanhado pelo Prof. Eduardo Prado Coelho, Luiz Francisco Rebello e F. Lyon de Castro no Hotel Altis Coleção Urbano Tavares Rodrigues

106) A estação dourada [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [Antes de 2003?]. – 22 f. ; 29cm Ms. Texto ms. da obra "A estação dourada" Coleção Urbano Tavares Rodrigues

107) A estação dourada / Urbano Tavares Rodrigues. – Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003. – 219, [3] p. ; 23 cm. – (Contemporânea ; 86) ISBN 972-1-05278-7 Esta obra recebeu o Prémio Camilo Castelo Branco MNR RDR/Lit/7268

108) A última colina / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: D. Quixote, 2008. – 253 p. ; 24 cm ISBN 978-972-20-3652-8 MNR RDR/Lit/7602

109) СМЕРТЬ АИСТА = [Morte da cegonha] / [Urbano Tavares Rodrigues]. Москва [Moscou]: Издательство ПРАВДА, 1977. – 46, [2] p. ; 17 cm. (ОГОНЕК ; 45) Tradução russa de três contos do autor: "Morte da cegonha", do livro *Casa de Correção* ; "Uma pedrada no charco", do livro com o mesmo nome ; "Mesmo que assim seja", do livro *Aves da Madrugada*. Coleção Urbano Tavares Rodrigues

110) Prefácio à antologia "Bastardos do Sol" [Manuscrito] / Emília Iulzari. – [1983]. – 5 f. ; 28cm Dactiloscrito com emendas Coleção Urbano Tavares Rodrigues

111) НЕЗАКОННИ АЕЦА НА САЪНЕТО = [Bastardos do Sol] / [Urbano Tavares Rodrigues ; pref. e trad. Emília Iulzari]. – ПАРМУЗДАМ [Bulgária]: ПАРТИЗДАТ/ СОФИЯ [Partizdet], 1983. – 268, [3] p ; 20cm Tradução búlgara do livro do autor "Bastardos do Sol" Coleção Urbano Tavares Rodrigues

112) "Bastardos do Sol" na Bulgária In: O Diário. – [S. l.]. – (1 Jul. 1983) Recorte de jornal MNR H1/ 15/ Cx. 30

113) "A vaga de calor" bem recebida em França In: Jornal de Letras. Pessoal e intransmissível. – [S. l.]. – N.º 374 (5 Set. 1989), p. 3 Recorte de jornal MNR H1/ 15/ Cx. 30

114) [Urbano Tavares Rodrigues autografando livros em França] [Registo visual]. – [199-]. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15cm
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

115) [Ficha cadastral de Urbano Tavares Rodrigues] [Manuscrito] / PIDE. – Lisboa: PIDE, 1961. – 1 f. ; 29 x 20cm
Reprodução de original.
Imagem cedida pelo ANTT, Código de Referência: PT/TT/PIDE/E/10/133/26457
Arquivos Nacionais Torre do Tombo

116) [Urbano Tavares Rodrigues a discursar no II Congresso Republicano em Aveiro] [Registo visual]. – [21 Maio 1969]. – 1 fotografia: p&b ; 24 x 19cm.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

117) Tenho na retina as imagens da perseguição / Urbano Tavares Rodrigues
In: Diário de Notícias. – [S. l.]. – (4 Abr. 1998)
Recorte de jornal
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

118) [Carta da Sociedade Portuguesa de Escritores para o Ministro da Educação Nacional] [Manuscrito] / Sociedade Portuguesa de Escritores. – [21 Dez. 1969]. – 2 f. ; 34cm
Dactiloscrito.
Trata da intervenção da Direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores junto do Ministro da Educação Nacional, alertando para o encarceramento de vários escritores, entre eles Urbano Tavares Rodrigues
MNR A6/ 6.3133/ Cx. 60-N.º33

119) [Cartão de Urbano Tavares Rodrigues para José Ferreira Monte] [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [9 Jan. 1960]. – 1 cartão de visita ; 9 x 13cm + envelope Ms.
O autor escreve sobre as perseguições políticas de que é alvo
MNR A6/ 6.2055/ Cx. 43 – N.º 20

120) [Cartão de identificação de Urbano Tavares Rodrigues do Conselho Português para a Paz e Cooperação] [Material gráfico] / CPPC. – 1977. – 1 cartão ; 7 x 10cm
Cartão de identificação de Urbano Tavares Rodrigues, n.º 0077, onde se propõe participar na luta pela paz e pela cooperação entre os povos
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

121) Alegação no Tribunal da Boa-Hora [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [19 Abr. 1974]. – 1 f. ; 30cm
Dactiloscrito.
Testemunho escrito de Urbano Tavares Rodrigues no julgamento de Carlos Coutinho no Tribunal da Boa-Hora. Seria entregue a uma jornalista da BBC caso não pudesse falar no julgamento, o que acabou por não acontecer.
MNR A9/ 10.1/ Cx. 5-N.º 1

122) [Urbano Tavares Rodrigues com um cartaz alusivo ao 25 de Abril, com um cravo] [Registo visual]. – [1974]. – 1 fotografia: color. ; 17 x 8cm.
Reprodução de original em postal.
Urbano Tavares Rodrigues em Toronto, Canadá
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

123) Palavras de combate / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Seara Nova, 1975. – 239, [1] p. ; 19 cm
Primeiro livro de ensaio político saído após o 25 de Abril
MNR RDR/Lit/1003

124) [Cartão de identificação de Urbano Tavares Rodrigues da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem] [Material gráfico] / LPDH. – 1 Set. 1976. – 1 cartão ; 7 x 11cm
Cartão de identificação da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, n.º 247/ 76
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

125) [Urbano Tavares Rodrigues com Alexandre Cabral na "Festa do Mercado do Povo" em Belém] [Registo visual]. – [1974]. – 1 fotografia: color. ; 9 x 13cm
Intervenção de escritores
MNR A4/R.542

126) [Cartão de identificação de Urbano Tavares Rodrigues da International Conference of Solidarity with Afghanistan] [Material gráfico] / ICESA. – 1979. – 1 cartão ; 7 x 10cm
Urbano Tavares Rodrigues participou na Conferência Internacional de Solidariedade pelo Afeganistão, que teve lugar em Kabul de 24-27 Ago. 1979, através do Movimento Português para a Paz
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

127) [Cartão de identificação de Urbano Tavares Rodrigues da Conferência Mundial de Solidariedade com o Povo Árabe e a Palestina] [Material gráfico] / CMS PAP. – 1979. – 1 cartão plastificado ; 6 x 8cm
Urbano Tavares Rodrigues participou na Conferência Mundial de Solidariedade com o Povo Árabe e a Palestina, que teve lugar em Lisboa de 2-6 Nov. 1979
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

128) A perversão do conceito de liberdade e a urgência da sua revalorização / Urbano Tavares Rodrigues
In: Avante. Palavras e Cromos. – [S. l.]. – (9 Jun. 1998)
Recorte de jornal
MNR H2/ 48/ Cx. 11

129) Porque sou candidato [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [19--]. – 1 f. ; 28cm
Ms. com emendas.
Discurso de Urbano Tavares Rodrigues pela CDU
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

130) [Urbano Tavares Rodrigues na manifestação do 1º de Maio] [Registo visual]. – [2002]. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15cm.
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

131) [Urbano Tavares Rodrigues a discursar num comício do MDP/ CDE] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia: p&b ; 19 x 23cm
Urbano Tavares Rodrigues a discursar, de punho fechado, num comício do Movimento Democrático Português.
Reprodução do original
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

132) [Carta de Urbano Tavares Rodrigues, então Presidente da Direcção da Associação Portuguesa de escritores, para Joaquim Namorado] [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [6 Out. 1981]. – 2 f. ; 6 x 10cm
Dactiloscrito.
Trata de um convite dirigido a Joaquim Namorado para fazer parte da Comissão Nacional de apoio ao II Congresso de Escritores Portugueses.
MNR A5/ 6.862/ Cx. 33

133) II Congresso dos Escritores Portugueses / ed. Associação Portuguesa de Escritores. – Lisboa: APE ; Dom Quixote, 1982. – 414, [1] p. ; 25 cm
MNR PRT/Ens/6661

134) [Medalha de Honra pelos 80 anos de Urbano Tavares Rodrigues] [Objecto] / Sociedade Portuguesa de Autores. – [S. l.]: SPA, [2005]. – 1 medalha ; 8cm de diâmetro + 1 pin ; 1 x 2cm + 1 caixa preta ; 12 x 12 x 3cm
Atribuída a Urbano Tavares Rodrigues em 2005
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

135) [Urbano Tavares Rodrigues com Joaquim Pessoa e José do Carmo Francisco na Sociedade Portuguesa de Autores em Lisboa] [Registo visual]. – [1980]. – 1 fotografia: p&b ; 9 x 13cm.
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

136) [Placa de homenagem da Sociedade Portuguesa de Autores no seu 80º aniversário a Urbano Tavares Rodrigues] [Objecto] / [S. l.]: SPA, 2005. – 1 placa ; 7 x 11cm + 1 caixa preta ; 10 x 15 x 3cm
Atribuída a Urbano Tavares Rodrigues em 27 Jun. 2005
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

137) [Cartão de Urbano Tavares Rodrigues para Mário Sacramento] [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [4 Jan. 1960]. – 1 cartão de visita ; 6 x 10cm + envelope
Ms.
O autor refere o Ciclo de Conferências sobre o Romance Contemporâneo para a Sociedade Portuguesa de Escritores, no qual participou com "O romance francês contemporâneo"
MNR A23/ 6/ Cx. 7

138) O romance contemporâneo [Material gráfico] / Sociedade Portuguesa de Escritores / patr. Fundação Calouste Gulbenkian. – Lisboa: SPE ; FCG, 1960. – 1 folheto
MNR G6/ 24/ Cx. 7

139) O romance francês contemporâneo [Separata] / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: SPE, 1964. – 22, [1] p. ; 26cm
Separata de: O romance contemporâneo: ciclo de conferências / Sociedade Portuguesa de Escritores ; patr. Fundação Calouste Gulbenkian. – Lisboa: SPE ; FCG, 1960
MNR RDR/Ens/983

140) [Urbano Tavares Rodrigues na homenagem/ exposição na SNBA] [Registo visual]. – [1966]. – 1 fotografia: p&b ; 9 x 13cm.
Urbano Tavares Rodrigues nos 50 anos da carreira literária de Ferreira de Castro
MNR A19/ 8/ Cx. 6

141) [Cartão de identificação de Urbano Tavares Rodrigues da Comunità Europea degli Scrittori] [Material gráfico] / COMES. – 1 Jan. 1961. – 1 cartão ; 11 x 14cm
Cartão de identificação de Urbano Tavares Rodrigues, n.º 392, da Comunidade Europeia dos escritores
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

142) Entre dois tiros = [Les gommages] / Alain Robbe-Grillet ; pref. e trad. Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Livros do Brasil, [1953]. – 256, [7] p. ; 22 cm. – (Dois mundos)
MNR GRL/Lit/4865

143) Monólogo no país de Odin [Manuscrito] / Koste Valeta ; trad. Urbano Tavares Rodrigues. – [19--]. – 3 f. ; 25cm
Ms. com emendas.
Livro traduzido do grego por Urbano Tavares Rodrigues, através do texto francês de Roger Salomon
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

144) [Urbano Tavares Rodrigues no Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris] [Registo visual]. – [1980]. – 1 fotografia: p&b ; 9 x 13cm.
Urbano Tavares Rodrigues com Herculano de Carvalho, Arnaldo Saraiva e José Vitorino de Pina Martins
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

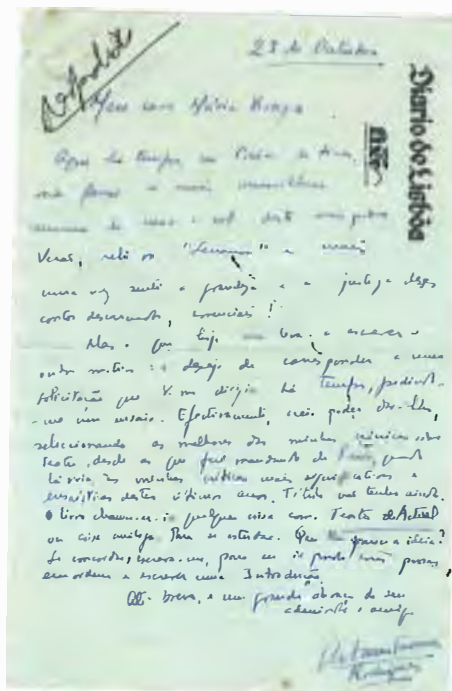
145) Os rumos e as lições da obra de Alves Redol / Urbano Tavares Rodrigues
In: Diário de Lisboa. – [Lisboa]. – (11 Dez. 1969)
Recorte de jornal
MNR H1/ 37/ Cx. 10

146) [Urbano Tavares Rodrigues na festa em honra de Jorge Amado na editora Publicações Europa-América] [Registo visual]. – [26 Fev. 1966]. – 1 fotografia: p&b ; 12 x 17cm
Na fotografia estão Armando Bacelar, Alves Redol, Urbano Tavares Rodrigues, Ferreira de Castro, Jorge Amado, Álvaro Salema, Alexandre Cabral, Manuel Alpedrinha, Corregedor da Fonseca
MNR A4/ 8

147) [Cartão de assinante da "Vértice" de Urbano Tavares Rodrigues] [Material gráfico] / Revista Vértice. – [S. d.]. – 1 cartão ; 7 x 10cm
Cartão de assinante da "Vértice", n.º 109
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

148) Com José Gomes Ferreira: um Verão no Cáucaso [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [1986]. – 3 f. ; 30cm
Dactiloscrito com emendas.
Este texto foi publicado na revista "Vértice", vol. 46, n.º 473-475 (Jul.-Dez. 1986), p. 160-161
MNR B2/ Cx. Colab. Orig. 1985/86

149) Com José Gomes Ferreira: um Verão no Cáucaso / Urbano Tavares Rodrigues
In: Vértice: revista de cultura e arte. – Coimbra. – Vol. 46, n.º 473-475 (Jul.-Dez. 1986), p. 160-161
MNR PP/ 1



150) [Urbano Tavares Rodrigues numa manifestação popular] [Registo visual]. – [21 Jun. 1980]. – 1 fotografia: p&b ; 16 x 24cm
Entre os manifestantes encontramos Alexandre Babo, Alexandre Cabral, José Gomes Ferreira e a esposa Rosália e Urbano Tavares Rodrigues, com autocolantes "Governo Sá Carneiro para a rua!"
MNR A4/ Cx. 40

151) [Cartão de identificação de Urbano Tavares Rodrigues da Associação Internacional de Críticos Literários] [Material gráfico] / AICL. – 1972. – 1 cartão ; 12 x 8cm
Cartão de identificação da Association Internationale des Critiques Litteraires, n.º 311
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

152) [Cartão de Urbano Tavares Rodrigues para Joaquim Namorado] [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – 24 Dez. 1978. – 1 cartão de visita ; 6 x 10cm
Ms.
O autor escreve a indagar sobre o seu artigo para a revista "Vértice" sobre Manuel da Fonseca e exprime o desejo de se tornar assinante da revista. Este artigo foi publicado na "Vértice", vol. 38, n.º 415 (Dez. 1978), p. 689-701
MNR A5/ 6.674/ Cx. 30-N.º 30

153) O vento, cor da tragédia, signo do espanto e da violência em "Seara de Vento" / Urbano Tavares Rodrigues
In: Vértice: revista de cultura e arte. – Coimbra. – Vol. 38, n.º 415 (Dez. 1978), p. 689-701
Trata a obra "Seara de Vento" de Manuel Lopes da Fonseca
MNR PP/ 1

154) [Urbano Tavares Rodrigues com José Saramago na Fundação Luso-Americana] [Registo visual]. – 22 Maio 2001. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15cm
Apresentação de "On Saramago", vol. 6 de "Portuguese Literary & Cultural Studies", com participação de José Saramago e Harold Bloom
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

155) Para lá da mágoa [Manuscrito] / Fernando Pinto do Amaral. – [1998]. – 3 f. ; 30cm
Ms. com emendas.
Texto lido na apresentação do livro "Margem da ausência" de Urbano Tavares Rodrigues, editado pela Asa em 1998
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

156) [Desenho para capa de A noite roxa] [Registo visual] / António Vaz Pereira. – [1956]. – 1 desenho: tinta-da-china s/ papel ; 26 x 18 cm (dimensões com moldura)
N.a, n.d.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

157) [Perfil de Urbano] [Registo visual] / António Vaz Pereira. – [195-?]. – 1 desenho: tinta-da-china s/ papel ; 34 x 30 cm (dimensões com moldura)
N.a, n.d.
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

158) Estudo Urbano [Registo visual] / Francisco Simões. – 1986. – 1 desenho: grafite s/ papel ; 66 x 50cm
MNR Doação por Francisco Simões

159) [Bilhete de Identidade da República Portuguesa] [Material gráfico] / República Portuguesa. – Lisboa: Direcção dos Serviços de Identificação, 1965. – 1 cartão: plastificado ; 8 x 12cm
Bilhete de Identidade da República Portuguesa n.º 1205546
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

160) [Bilhete de Identidade da Academia das Ciências de Lisboa] [Material gráfico] / República Portuguesa, Ministério da Educação e Cultura. – Lisboa: RP, MEC, [s. d.]. – 1 cartão ; 8 x 12cm
Colecção Urbano Tavares Rodrigues

161) [Membro Efectivo da Academia das Ciências de Lisboa] [Material gráfico] / Academia das Ciências de Lisboa. – Lisboa: ACL, 14 Abr. 1988. – 1 diploma: 1 f. em papel ; 59 x 40cm

Membro Efectivo da Classe Letras, Secção 1, Literatura e Estudos Literários.

Primeiro foi membro Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa a 12 Jul. 1975

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

162) [Caneta Montblanc] [Objecto]. – [S. l.]: Montblanc, [s. d.]. – 1 caneta de aparo: preta ; 13cm

Caneta de aparo Montblanc com o n.º 342 na tampa.

No aparo da caneta está gravado Montblanc 140 seguido de Montblanc 585.

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[Caneta Parker] [Objecto]. – USA: Parker, [s. d.]. – 1 caneta de aparo: metal dourado ; 13cm

No aparo da caneta está gravado Parker 65

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

163) [Urbano Tavares Rodrigues no Prémio Vida Literária na Culturgest] [Registo visual]. – [2000]. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15cm.

Prémio Vida Literária atribuído a Urbano Tavares Rodrigues. Entre outros, estiveram presentes na mesa o Dr. Jorge Sampaio

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

164) [Urbano Tavares Rodrigues quando foi condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique] [Registo visual]. – [20 Jan. 1994]. – 1 fotografia: color. ; 20 x 25cm.

Urbano Tavares Rodrigues foi condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique com o Grau de Comendador, entregue pelo Dr. Mário Soares

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

165) [Ordem do Infante D. Henrique: Grau de Comendador] [Objecto] / [República Portuguesa]. – (Lisboa: Frederico Costa, [s. d.]). – 1 cruz pátea pendente: esmalte

vermelho fitelado de ouro ; 5,5 x 6,5cm + banda tricolor: seda azul, branca e negra + placa: prata, esmalte branco no centro com realce de ouro, contido por listel circular negro com a máxima "Talent de Bien Faire" ; 7,5cm + 1 alfinete de lapela: latão com aplicação de fita azul, branca e negra ; 5cm + 1 alfinete cruz pátea pendente: esmalte vermelho fitelado de ouro ; 1 x 2cm + fita tricolor: seda azul, branca e negra ; 9cm + 1 caixa azul ; 14 x 28 x 5cm

Atribuída a Urbano Tavares Rodrigues em 20 Jan. 1994 (publicado em DR em 18 Fev.1994)

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

166) [Urbano Tavares Rodrigues na sala de pintura] [Registo visual]. – [200-?]. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15cm.

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

167) [Bloco com apontamentos] [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [200-]. – 26 f. ; 28cm

Ms. com emendas.

Na primeira folha do bloco lê-se sobre "A noite em Bombaim".

Em Dezembro de 2002 Urbano Tavares Rodrigues foi à Índia fazer conferências sobre Literatura Portuguesa em Goa e em Delhi, a convite da Fundação Oriente, e foi aí que começou a esboçar o livro "Rostos da Índia e alguns sonhos", que viria a ser publicado em 2005.

Várias folhas em branco

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

168) Urbano Tavares Rodrigues: Rostos da Índia e alguns sonhos [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [200-]. – 16 f. ; 29cm

Ms.

Este ms. envolve várias versões do livro Rostos da Índia e alguns sonhos, publicado em 2005.

Colecção Urbano Tavares Rodrigues



cat. 73



cat. 81



cat. 65



169) Rostos da Índia e alguns sonhos / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Asa, 2005. – 42, [5] p. : il. ; 23cm. – (Pequeno formato)
 Contém uma gravura hindu.
 Contém poema dedicado à sua actual mulher, Ana Maria Salgado
 Colecção Urbano Tavares Rodrigues

170) [Urbano Tavares Rodrigues e o filho António] [Registo visual]. – [200-?]. – 1 fotografia: color. ; 15 x 10cm.
 Colecção Urbano Tavares Rodrigues

[Urbano Tavares Rodrigues e a sua mulher Ana Maria] [Registo visual]. – [200-?]. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15cm.
 Colecção Urbano Tavares Rodrigues

171) Escrever: férias e não [Manuscrito] / Urbano Tavares Rodrigues. – [198-?]. – 2 f. ; 28cm
 Ms. com emendas.
 Escreve sobre o romance "A vaga de calor"
 Colecção Urbano Tavares Rodrigues

172) [Urbano Tavares Rodrigues à secretária] [Registo visual]. – [200-?]. – 1 fotografia: p&b ; 18 x 13cm.
 Colecção Urbano Tavares Rodrigues

173) [Ordem de Sant'Iago da Espada: Grã-cruz] [Material gráfico] / [República Portuguesa]. – [S. l.]: RP, 2008. – 1 diploma: 1 f. em papel ; 33 x 24cm
 Atribuído a Urbano Tavares Rodrigues em 6 Jun. 2008, publicado em DR n.º 193, 2ª Série (6 Out. 2008)
 Colecção Urbano Tavares Rodrigues

174) Obras completas: vol. 2 / Urbano Tavares Rodrigues ; pref. Manuel de Gusmão. – Lisboa: Dom Quixote, 2009. – 518 p. ; 24 cm
 Contém: "Uma pedrada no charco". – p. 21-183; "As aves da madrugada". – p. 185-331 ; "Bastardos do Sol". – p. 333-409. – "Nus e suplicantes". – p. 411-511
 ISBN 978-972-20-3765-5
 MNR RDR/Lit/7598

175) Hora de Outono / Urbano Tavares Rodrigues
 In: Vértice: revista de cultura e arte / dir. Raul Gomes. – Vol. 18, n.º 172 (Jan. 1958), p. 9
 MNR PP/ 1

176) Abecê da negação / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa : Caminho, 1980. – 111 p. ; 19 cm. – (O campo da palavra ; 8)
 Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
 MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

177) As aves da madrugada / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora : Bertrand, 1959. – 196, [1] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
 Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
 MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

178) As aves da madrugada / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. revista – Amadora: Bertrand, 1966. – 216, [3] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
 MNR RDR/Lit/814

179) As aves da madrugada / Urbano Tavares Rodrigues; apresent. Oscar Lopes. – Ed. brasileira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. - 146 p. ; 21 cm. – (Caravelas ; 5)
 MNR RDR/Lit/761

180) Bastardos do Sol / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, 1966. – 163 p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
 Contém um estudo de Luiz Francisco Rebello
 MNR RDR/Lit/6212

181) Bastardos do Sol / Urbano Tavares Rodrigues; prefácio da ed. francesa por Claude Michel Cluny. – 3ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, 1972. – 182, [1] p. ; 19 cm
 Contém um estudo de Luiz Francisco Rebello
 MNR RDR/Lit/2117

182) Bastardos do Sol / Urbano Tavares Rodrigues ; prefácio da ed. francesa por Claude Michel Cluny. – 4ª ed. revista. – Lisboa: Círculo de Leitores, 1974. – 175, [7] p. ; 21 cm
MNR RDR/Lit/813

183) Bastardos do Sol / Urbano Tavares Rodrigues ; prefácio da ed. francesa por Claude Michel Cluny. – 5ª ed. revista. – Lisboa: Caminho, cop. 1982. – 174 p. ; 21 cm. – (Obras [de] Urbano Tavares Rodrigues)
Contém um estudo de Luiz Francisco Rebello
MNR RDR/Lit/254

184) Bastardos do Sol / Urbano Tavares Rodrigues ; introd. João de Melo. – 5ª ed. revista. – Lisboa: Caminho, cop. 1982. – 174 p. ; 21 cm. – (Obras [de] Urbano Tavares Rodrigues)
Contém um estudo de Luiz Francisco Rebello
MNR RDR/Lit/951

185) Os cadernos secretos do Prior do Crato / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Dom Quixote, 2007. – 104, [6] p. ; 24 cm
MNR RDR/Lit/7601

186) Carnaval negro / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Movimento, 1967. – 42, [1] p. ; 17 cm. – (Novela ; 4)
MNR RDR/Lit/987

187) Casa de correcção / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora: Bertrand, 1968. – 185, [2] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alves Redol
MNR Biblioteca Particular Alves Redol

188) Casa de correcção / Urbano Tavares Rodrigues ; posfácio de José Saramago. – 2ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, 1972. – 191, [2] p. ; 19 cm
MNR RDR/Lit/1718

189) Casa de correcção / Urbano Tavares Rodrigues ; pref. Eduardo Lourenço. – 3ª ed. revista. – Mem Martins: Publicações Europa-América, 1987. – 154, [1] p. ; 21 cm. – (Século 20 ; 278)
MNR RDR/Lit/6576

190) O cavalo da noite / Urbano Tavares Rodrigues ; il. Raffaello Bergonse. – Lisboa: Dom Quixote, 2006. – 28 p.: il. ; 27 cm
Literatura infantil.
ISBN 972-20-3042-6
MNR RDR/Lit/7597

191) Contos da solidão / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora: Bertrand, [1970]. – 280, [3] p. ; 19 cm
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
Biblioteca Particular Alexandre Cabral

192) Contos da solidão / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. revista. - Amadora: Bertrand, [1972]. – 284, [3] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
MNR RDR/Lit/560

193) Ao contrário das ondas / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Dom Quixote, 2007. – 2ª ed. – 125, [8] p. ; 24 cm
1ª ed. em 2006
MNR RDR/Lit/7599

194) Deserto com vozes / Urbano Tavares Rodrigues. – Porto: Inova, [s.d.]. – 300, [11] p. ; 20 cm. – (Ofício de viver ; 17)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

195) Deserto com vozes / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. revista. – Lisboa: Seara Nova, 1976. – 316 p. ; 19 cm
MNR RDR/Lit/556

196) Despedidas de verão / Urbano Tavares Rodrigues. – [Amadora]: Bertrand, 1967. – 174, [2] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

197) Despedidas de verão / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, imp. 1974. – 192, [1] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
MNR RDR/Lit/557

198) Desviados / Urbano Tavares Rodrigues ; dir. António Feio. – Lisboa: Editorial Organizações, [19--?]. – 56 p. ; 17 cm. – (Novela / dir. Manuel do Nascimento ; 23)
MNR RDR/Lit/4476

199) O dia último e o primeiro / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Caminho, 1999. – 35 p. ; 21 cm. – (Caminho de Abril) Iniciativa da Editorial Caminho com vista a assinalar o 25º aniversário do 25 de Abril. Coleção «fechada» que encerrou com a publicação de 11 títulos de 11 autores diferentes, editada no mês de Abril de 1999
ISBN 972-21-1251-1
MNR RDR/Lit/6236

200) Dias lamacentos / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Portugalia, 1965. – 139, [8] p. ; 20 cm. – (Contemporânea ; 73)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alves Redol
MNR Biblioteca Particular Alves Redol

201) Dias lamacentos / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. revista. - Amadora : Bertrand, 1972. – 153, [2] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

202) Diário da ausência e textos de presença activa / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora: Bertrand, 1975. – 286 p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
MNR RDR/Lit/4243

203) Dissolução / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora: Bertrand, imp. 1974. – 247 p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

204) Dissolução / Urbano Tavares Rodrigues. – 3ª ed. revista. - Mem Martins : Publicações Europa-América, 1999. – 197 [2] p. ; 23 cm. – (Contemporânea ; 12)
ISBN 972-1-04614-0
MNR RDR/Lit/6358

205) Elegia à esperança / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Diabril, 1977. – 144, [2] p. ; 20 cm
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

206) Ensaio de após-Abril / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Moraes, 1977. – 120, [5] p. ; 23 cm. – (Temas e problemas. Literatura, ciências da linguagem)
MNR RDR/Ens/645

207) Ensaio de escrever / Urbano Tavares Rodrigues. – Porto: Inova, 1970. – 274, [7] p. ; 20 cm. – (As palavras e as coisas. Cultura literária)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

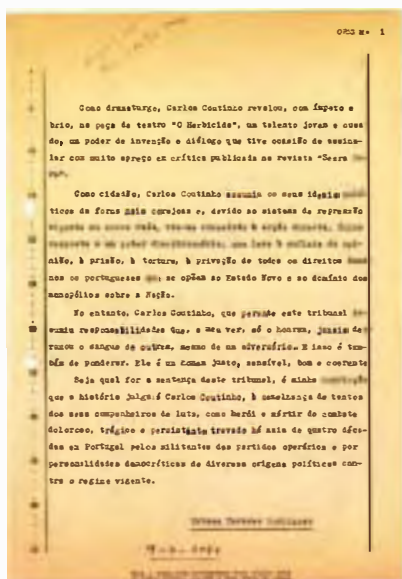
208) Escritos temporais / Urbano Tavares Rodrigues. – [S. l.]: Alicerce, [imp. 1969]. – 155, [4] p. ; 19 cm. – (Ensaio ; 1)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

209) Esta estranha Lisboa / Urbano Tavares Rodrigues ; fot. Eduardo Gageiro. – Lisboa: Prelo, 1972. – 131, [4] p. : il. ; 21 cm
MNR RDR/Lit/4634

210) Estrada de morrer / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora: Bertrand, [1972]. – 182, [3] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

211) Estremadura / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Livraria Bertrand, [19--]. – 254, [1] p. ; 18 cm. – (Antologia da Terra Portuguesa ; 15)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

cat. 130



cat. 121



cat. 115

212) Uma etapa da revolução / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Seara Nova, 1975. – 154, [3] p. ; 19 cm. – (Cadernos Seara Nova. Actualidade nacional)
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

213) O eterno efémero / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa : Dom Quixote, 2007. – 3ª ed. – 134, [6] p. ; 24 cm
1ª ed. em 2005
MNR RDR/Lit/7600

214) Exílio perturbado / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora : Bertrand, 1962. – 280 p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alves Redol
MNR Biblioteca Particular Alves Redol

215) Exílio perturbado / Urbano Tavares Rodrigues; pref. José Palla e Carmo. – 2ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, 1969. – 293 p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
MNR RDR/Lit/763

216) Exílio perturbado / Urbano Tavares Rodrigues. – Mem Martins: Publicações Europa-América, [cop. 1982]. – 160, [1] p. ; 18 cm. – (Livros de Bolso Europa-América ; 370)
MNR RDR/Lit/259

217) Filipa nesse dia / Urbano Tavares Rodrigues. – Mem Martins: Publicações Europa-América, cop. 1988. – 107, [3] p. ; 21 cm. – (Século 20 ; 298)
ISBN 972-1-02632-8
MNR RDR/Lit/250

218) De Florença a Nova Iorque / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Portugalíia, 1963. – 286, [13] p. ; 17 cm. – (O Livro de Bolso ; 46-47)
Obra autografada pelo autor dirigida a Rogério Fernandes
MNR RDR/Lit/3987

219) Fuga imóvel / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. revista. – Mem Martins: Europa-América, 1992. – 171, [4] p. ; 21 cm. – (Século 20 ; 343)
ISBN 972-1-03497-5
MNR RDR/Lit/3367

220) O gosto de ler / Urbano Tavares Rodrigues. – Porto: Nova Crítica, [1980?]. – 246, [2] p. ; 21 cm. – (Biblioteca Nova Crítica ; 15)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

221) As grades e o rio / Urbano Tavares Rodrigues. – Porto: Inova, 1974. – 297, [6] p. ; 20 cm. – (Ofício de viver ; 23)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

222) Horas perdidas / Urbano Tavares Rodrigues. – [Amadora]: Bertrand, imp. 1969. – 2 ed. – 222, [1] p. ; 19 cm
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

223) Horas perdidas / Urbano Tavares Rodrigues ; pref. Miguel Urbano Rodrigues. – Amadora: Bertrand, imp. 1973. – 2 ed. – 224, [1] p. ; 19 cm
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

224) Imitação da felicidade / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora : Bertrand, [1966]. – 210, [3] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alves Redol
MNR Biblioteca Particular Alves Redol

225) Imitação da felicidade / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. – Amadora: Bertrand, 1974. – 216 p. ; 19 cm
Contém um texto crítico de Mário Sacramento
MNR RDR/Lit/4244

226) Os insubmissos / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. revista. – Amadora : Bertrand, 1965. – 301, [2] p. ; 19cm. – (Autores portugueses)

Obra autografada pelo autor dirigida a Alves Redol

MNR Biblioteca Particular Alves Redol

227) Os insubmissos / Urbano Tavares Rodrigues. – [S. l.]: Editores Associados, [s. d.]. – 203, [5] p. ; 19cm. – (Biblioteca universal ; 14)

MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

228) Jornadas na Europa / Urbano Tavares Rodrigues. – [Lisboa]: Publicações Europa-América, 1958. – 357, [3] p. ; 19cm

MNR RDR/Lit/6390

229) M[anuel] Teixeira-Gomes : o discurso do desejo / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Edições 70, 1982. – 442 p. : il. ; 22 cm. – (Signos ; 41)

Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral (e à Fernanda)

MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

230) Margem da ausência / Urbano Tavares Rodrigues ; fot. Fernando Curado Matos, Carlos Melo Santos. – Porto: Asa, 1998. – 75, [2] p. : il. ; 25 cm

ISBN 972-41-1975-0

MNR RDR/Lit/6745

231) As máscaras finais / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora: Bertrand, 1963. – 271, [4] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)

Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral

MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

232) As máscaras finais / Urbano Tavares Rodrigues ; pref. Fernando Luso Soares. – 2ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, [1972]. – 289, [2] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)

MNR RDR/Lit/260

233) O mundo do toureio na literatura de língua Portuguesa / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Portugália, 1966. – 343, [6] p. : il. ; 19 cm. – (Antologias universais. Vária ; 2)

As ilustrações que figuram neste volume são reproduções de quadros do Pintor Júlio Pomar

MNR RDR/Lit/1753

234) Uma noite e nunca / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Tempo, [19--]. – [32] p. ; 20 cm. – (Ficção ; 1).

Contém dois folhetos de divulgação
Obra autografada por Alexandre Pinheiro Torres.

Contém dedicatória ao Chefe de Redacção da "Seara Nova".

MNR RDR/Lit/3979

235) A noite roxa / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora: Bertrand, 1956. – 261, [2] p. ; 19 cm

Obra autografada pelo autor dirigida a Alves Redol

MNR Biblioteca Particular Alves Redol

236) A noite roxa / Urbano Tavares Rodrigues; pref. Baptista-Bastos. – 2ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, 1967. – 273, [2] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)

Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral

MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

237) A noite roxa / Urbano Tavares Rodrigues ; pref. Baptista-Bastos. – Mem Martins: Publicações Europa-América, [1967]. – 208, [3] p. ; 18 cm. – (Livros de Bolso Europa-América ; 46)

Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral

MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

238) A noite roxa / Urbano Tavares Rodrigues ; pref. Baptista-Bastos. – 4ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, imp. 1976. – 208, [3] p. ; 18 cm. – (Autores portugueses)

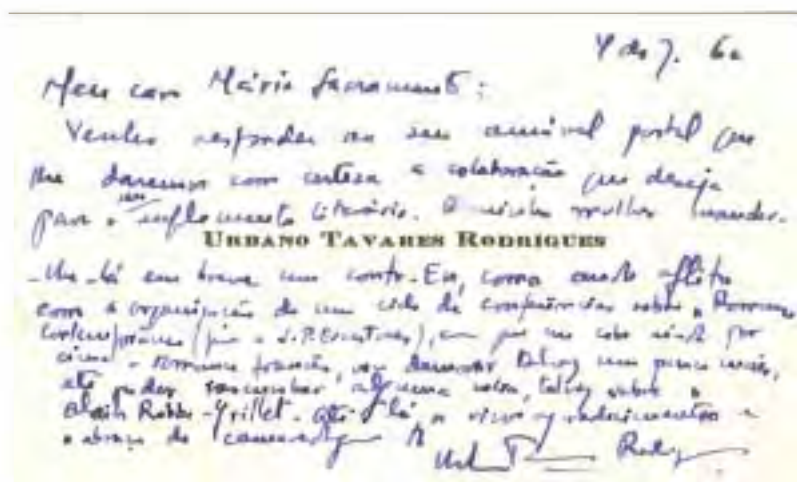
MNR RDR/Lit/1386



cat. 141



cat. 134



cat. 137

239) Um novo olhar sobre o Neo-Realismo / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Moraes, 1981. – 116, [2] p. ; 23 cm. – (Margens do texto ; 18)

Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

240) Nunca Diremos quem sois / Urbano Tavares Rodrigues. – Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002. – 212, [4] p. ; 23 cm. – (Contemporânea ; 69) Edição comemorativa dos 50 anos de carreira literária
ISBN 972-1-05099-7
MNR RDR/Lit/7138

241) Nus e suplicantes / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora: Bertrand, 1960. – 147, [2] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses) Obra autografada pelo autor dirigida a Alves Redol
MNR Biblioteca Particular Alves Redol

242) Nus e suplicantes / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. – Amadora: Bertrand, 1960. – 147, [2] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses) Obra autografada pelo autor dirigida a Alfredo Marques
MNR RDR/Lit/629

243) Nus e suplicantes / Urbano Tavares Rodrigues ; pref. José Carlos de Vasconcelos. – 5ª ed. revista e modificada. – Amadora: Bertrand, [1978]. – 167, [2] p. ; 21 cm. – (Autores da Língua Portuguesa)
MNR RDR/Lit/253

244) Nus e suplicantes / Urbano Tavares Rodrigues ; pref. José Carlos de Vasconcelos. – 5ª ed. revista e modificada. – Amadora: Planeta DeAgostini, 2000. – 147, [2] p. ; 21 cm. – (Os grandes escritores portugueses actuais)
MNR RDR/Lit/253

245) Obras completas 1 / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Dom Quixote, 2007. – 495 p. ; 24 cm
Contém: "A porta dos limites". – 19-182 p. ; "Vida perigosa". – 183-305 p. ; "A noite roxa". – 317-467 p.
ISBN 978-972-20-3328-2
MNR RDR/Lit/7588

246) Oceano oblíquo / Urbano Tavares Rodrigues. – Mem Martins: Publicações Europa-América, [1985]. – 187, [1] p. ; 21 cm. – (Século 20 ; 238)
MNR RDR/Lit/251

247) O ouro e o sonho / Urbano Tavares Rodrigues. – Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997. – 158 p. ; 21 cm. – (Século 20 ; 362)
MNR RDR/Lit/5618

248) A palma da mão: sumário dos dias inquietos / Urbano Tavares Rodrigues. – Porto: Inova, 1970. – 262, [7] p. ; 20 cm. – (Ofício de viver ; 8) Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

249) Uma pedrada no charco / Urbano Tavares Rodrigues; posfácio do Prof. Jacinto do Prado Coelho. – 3ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, 1967. – 252, [3] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses) Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

250) Perdas e danos / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Seara Nova, 1974. – 348, [1] p. ; 19 cm
MNR RDR/Lit/2612

251) Poesia da noite / Urbano Tavares Rodrigues. – Bruxelas: UCB Divisão Farmacêutica, [1970]. – 64, [3] p. ; 19 cm
MNR RDR/Lit/989

252) As pombas são vermelhas / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora: Bertrand, 1977. – 166, [1] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
MNR RDR/Lit/928

253) As pombas são vermelhas / Urbano Tavares Rodrigues ; introd. Jorge Correia Jesuino. – 2ª ed. revista. – Mem Martins: Europa-América, 1985. – 150, [2] p. ; 18 cm. – (Livros de bolso Europa-América ; 427)
MNR RDR/Lit/2906

254) A porta dos limites / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. - Lisboa Arcádia, 1960. – 271, [5] p. ; 18 cm. – (Autores portugueses ; 19-20)
1ª ed. em 1952
MNR RDR/Lit/967

255) A porta dos limites / Urbano Tavares Rodrigues; pref. Armando Ventura Ferreira. – 3ª ed. revista. – Lisboa: Bertrand, [1969]. – 303, [2] p. ; 21 cm. – (Autores portugueses)
MNR RDR/Lit/1893

256) A porta dos limites / Urbano Tavares Rodrigues; pref. Fernando Namora. – 4ª ed. – Amadora: Bertrand, imp. 1979. – 307, [2] p. ; 21 cm. – (Autores da Língua Portuguesa)
MNR RDR/Lit/255

257) Realismo, arte de vanguarda e nova cultura / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. revista e aumentada. – Porto: Nova Crítica, imp. 1978. – 181, [10] p. ; 21 cm. – (Biblioteca Nova Crítica ; 9)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

258) Redescoberta da França / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Seara Nova, 1973. – 100, [3] p. ; 19 cm. – (Cadernos Seara Nova. Leste a Oeste)
MNR RDR/Lit/1004

259) Registos do Outono quente e algumas notas de viagem / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa : Seara Nova, 1976. – 95, [3] p. ; 19 cm. – (Cadernos Seara Nova. Actualidade nacional)
Obra autografada pelo autor
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

260) Roteiro de emergência / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Portugalá, 1966. – 276, [11] p. ; 16 cm. – (O livro de bolso ; 87/88)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

261) A samarra / Urbano Tavares Rodrigues; pref. José Saramago. – [Lisboa]: Estúdios Cor, 1964. – 29, [3] p. : il. ; 20 cm
Contém desenhos de Cipriano Dourado.
Obra autografada pelo autor
MNR Biblioteca Particular Alves Redol

262) A saudade na poesia Portuguesa / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Portugalá, [1967]. – 235, [6] p. ; 19 cm. – (Antologias universais. Poesia ; 7)
MNR RDR/Lit/3162

263) O supremo interdito / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. – Mem Martins: Publicações Europa-América, [2000]. – 194, [2] p. ; 23 cm. – (Contemporânea ; 31)
ISBN 972-1-04803-8
MNR RDR/Lit/6620

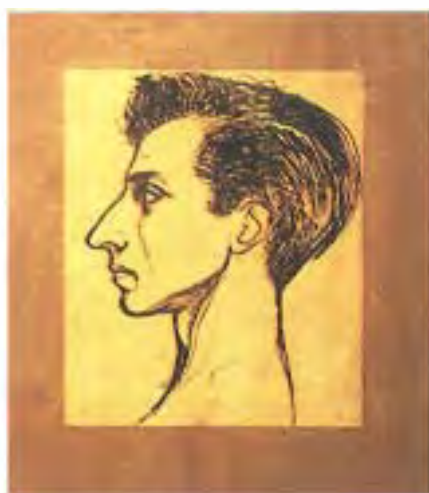
264) O tema da morte: ensaios / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. – [S. l.]: Cronos, imp. 1966. – 166, [2] p. ; 19 cm. – (Cronos ; 1)
Obra autografada pelo autor dirigida a Rogério Fernandes
MNR RDR/Ens/3972

265) Tempo de cinzas / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Ulisseia, 1968. – 202, [5] p. ; 19 cm. – (Sucessos literários ; 52)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

266) Terra ocupada / Urbano Tavares Rodrigues. – [Amadora]: Bertrand, 1964. – 228, [3] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral



cat. 156



cat. 157

cat. 164



cat. 159



cat. 162



cat. 170

267) Terra ocupada / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. revista. – [Amadora]: Bertrand, 1972. – 244, [1] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
MNR RDR/Lit/1239

268) As torres milenárias: peça em dois actos / Urbano Tavares Rodrigues. – 2ª ed. – Amadora: Bertrand, 1975. – 174, [1] p. ; 19 cm
MNR RDR/Lit/258

269) Viagem à União Soviética : e outras páginas / Urbano Tavares Rodrigues. – [3ª ed.]. – Lisboa: Seara Nova, [1975]. – 212, [3] p. ; 19 cm. – (De Leste a Oeste)
MNR RDR/Lit/1002

270) Viamorolência / Urbano Tavares Rodrigues. – Amadora: Bertrand, 1976. – 151, [2] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
Obra autografada pelo autor dirigida a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

271) Vida perigosa / Urbano Tavares Rodrigues. – [Lisboa]: Bertrand, 1955. – 201, [2] p. ; 19 cm
MNR RDR/Lit/631

272) Vida perigosa / Urbano Tavares Rodrigues ; pref. David Mourão-Ferreira. – 2ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, [1970]. – 242 p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
Obra autografada pelo autor dirigida a Rogério Fernandes
MNR RDR/Lit/3980

273) Vida perigosa / Urbano Tavares Rodrigues; pref. da 2ª ed. por David Mourão-Ferreira. – 3ª ed. revista. – Amadora: Bertrand, 1974. – 242, [1] p. ; 19 cm. – (Autores portugueses)
MNR RDR/Lit/262

274) 21 dias de luta / Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Seara Nova, 1975. – 81, [4] p. ; 19 cm. – (Cadernos Seara Nova. Actualidade nacional)
MNR RDR/Ens/1390

275) Bastarde der sonne = Bastardos do Sol / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Gudrun Hohl ; epílogo de José Coutinho. – Leipzig (Alemanha): Neues Leben, 1978. – 143, [1] p. ; 20 cm. – (Buchclub ; 65)
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

276) Die hitzewelle = Vaga de calor / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Curt Meyer-Clason. – Erkelenz (Alemanha): Altius, 1997. – 168 p. ; 20 cm. – (Altius Edition Portugal ; 1)
ISBN 3-932483-02-2
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

277) Der schwarze Karneval = Carnaval negro / Urbano Tavares Rodrigues. – Leipzig (Alemanha): Philipp Reclam, 1982. – 115, [5] p. ; 18 cm. – (Universal bibliothek)
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

278) Filipa în ziua aceea = Filipa nesse dia / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Micaela Ghiteșcu. – București (Bucareste, Roménia): Edinter, 1991. – 103, [1] p. ; 16 cm. – (Biblioteca Universala)
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

279) Nesupusii = Insubmissos ; sfîrsit de exil = Exílio perturbado / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Micaela Ghiteșcu. – București (Bucareste, Roménia): Univers, 1987. – 374, [2] p. ; 20 cm
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

280) Bâtards du soleil = Bastardos do Sol / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. René Quemserat. – Paris: La Différance, 2006. – 125, [2] p. ; 17 cm. – (Minos / Colette Lambrichs)
ISBN 2-7291-1640-0
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

281) La fleur d'utopie = A flor da utopia / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. João Carlos Vitorino Pereira. – Ed. bilingue. – Paris: L'Harmattan, 2007. – 108, [1] p. ; 22 cm. – (Ecritures)
ISBN 978-2-296-03163-0
Coleção Urbano Tavares Rodrigues

282) L'imitation du bonheur = Imitação da felicidade / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Joaquim Vital. – Paris: La Différence, 1999. – 143, [1] p. ; 20 cm. – (Littérature étrangère) ISBN 2-7291-1219-7

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

283) Les oiseaux de la nuit = As aves da madrugada / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Françoise Laye. – Paris: La Différence, 1991. – 99, [4] p. ; 20 cm. – (Latitudes) ISBN 2-7291-0624-3

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

284) Terres promises = Terra prometida / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Marie-Hélène Piwnik. – Paris: La Différence, 2000. – 88, [8] p. ; 20 cm. – (Littérature étrangère) ISBN 2-7291-1306-1

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

285) L'or et le rêve = O ouro e o sonho / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Françoise Laye. – Paris: La Différence, 2000. – 158, [2] p. ; 20 cm. – (Littérature étrangère) ISBN 2-7291-1321-5

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

286) Tu ne tueras point = O supremo interdito / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Marie-Hélène Piwnik. – Paris: La Différence, 2001. – 199, [7] p. ; 20 cm. – (Littérature étrangère) ISBN 2-7291-1362-2

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

287) Violeta et la nuit = Violeta e a noite / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Marie-Hélène Piwnik. – Paris: La Différence, 2006. – 172, [3] p. ; 20 cm. – (Littérature étrangère) ISBN 2-7291-1639-7

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

288) Bastardos del Sol = Bastardos do Sol / Urbano Tavares Rodrigues ; trad. Pilar Iparagirre. – Nafarroa (Espanha): Txalaparta, 2002. – 140, [2] p. ; 22 cm ISBN 84-8136-240-9

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

289) European Union: selected short stories from EU countries. – [S. l.: s. n.], 2003. – 282 p. ; 20 cm. – (Tales from European Union). – Contém: [Uma noite e nunca] / Urbano Tavares Rodrigues. – 57-79 p.

Obra monográfica em caracteres chineses ISBN 7-80040-701-2

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

290) Imitacja szczęścia = Imitação da felicidade / Urbano Tavares Rodrigues. – Kraków (Cracóvia, Polónia): Wydawnictwo Literackie, imp. 1980. – 160, [3] p. ISBN 83-08-00256-0

Colecção Urbano Tavares Rodrigues

291) Alentejo sempre / Urbano Tavares Rodrigues
In: Uma certa maneira de cantar / Coord. Vítor Louro... [et al.]. – Lisboa: Edições Avante, imp. 1977. – p. 53
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

292) Imagens da mulher na literatura portuguesa do século XX / Urbano Tavares Rodrigues
In: A mulher na sociedade contemporânea / Org. Secção Cultural da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa. – Lisboa: Prelo, imp. 1969. – p. 187-220

Contém assinatura de Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

293) O lencinho de seda / Urbano Tavares Rodrigues
In: Seis contistas alentejanos / dir. Garibaldino de Andrade [e] Leonel Cosme. – Angola: Imbondeiro, 1963. – p. 80-104
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

294) Terra vermelha / Urbano Tavares Rodrigues
In: A semente nas palavras: antologia / Alves Redol... [et al.]. – 2ª ed. modificada. – Coimbra: Centelha, 1977. – p. 179-193
Contém dedicatória de José Manuel Mendes a Alexandre Cabral
MNR Biblioteca Particular Alexandre Cabral

295) Crónica do tempo / Maria Isabel Barreno ; nota biobibliográfica Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Planeta DeAgostini, 2000. – 306 p. ; 21 cm. – (Os grandes escritores portugueses actuais / dir. Urbano Tavares Rodrigues)
ISBN 972-747-438-1
MNR BRR/Lit/6760

296) Homens e cães / A. Vicente Campinas ; pref. Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Alfaómega, 1979. – 148, [4] p. ; 21 cm. – (Autores ; 1)
MNR CMP/Lit/1288

297) Magia alentejana: poesia e desenhos / José da Fonte Santa ; pesq. e rec. Isabel da Fonte Santa ; pref. Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Colibri ; Santiago do Cacém: Câmara Municipal, 1999. – 246, [1] p. ; 23 cm
MNR Espólio José da Fonte Santa

298) No meu tempo / Alexandre Babo ; pref. Urbano Tavares Rodrigues. – Porto: Campo das Letras, 1999. – 130 p. ; 21cm
ISBN 972-610-213-8
MNR BB/Lit/6534

299) Respondo por mim / Orlando Neves ; pref. Urbano Tavares Rodrigues. – [Lisboa]: Novo Mundo, [s. d.]. – 92 p. ; 19cm. – (Cadernos de poesia)
NVS/ Lit/ 1271

300) Os desesperados: conferência em forma de drama em duas partes / Costa Ferreira ; pref. Urbano Tavares Rodrigues. – Lisboa: Minotauro, 1961. – 134 p. ; 20cm. – (Colecção de teatro)
Esta peça foi recusada pelo Conselho de Leitura do D. Teatro Nacional D. Maria II, para a temporada 1961-62
FRR/ Lit/ 2203

301) Memória das palavras: Urbano Tavares Rodrigues [Registo vídeo] / realizado por António Castanheira. – Lisboa: Cão Menor, 2008. – 1 DVD: color.

O documentário retrata a vida e a obra intervencionista do escritor Urbano Tavares Rodrigues.

Montagem do realizador António Castanheira com excertos da edição original e outros inéditos, para passar nesta exposição.

MNR L/ 336



As Pombas são Vermelhas
1977. 1ª ed. Liv. Bertrand
cat. 252

NUS e SUPPLICANTES URBANO TAVARES RODRIGUES



Nus e Suplicantes
1960. 1ª ed. Liv. Bertrand
cat. 241



Estrada de Morrer
1971. 1ª ed. Liv. Bertrand
cat. 210

Bibliografia*

Viagens e crónicas

Santiago de Compostela / 1949
Jornadas no Oriente / 1956
Jornadas na Europa / 1958
De Florença a Nova Iorque / 1963
Roteiro de Emergência / 1966
Tempo de Cinzas / 1968
A Palma da Mão / 1970 / 1974
Deserto com Vozes / 1971 / 1972
Esta Estranha Lisboa / 1972
Redescoberta da França (apreendido pela Censura) / 1973
Viagem à União Soviética e Outras Páginas / 1973 / 1973 / 1975
As Grades e o Rio / 1974
Perdas e Danos / 1974
Diário da Ausência e Textos de Presença Activa / 1975
Palavras de Combate / 1975
Registos de Outono Quente e Algumas Notas de Viagem / 1976
A Luz da Cal / 1996
Agosto no Cairo: 1956 / 1999
God Bless América / 2003

Ensaio e Crítica

Manuel Teixeira Gomes / 1950
Présentation de Castro Alves / 1954
O Tema da Morte na Moderna Poesia Portuguesa / 1957
O Alentejo (prefácio e selecção) / 1958 / 1959
O Mito de Don Juan e o Donjuanismo em Portugal / 1960 / 1981
Teixeira Gomes e a Reacção Antinaturalista / 1960
Noites de Teatro / 1961 e 1962 (2 vols.)
O Algarve na Obra de Teixeira Gomes / 1962 / 2001
O Romance Francês Contemporâneo / 1964
O Tema da Morte / 1966 / 1978

O Mundo do Toureio na Literatura de Língua Portuguesa (prefácio e selecção) / 1966
Realismo, Arte de Vanguarda e Nova Cultura / 1966 / 1978
A Saudade na Poesia Portuguesa (prefácio e selecção) / 1967
A Estremadura (prefácio e selecção) / 1968
Escritos Temporais / 1969
Poesia da Noite / 1970
Ensaio de Escrever / 1970 / 1978 / 2001
21 Dias de Luta / 1975.
Uma Etapa da Revolução / 1975
Ensaio de Após-Abril / 1977
Elegia à Esperança e Alguns Textos do Futuro Presente / 1977
O Gosto de Ler / 1980
Um Novo Olhar Sobre o Neo-Realismo / 1981
Manuel Teixeira Gomes: O Discurso do Desejo / 1984
A Horas e Desoras / 1993
Tradição e Ruptura / 1994
O Homem Sem Imagem: a Persistência das Marcas Surrealistas nos Romances de Aragon / 1995
Os Tempos e os Lugares na Obra Lírica, Épica e Narrativa de Manuel Alegre / 1996
O Cristal da Palavra: Cartas Inéditas de Manuel Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira (Correspondência) / 1999
Retratos para Aquilino (colabor.) / 2000
O Texto sobre o Texto: Uma Visão Sobre Literatura Portuguesa Contemporânea / 2001
A Flor da Utopia / 2003
O Algarve em Poemas / 2003
A Obra Literária de Álvaro Cunhal / Manuel Tiago Vista por Urbano Tavares Rodrigues / 2005

Ficção

A Porta dos Limites / 1952 / 1960 / 1970 / 1979 / 1990
Vida Perigosa / 1955 / 1970 / 1974 / 1985
A Noite Roxa / 1956 / 1967 / 1972 / 1976 / 1982
Uma Pedrada no Charco / 1957 / 1960 / 1967 / 1973 / 1998
Bastardos do Sol / 1959 / 1966 / 1972 / 1974 / 1982 / 1987 / 1994
As Aves da Madrugada / 1959 / 1966 / 1970 / 1974 / 1990
Nus e Suplicantes 1960 / 1962 / 1970 / 1972 / 1978
Os Insubmissos / 1961 / 1965 / 1969 / 1971 / 1973 / 1976 / 2001
Exílio Perturbado / 1962 / 1969 / 1982
Uma Noite e Nunca / 1962
As Máscaras Finais / 1963 / 1971 / 2000
Terra Ocupada / 1964 / 1972 / 2001
A Samarra / 1964
Dias Lamacentos / 1965 / 1972 / 1989 / 1998

Imitação da Felicidade / 1966 / 1974 / 1988
Despedidas de Verão / 1967 / 1974
Carnaval Negro / 1967 / 2005
Casa de Correção / 1968 / 1972 / 1987
Horas Perdidas / 1969 / 1973
Contos da Solidão / 1970 / 1972 / 1975 / 1992
As Torres Milenárias (teatro) / 1971 / 1975 / 2001
Estrada de Morrer / 1971 / 1976 / 1996
A Impossível Evasão / 1972
Viamorolência / 1976 / 1987
As Pombas são Vermelhas / 1977 / 1985
Dissolução / 1974 / 1983 / 1999 / 2000
Estórias Alentejanas / 1977
Desta Água Beberei / 1979 / 1986
Abecê da Negação / 1980
Fuga Imóvel / 1982 / 1992
Oceano Oblíquo / 1985
A Vaga de Calor / 1986 / 1986 / 1987
Filipa Nesse Dia / 1989
Violeta e a Noite / 1991
Deriva / 1993
A Hora da Incerteza / 1995
O Ouro e o Sonho / 1997
Os Campos da Promessa / 1998
O Adeus à Brisa / 1998
O Último Dia e o Primeiro / 1999
O Supremo Interdito / 2000
Nunca Diremos Quem Sois / 2002 / 2003 / 2003
A Estação Dourada / 2003
Zona Xis / 2003
O Eterno Efêmero / 2005 / 2006 / 2008
Ao Contrário das Ondas / 2006 / 2007
O Cavalo da Noite / 2006.
Os Cadernos Secretos do Prior do Crato / 2007
A Última Colina / 2008

Poesia

Os Rostos da Índia e Alguns Sonhos / 2005

*Principais obras monográficas do autor

Em 1991,



Índice

Urbano Tavares Rodrigues: o escritor incansável	7
Maria da Luz Rosinha Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira	
Apresentação	11
David Santos Coordenador do Museu do Neo-Realismo	
Alvor de um poeta de generosidade militante	15
Luisa Duarte Santos Curadora da Exposição	
Estórias de um escritor: "[...] é aquilo que sou de vocação e ofício [...]"	35
Sílvia de Araújo Igreja Curadora da Exposição	
Cinza e rosa no eixo do real	51
Nuno Júdice	
Mensagem	59
Urbano Tavares Rodrigues	
Catálogo	61
Bibliografia	97

Escritor, professor, jornalista, ensaísta e crítico literário, Urbano Tavares Rodrigues (Lisboa, 1923) apresenta uma obra de grande diversidade de género (ficção, crítica, ensaio, crónica) e temática (amor, morte, consciência, liberdade, individualidade, esperança) desenvolvendo-a em torno dos sentimentos e ideias, criando personagens de grande realismo psicológico, onde as questões eróticas, socio-económicas e ético-políticas se expressam como inquietação, crítica ou mesmo denúncia a um certo quotidiano da sociedade portuguesa, numa aproximação ao universo cultural neo-realista.

Rosto da oposição à ditadura, de generosa e continuada resistência em prol da liberdade e da dignidade, soube através dos seus gestos, encarar a literatura não apenas como ferramenta de comunicação, mas também como arma de intervenção, assumindo a palavra como essência de vida – o seu Escrever.